

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA**



**DISSERTAÇÃO**

**JÓQUEI CLUBE DE PELOTAS:  
ASSOCIATIVISMO, SOCIABILIDADES E CIVISMO – 1930 A 1955**

**Francisca Mesquita Jesus**

**Pelotas (RS), setembro de 2021**

**FRANCISCA MESQUITA JESUS**

**JÓQUEI CLUBE DE PELOTAS:  
ASSOCIATIVISMO, SOCIABILIDADES E CIVISMO – 1930 A 1955**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestra em História.

Orientadora: Profa. Dra. Dalila Müller

**Pelotas (RS), setembro de 2021**

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

J58j Jesus, Francisca Mesquita

Jóquei Clube de Pelotas : associativismo, sociabilidades e civismo - 1930 a 1955 / Francisca Mesquita Jesus ; Dalila Müller, orientadora. — Pelotas, 2021.

130 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Sociabilidade. 2. Associativismo. 3. Jóqueis clubes. 4. Hipódromos. 5. Jockey Club de Pelotas. I. Müller, Dalila, orient. II. Título.

CDD : 981.65

## FRANCISCA MESQUITA JESUS

### JÓQUEI CLUBE DE PELOTAS: Associativismo, Sociabilidades e Civismo – 1930 a 1955

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestra em História.

Data da defesa: 27 de setembro de 2021

Banca examinadora:

Profa. Dra. **Dalila Müller (orientadora)**

Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, Brasil.

Prof. Dr. **Alan Dutra de Melo**

Doutor em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, UFPEL, Brasil.

Prof. Dr. **Jonas Moreira Vargas**

Doutor em História Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil.

Profa. Dra. **Dalila Rosa Hallal**

Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil.

## Agradecimentos

Saúdo a toda a minha ancestralidade, a todas as mulheres de minha família que me antecederam. Minha avó Ida Furtado e minha bisavó materna Rosa, lavadeiras de profissão. Minha bisavó paterna, Francisca de Paula Castro Moreira, de origem portuguesa, benzedeira, católica fervorosa, que fez questão de deixar seu nome nos vitrais da catedral São Francisco de Paula, de Pelotas (RS). Sua filha, Conceição Moreira de Jesus, trabalhadora sindicalizada da Cosulã, foi institucionalizada por 30 anos no manicômio São Pedro, em Porto Alegre (RS), vítima do patriarcado da década de 1950, silenciada por se insurgir por seus direitos e por sua liberdade.

A essas mulheres, que abriram e iluminaram minha caminhada, só posso me sentir grata. Dedico este momento a minha mãe, que sempre acreditou na educação como saída para as lutas e escrevessências de nossas vidas.

Agradeço a meu companheiro Jucenir Rocha por acreditar sempre em todos os meus sonhos e projetos de vida e tornar possível minha trajetória até aqui. Aos meus filhos Luca, Helena, Flaviano e Flamel, que trilharam comigo esse caminho, sabendo sempre me motivar em todos nossos momentos mais difíceis. Estendo aqui meu carinho e afeto a um amigo querido que me incentivou na escrita desse trabalho, acreditando sempre em mim.

Esses tempos também foram de encontros com pessoas que levo para minha vida. Foram, além de colegas, companheiros de incertezas, madrugadas, leituras, sorrisos e da vida: Amilcar, Carol, Mari, meu eterno carinho.

Coloco aqui meu agradecimento à minha orientadora, Dalila Müller. Companheira, paciente em momentos difíceis, mostrou-me a descoberta de novas possibilidades de escrita.

Encerro dizendo que foram momentos extremamente difíceis para mim e minha família. Enfrentamos a pandemia, adoecemos, lutamos pela vida e nos despedimos de pessoas amadas. Foi de dor cada adeus, mas certamente esse período nos tornou mais unidas e fortes.

Penso que levamos sempre um pouco de cada um que encontramos no nosso caminho. E é assim que me entendo como pessoa e profissional. Realizar esse trabalho certamente se mostrou um desafio, algo que realmente foi além de

tudo que já realizei. Guardo com carinho todos esses momentos: de sorrisos, de choro, de solidão e, principalmente, de lutas.

Agradeço aos professores que participaram de minha Qualificação, Professor Dr. Alan Dutra e Professor Dr. Jonas Vargas.

Registro aqui a importância de minha Bolsa PIB, assim como a UFPEL por entenderem importante a permanência de bolsistas dessa modalidade na Universidade, que, mesmo com o corte de verbas do governo federal e o não repasse do valor dessas bolsas em 2020, retirou do próprio orçamento as 12 parcelas pertinentes.

Entendo como resultado de lutas que se consolidaram de 2007 a 2011, dentro de um processo de ações e políticas públicas em um período de governo realmente de abertura democrática e voltado à construção popular.

Lutar é abrir caminho para que outros possam vir. Nossa escrita deve servir para uma função social, política e de possibilidade de acessos a direitos. Não podemos fechá-la em salas e sim abri-la e espalhá-la para todos que queiram beber dessa fonte.

*“É Tempo de Nos Aquilombar”  
É tempo de caminhar em fingido silêncio,  
e buscar o momento certo do grito,  
aparentar fechar um olho evitando o cisco  
e abrir escancaradamente o outro.*

*É tempo de fazer os ouvidos moucos  
para os vazios lero-leros,  
e cuidar dos passos assuntando as vias  
ir se vigiando atento, que o buraco é fundo.*

*É tempo de ninguém se soltar de ninguém,  
mas olhar fundo na palma aberta  
a alma de quem lhe oferece o gesto.  
O laçar de mãos não pode ser algema  
e sim acertada tática, necessário esquema.*

*É tempo de formar novos quilombos,  
em qualquer lugar que estejamos,  
e que venham os dias futuros, salve 2020,  
a mística quilombola persiste afirmando:  
“a liberdade é uma luta constante”.  
(Poema, Conceição Evaristo)*

As marcas das lutas carrego no rosto, as marcas das lutas das que me antecederam carrego em minha alma, ninguém mais há de prender, ninguém mais há de conter, é só um grito e um choro que se esvai ao longo do caminho, mas o punho cerrado e a cabeça erguida de que a história jamais caberá em um pedaço de papel.

Francisca Jesus

## Resumo

JESUS, Francisca Mesquita. **Jóquei Clube de Pelotas: associativismo, sociabilidades e civismo – 1930 a 1955**. Orientadora: Dalila Müller. 2021. 130f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

O objetivo principal deste trabalho é estudar a trajetória do Jockey Club de Pelotas, localizado na cidade de Pelotas (RS). Pretende-se analisar a história da entidade no período de 1930, quando muda sua sede para a zona norte da cidade, a 1955, quando nela se identifica um forte discurso nacionalista, segundo os jornais locais pesquisados para a pesquisa. Segundo entendemos, o discurso nacionalista influenciou a forma como a entidade se posicionou no contexto social, modificando até mesmo a escrita de seu nome. Acompanhando o objetivo principal, há três objetivos específicos: identificar as principais atividades desenvolvidas pela associação no período; identificar aspectos que contribuíram para a utilização do discurso nacionalista na entidade; identificar que sócios participavam da diretoria do Jockey Club de Pelotas nas décadas de 1930 a 1955 e de que forma atuavam na cidade de Pelotas no período. O recorte temporal se justifica inicialmente pela mudança das atividades da entidade do bairro Fragata, onde funcionava desde a década de 1870, para a zona norte da cidade, no ano de 1930, período que representa o seu apogeu. Da década de 1940 até 1955, data em que demarcamos como final de nosso marco temporal, o Jubileu do Jóquei Clube de Pelotas, período que se observa uma busca acentuada pelo nacionalismo, acompanhando os discursos políticos em nível nacional e local, conforme pesquisas em fontes jornalísticas, acervos digitais e documentação em arquivo físico que trataremos de forma mais aprofundada ao longo do trabalho. O Jockey Club de Pelotas é o único da região que ainda se encontra em funcionamento. Isso demonstra a sua importância para a cidade. São mais de 100 anos de funcionamento. Encontramos poucos trabalhos específicos sobre o Jockey Club de Pelotas ou sobre o Hipódromo da Tablada e nenhum, até onde essa pesquisa avançou, traça a trajetória da forma como procuramos fazer nessa dissertação, e com este recorte temporal. Acreditamos que essa pesquisa venha a suprir uma lacuna historiográfica sobre o tema e sobre a cidade. Com relação ao referencial teórico, trabalhamos com a perspectiva historiográfica que se caracteriza pela inclusão de novos temas de pesquisa nos estudos da área. Entre eles, o associativismo. Portanto, procuramos apontar uma multiplicidade de olhares que irão compor essa trajetória, alicerçada nas relações de poder e nas composições associativistas. A análise de trajetória do Jockey Club de Pelotas mostra que suas etapas de expansão espelham os avanços da cidade.

**Palavras-chave:** Sociabilidade. Associativismo. Jóqueis Clubes. Hipódromos. Jockey Club de Pelotas.

## Resumen

JESUS, Francisca Mesquita. **Jockey Clube de Pelotas: asociativismo, sociabilidades y civismo - 1930 a 1955**. Asesora: Dalila Müller. 2021. 130f. Disertación (Maestría en Historia) - Centro de Filosofía y Ciencias Humanas. Universidad Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

El objetivo principal de este trabajo es estudiar la trayectoria del Jockey Club de Pelotas, ubicado en la ciudad de Pelotas (RS). Se pretende analizar la historia de la entidad en el período desde 1930, cuando trasladó su sede al norte de la ciudad, hasta 1955, cuando se identificó en ella un fuerte discurso nacionalista, según los diarios locales encuestados para la investigación. Tal como lo entendemos, el discurso nacionalista influyó en la forma en que la entidad se posicionó en el contexto social, incluso modificando la escritura de su nombre. Siguiendo el objetivo principal, existen tres objetivos específicos: identificar las principales actividades desarrolladas por la asociación durante el período; identificar aspectos que contribuyeron al uso del discurso nacionalista en la entidad; identificar qué miembros participaron en la junta directiva del Jockey Club de Pelotas desde la década de 1930 hasta 1955 y cómo operaban en la ciudad de Pelotas en ese momento. El marco temporal se justifica inicialmente por el cambio de actividad de la entidad desde el barrio de Fragata, donde operaba desde la década de 1870, hacia la zona norte de la ciudad, en 1930, período que representa su apogeo. Desde la década de 1940 hasta 1955, fecha en la que marcamos el Jubileo del Jockey Clube de Pelotas como el final de nuestro marco temporal, un período en el que existe una marcada búsqueda del nacionalismo, siguiendo los discursos políticos a nivel nacional y local, según investigar en fuentes periodísticas, colecciones digitales y documentación en archivo físico que profundizaremos a lo largo del trabajo. El Jockey Club de Pelotas es el único de la región que aún se encuentra en funcionamiento. Esto demuestra la importancia del Jockey Club de Pelotas para la ciudad. Son más de 100 años de funcionamiento. Encontramos pocos trabajos específicos sobre el Jockey Club de Pelotas o sobre el Hipódromo da Tablada y ninguno, hasta donde ha llegado esta investigación, traza la trayectoria de la forma en que intentamos hacer esta disertación, y con este marco de tiempo. Creemos que esta investigación llenará un vacío historiográfico sobre el tema y sobre la ciudad. En cuanto al marco teórico, trabajamos con una perspectiva historiográfica que se caracteriza por la inclusión de nuevos temas de investigación en los estudios del área. Entre ellos, el asociativismo. Por ello, buscamos señalar una multiplicidad de visiones que conformarán esta trayectoria, a partir de relaciones de poder y composiciones asociativas. El análisis de la trayectoria del Jockey Club de Pelotas muestra que sus etapas de expansión reflejan los avances de la ciudad.

Palabras clave: Sociabilidad. Asociativismo. Jockey Clubs. Hipódromos. Jockey Club de Pelotas.

## Lista de Figuras

Figura 1 – Primeiros bondes na cidade de Pelotas, movidos à tração animal .....	48
Figura 2 – Bonde de tração animal nos portões do Parque Souza Soares no Fragata (1873) .....	49
Figura 3 – Turfmen Zeferino Costa encilhando seu cavalo puro-sangue Atheniense .....	54
Figura 4 – Coronel Zeferino Costa Filho, construtor do Jóquei Clube de Pelotas.....	70
Figura 5 – Hipódromo da Tablada, 1935 .....	71
Figura 6 – Hipódromo da Tablada, 1935 .....	72
Figura 7 - Recepção na Associação Comercial de Pelotas .....	73
Figura 8 - Coquetel alusivo ao Grande Prêmio Princesa do Sul oferecido no Salão Azul da sede social do Jóquei Clube de Pelotas, localizada na rua Sete de Setembro .....	75
Figura 9 – Anúncio de melhoramentos na entidade .....	76
Figura 10 – A expansão em direção às camadas populares .....	76
Figura 11 – As medidas de ampliação .....	77
Figura 12 – “Dias mais prósperos” .....	77
Figura 13 – O Jubileu .....	77
Figura 14 – O “Jockey Clube” no jornal AAlvorada.....	80
Figura 15 – Mudança da grafia no nome da instituição .....	84
Figura 16 - Resultados de palpites.....	87
Figura 17 – Placa em homenagem à primeira jóquei aprendiz do Brasil, .....	92
Figura 18 - Formação da Liga Pró-defesa de Pelotas .....	93
Figura 19 – Artigo de Jarbas Plínio de Melo sobre o Jóquei Clube de Pelotas.....	95
Figura 20 – Diretoria do Jockey Club de Pelotas, 1935.....	97
Figura 21 – Anúncio sobre o Grande Prêmio Princesa do Sul.....	98
Figura 22 – Destaque de página inteira anunciando a diretoria.....	99
Figura 23 – Diretoria do Jóquei Clube de Pelotas, 1943 .....	100
Figura 24 – Vitor Morrone, presidente do Jóquei Clube de Pelotas em 1943 .....	100
Figura 25 – Morte de Armando Coelho Borges em 1944, sepultado na tarde do Grande Prêmio Princesa do Sul .....	101
Figura 26 – Nota da diretoria suspendendo as comemorações pelo 14 <sup>o</sup> aniversário do Jóquei Clube de Pelotas .....	102
Figura 27 – Reportagem homenageando a trajetória de Zeferino Costa .....	102
Figura 28 – Aquisição do terreno do Hipódromo da Tablada em 1954.....	103

## Lista de Tabelas

Tabela 1 – Comparativo de pessoas alfabetizadas e não alfabetizadas no ano de 1920 na cidade de Pelotas (RR) .....	<b>37</b>
Tabela 2 – Comparativo de pessoas alfabetizadas e não alfabetizadas .....	<b>37</b>
Tabela 3 – Pessoas de 10 anos e mais que concluíram o curso básico completo ...	<b>37</b>
Tabela 4 – Comparativo de pessoas por área de atividades em 1920 na cidade de Pelotas (RS).....	<b>39</b>
Tabela 5 – Comparativo de pessoas por área de atividades em 1940 na cidade de Pelotas (RS).....	<b>40</b>
Tabela 6 – Fases do Jockey Club de Pelotas .....	<b>61</b>
Tabela 7 – Prados e hipódromos no Rio Grande do Sul .....	<b>62</b>
Tabela 8 – Vencedores do Grande Prêmio Princesa do Sul até 1955 .....	<b>82</b>
Tabela 9 – Vencedores do Grande Prêmio Princesa do Sul até até 2015 .....	<b>84</b>
Tabela 10 – Presidentes do Jockey Club de Pelotas, ano de atuação e profissões/realizações.....	<b>96</b>

## Sumário

### **INTRODUÇÃO**10

### **CAPÍTULO 1 – PELOTAS: CONTEXTO SOCIOECONÔMICO E POLÍTICO NAS DÉCADAS INICIAIS DO SÉCULO XX**26

- 1.1 A FORMAÇÃO DE UMA ESTRUTURA URBANA APOIADA NA REDE INDUSTRIAL ..... 26
- 1.2 A NOVA CONSTITUIÇÃO DA MÃO DE OBRA URBANA, AS NOVAS DINÂMICAS DAS  
RELAÇÕES DE TRABALHO ..... 33
- 1.3 A MODERNIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO E AS NOVAS RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE  
ATRAVÉS DA DIVERSIDADE SOCIAL..... 41

### **CAPÍTULO 2 – O JOCKEY CLUB DE PELOTAS – HIPÓDROMO DA TABLADA E SUAS VÁRIAS FASES**46

- 2.1 A TRAJETÓRIA DO JOCKEY CLUB DE PELOTAS ..... 46
- 2.2 HIPÓDROMO DA TABLADA – 1930: O SONHO SE ESTRUTURA ..... 62
- 2.3 O JUBILEU DE PRATA: 25 ANOS DE ATIVIDADES EM PROL DO ESPORTE DOS REIS..... 72

### **CAPÍTULO 3 – AS ATIVIDADES DO JOCKEY CLUB E SEUS PARTICIPANTES**79

- 3.1 AS ATIVIDADES DO JOCKEY CLUB DE PELOTAS ..... 79
- 3.2 A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NOS CONCURSOS TURFÍSTICOS COMO ATRATIVO DE  
ENTRETENIMENTO E LAZER NA DÉCADA DE 1940 ..... 89
- 3.3 O CORPO DIRETIVO E OS SÓCIOS: ASSOCIATIVISMO OU CORPORATIVISMO ..... 93

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**.....105

### **REFERÊNCIAS**.....109

### **ANEXOS**.....117

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar a trajetória do Jockey Club de Pelotas, localizado na cidade de Pelotas (RS), entre os anos de 1930 e 1955. O recorte temporal se justifica inicialmente pela mudança de suas atividades do bairro Fragata, onde funcionava desde a década de 1870, para a zona norte da cidade, no ano de 1930, período que representa o seu auge. Já nas décadas de 1940 até o final do marco temporal aqui estabelecido se observa uma busca acentuada pelo nacionalismo, acompanhando os discursos políticos em nível nacional e local, conforme pesquisas em fontes jornalísticas que traremos de forma mais aprofundada ao longo do trabalho.

As décadas de 1940 e 1950 acabam por influenciar a maneira como a entidade se entende dentro desse discurso de valorização do mercado nacional, nesse nacionalismo que valoriza o mercado econômico interno, qualifica e aparelha a mão de obra local, com investimentos em educação, voltada ao ensino técnico, e desvalorização do mercado externo. A nomenclatura Jockey Club de Pelotas, surgida ainda no século XIX, é alterada para Jóquei Clube de Pelotas, transição claramente percebida através das fontes jornalísticas pesquisadas nesse marco temporal.

Para analisar a trajetória do Jockey Club de Pelotas dentro dessa perspectiva temporal, voltamo-nos à história dessa entidade, que surgiu ainda no século XIX como uma proposta associativista com fins recreativos. Em meados de 1878, a entidade, ainda com perfil associativista elitário, voltou-se para as corridas de cavalos, construindo sua sede esportiva no bairro Fragata.

A construção da sede no bairro Fragata possibilitou a realização das corridas e foi importante para a regulamentação das apostas. Também moldou novas perspectivas para o Jockey Club de Pelotas, que passou a ser conhecido como Prado Pelotense, inaugurando oficialmente um espaço para corridas de cavalos em 1878, segundo nota publicada no jornal *Correio Mercantil*<sup>1</sup>:

Amanhã às 3 horas da tarde inaugura-se o Prado Pelotense, pertencente à sociedade Jockey Club. Ali trabalhará a excelente companhia inglesa, em variadas corridas de cavalos e exercícios ginásticos. (CORREIO MERCANTIL, 1878, p. 2).

---

<sup>1</sup> Atentamos que as grafias dos jornais encontram-se atualizadas para melhor leitura.

Em 1930 a entidade transferiu-se para a zona norte da cidade de Pelotas, o que foi possível através de mobilização de um incentivador e sócio ativo do Jockey Clube de Pelotas, coronel Zeferino Costa Filho. Através de ligações com o governo do estado e com aliados no governo municipal, o coronel Zeferino Costa Filho conseguiu a liberação de um terreno na área da Tablada<sup>2</sup>, conforme se pode constatar através da escritura do Jockey Club no Cartório de Registro de Imóveis da cidade de Pelotas, conforme apurado em nossa pesquisa e indicado através de nossas fontes jornalísticas.

No século XIX, funcionava na Tablada importante feira de gado e comércio de escravos. O terreno era estratégico, em virtude do maior espaço, podendo abrigar vasta pista de corridas e luxuoso pavilhão para apostas e reuniões sociais. Foi quando se constituiu de maneira efetiva o Hipódromo da Tablada, projetando o Jockey Club em âmbito nacional e internacional.

Com a construção do novo hipódromo, em 1936 foi organizado o Grande Prêmio Princesa do Sul, cujo nome é alusivo à alcunha da cidade de Pelotas<sup>3</sup>. Esse evento continua sendo realizado até os dias de hoje.

Em 1948, a entidade comprou o casarão situado nas esquinas das ruas Sete de Setembro com Félix da Cunha, no perímetro central da cidade de Pelotas, para servir como sua sede social. Este foi o período do auge da associação. Porém, o Jockey Club de Pelotas começou a passar por diversas crises de caráter financeiro, que perduram até os dias atuais. Para tentar resolver seus problemas, principalmente financeiros, a entidade subdividiu a sede social e alugou suas dependências<sup>4</sup>.

– Era sede social, fazíamos festas de eleições do clube, os associados podiam franquear o local para eventos particulares – lembra Jarbas Plínio de Mello, que

---

<sup>2</sup> “A Tablada, como foi chamado o lugar para onde o gado era trazido para ser comercializado, representou uma melhoria no processo de produção da carne salgada. O charqueador não precisava mais arriscar-se em viagens para comprar o gado, podia escolher, pechinchar, etc. Todo esse comércio de gado impulsionou o crescimento do núcleo urbano que se formava. Fazendeiros, depois de realizarem suas vendas, peões, após receberem por seu trabalho, iam para a cidade”. (GUTIERREZ, 2001, p. 172).

<sup>3</sup>“Concluimos que o cognome, produto do imaginário social, já estaria consagrado em 1863, sendo apenas referendado por Antônio Soares da Silva em seu poema — e a prova disso estaria implícita no próprio texto do poema: “a Pátria (...) te aclama”, isto é, nessa ocasião os brasileiros já tratavam Pelotas de Princesa do Sul” (MAGALHÃES, 2017, p. 228).

<sup>4</sup> Enquanto propriedade do Jockey Club, além da função de sede social, a edificação teve diversos usos comerciais, como o Café Derby, que ocupou a esquina da parte térrea do edifício, na década de 1980 – época do Tombamento Municipal, através do Decreto nº 2.230, de 1986 (BERTONCINI, 2019, p. 94).

trabalhou por mais de 30 anos no Jockey Club. No entanto, dívidas forçaram a instituição a alugar espaços do prédio. – Tinha uma barbearia, boate, restaurante, bar e até jogatina nos fundos – lembra Dejene Lorenzi, artista plástica que acompanhou a restauração. (GAUCHAZH, 2013, s/p).

Várias medidas foram adotadas pelo Jockey Club de Pelotas para amenizar essas crises. Algumas vezes, com grandes polêmicas. Após superar essas adversidades, o Jockey Club de Pelotas acabou perdendo o prédio.

Por conta de dívidas, em 2003 a casa foi a leilão. E o tabelião Dario Lorenzi vislumbrou a oportunidade de adquirir um prédio próprio. Na época, o Projeto Monumenta, de caráter nacional, escolheu em conjunto com a prefeitura projetos de restauração privados. (GAUCHAZH, 2013, s/p).

Após a venda do imóvel, foi elaborado projeto que permitiu a restauração do prédio com recursos federais. Foi um dos primeiros prédios históricos da cidade a receber esses recursos.

No ano de 2008, o Hipódromo da Tablada foi notificado pelo Ministério da Agricultura por irregularidades, recebendo alerta de perda da Carta Patente (licença) para o desenvolvimento de corridas na sua vila hípica, caso não atendesse as exigências apontadas pelo órgão regulador<sup>5</sup>.

Ainda no mesmo ano, o Jockey Club de Pelotas foi incluído no novo Plano Diretor da cidade como Área de Especial Interesse Histórico e Cultural, o que acabou por agravar ainda mais a crise financeira da entidade.

[...] a Lei nº 4.673, de 2001, previa a preservação das raízes do hipódromo do Jockey Club, impedindo qualquer alteração e utilização dessa área de modo que ela fosse impedida de realizar a sua função social, que é a corrida de cavalos [...]. (PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2019, s/p).

Essa lei impedia que a entidade alugasse ou vendesse sua área externa para empresas privadas.

Em 2010, o Hipódromo da Tablada perdeu sua licença<sup>6</sup>, o que acabou por impedir a entidade de exercer suas atividades, culminando, enfim, com o seu

---

<sup>5</sup> De acordo com Zanella (2009, s/p), “a atual crise da entidade teve início em 2004, mas atingiu seu ápice em julho de 2008, quando o Ministério a notificou sobre o risco de cassação da Carta Patente (licença). A vistoria aponta quatro irregularidades básicas: a não apresentação do Relatório Anual de Demonstração Financeira, a não remessa mensal do Relatório de Apuração do Movimento Registrado, a terceirização das ações da Comissão de Corridas e a inexistência de alvará para o funcionamento do serviço de suporte para exploração de apostas”.

<sup>6</sup> “Durante o ano de 2010, a entidade teve sua Carta Patente cassada pelo Ministério da Agricultura, mas após uma ação conjunta entre diretoria e empresários locais, o Jockey Club de Pelotas

fechamento. A reviravolta se deu com a mobilização do empresariado local e dirigentes da entidade que, ainda no ano de 2010, conseguiram reverter à situação<sup>7</sup> e, após páreos comemorativos, garantiram o retorno das atividades.

Em 2019, as tratativas de instalação de lojas comerciais se intensificaram, com apoio da Prefeitura de Pelotas. Os impedimentos vinham do Plano Diretor de 2008, que havia transformado o local em Área de Especial Interesse Histórico e Cultural, e da Secretaria de Cultura da cidade.

No início do mês, o Conselho Municipal de Cultura (Concult), representado por seu presidente Daniel Barbier, apresentou ao Ministério Público uma denúncia contra a instalação de um complexo comercial em terrenos pertencentes ao Jockey Club, na avenida Salgado Filho. A iniciativa gerou insegurança jurídica nos investidores, colocando em risco não apenas a locação da área, mas também a existência do clube. Os conselheiros culturais alegam que o empreendimento irá descaracterizar a paisagem urbana, destruir a raia e ter impacto negativo no conjunto arquitetônico que pertence ao inventário de bens protegidos pelo município. (LIMA, 2019, s/p).

Por outro lado, a possibilidade da vinda de duas grandes redes de lojas para Pelotas gerou expectativa de novas frentes de trabalho direto e indireto na sociedade local.

A Secretaria de Cultura entrou com ação para apreciação pelo Ministério Público, solicitando que o local de instalação das lojas fosse revisto e discutido. A preocupação da Secretaria de Cultura estava relacionada ao prejuízo ao patrimônio histórico da cidade de Pelotas e ao impedimento legal de aluguel ou venda da área, previsto no Plano Diretor da cidade.

A discussão na comunidade pelotense alternava-se entre o progresso e geração de empregos, a preservação do patrimônio histórico da cidade e a sobrevivência do Jockey Club de Pelotas.

Ao final do ano de 2019, em uma audiência na Câmara de Vereadores da cidade, o Plano Diretor foi alterado, com o objetivo de permitir ao Jockey Club de Pelotas alugar suas dependências. O Ministério Público manifestou-se a favor da

---

conseguiu reabrir suas portas e retomar as atividades” (ClicRBS. Grande Prêmio Princesa do Sul marca retomada do Jockey Club de Pelotas, 2011, s/p. Disponível em: [www.clicrbs.com.br](http://www.clicrbs.com.br). Acesso em: 15 dez. 2020).

<sup>7</sup> “Estamos muito felizes em devolver para a comunidade este patrimônio. Nosso objetivo é que o JCP volte a ser uma referência de lazer para os pelotenses – [observa Mazza]. Ele salienta que a conquista foi uma batalha árdua, mas que contou com o apoio de muitas pessoas, norteadas pela certeza do valor do Jockey de Pelotas para o Rio Grande do Sul” (ClicRBS, Jockey Club será reaberto neste domingo, 2010, s/p. Disponível em: [www.clicrbs.com.br](http://www.clicrbs.com.br). Acesso em: 15 dez. 2020).

instalação das lojas nas dependências do hipódromo<sup>8</sup> e o apoio de grande parte da comunidade pelotense levou ao isolamento da Secretaria de Cultura.

Após todas as licenças serem concedidas e entregues em cerimônia pela prefeita da cidade<sup>9</sup>, os representantes das lojas e do Jockey Club de Pelotas validaram o acordo de aluguel por 30 anos, renováveis por mais 30 anos.

Em fevereiro de 2020, o Hipódromo da Tablada passou por sua terceira inauguração<sup>10</sup>, após reformas em suas dependências e regularização trabalhista dos funcionários que prestavam serviços na entidade de modo informal.

A proximidade entre o poder público municipal e o Jockey Club de Pelotas<sup>11</sup> valida ainda mais a importância de pesquisar sua trajetória e entender as relações de poder que permeiam a existência desta entidade.

O exposto acima demonstra a importância do Jockey Club para a cidade de Pelotas. São mais de 100 anos de funcionamento. Em 2020, completaram-se 90 anos de transferência para a sede da Tablada.

Outro aspecto a ser destacado é que o Jockey Club de Pelotas é o único da região que ainda se encontra em funcionamento. Outras entidades não tiveram a mesma sorte. A título de comparação, a cidade de Porto Alegre já teve seis prados

---

<sup>8</sup> “Na tarde desta segunda-feira (29), o promotor André Barbosa de Borba, da 1ª Promotoria de Justiça Especializada de Pelotas, concedeu entrevista coletiva à imprensa, no auditório do Ministério Público (MP) para divulgar a decisão da Promotoria de não adotar nenhuma medida judicial que impeça a tramitação dos projetos para a futura instalação da Havan e do Comercial Zaffari em parte da área do Hipódromo da Tablada – espaço localizado na avenida Salgado Filho, Três Vendas, pertencente ao Jockey Club de Pelotas” (Prefeitura Municipal de Pelotas. Prefeitura libera a construção de novos empreendimentos no Hipódromo, 2019, s/p. Disponível em: <https://www.pelotas.rs.gov.br/noticia/promotoria-libera-a-construcao-de-novos-empreendimentos-no-hipodromo>. Acesso em: 20 dez. 2020).

<sup>9</sup> “Em 15 dias as equipes conseguiram aprovar os projetos apresentados e regularizados, após ser atestada sua viabilidade. Essa rapidez, acrescentou a prefeita, tem como objetivo valorizar quem produz, criando um ambiente atrativo e acolhedor para novos investidores e para aqueles que estão aqui instalados” (Prefeitura Municipal de Pelotas. Prefeitura libera licenças para instalação da Havan em Pelotas, 25 jun. 2019, s/p. Disponível em: [www.pelotas.rs.gov.br](http://www.pelotas.rs.gov.br) Acesso em: 20 dez. 2020).

<sup>10</sup> “Na manhã desta quarta-feira a prefeita de Pelotas, Paula Mascarenhas, fez uma visita ao hipódromo da Tablada para ver de perto as obras de revitalização inauguradas neste final de semana. A prefeita estava fora da cidade no domingo, por isso não pode comparecer à festa de reabertura” (Jockey Club de Pelotas. Prefeita visita Jockey Clube reaberto após as obras de readequação. Pelotas, 12 fev. 2020. Disponível em: [www.jcpelotas.com.br](http://www.jcpelotas.com.br). Acesso em: 20 dez. 2020).

<sup>11</sup> “Para o presidente Vanier, a visita teve o significado de reafirmar a parceria construída, nos últimos anos entre a administração municipal e o clube. ‘A prefeitura sempre foi parceira do Jockey Club, tanto quando imaginávamos fazer algum negócio para viabilizar o clube, como depois durante a concretização disso tudo com as licenças e o diálogo com as secretarias. Ficamos muito felizes em recebê-la e certamente a prefeitura continuará muito próxima do clube’, comentou.” (Jockey Club de Pelotas, Prefeita visita Jockey Clube reaberto após as obras de readequação. Pelotas, 12 fev. 2020. Disponível em: [www.jcpelotas.com.br](http://www.jcpelotas.com.br). Acesso em: 20 dez. 2020).

em funcionamento, que acabaram por se ressignificar dentro do plano urbano da cidade e a queda da popularidade do turfe como esporte, motivo pelo qual muitos acabaram encerrando suas atividades.

Na capital, o Prado da Estrada do Matto Grosso, que surgiu em 1877, deu lugar à Avenida Bento Gonçalves. O Prado Boa Vista deu lugar à Rua Vicente da Fontoura. O Prado Navegante transformou-se na Rua Lauro Müller. O Prado Riograndense, surgido em 1881 e reinaugurado em 1891, hoje abriga a Secretaria da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul. Os prados Independência e Moinhos de Vento, cujas primeiras corridas ocorreram em 1894, tiveram suas áreas transformadas no Parque Moinhos de Vento.

O Hipódromo Matias Velho, na cidade de Canoas, teve sua área subdividida em casas populares com o mesmo nome do antigo hipódromo. Em 2006, através de lei municipal, a prefeitura reconheceu a área como bairro.

Na cidade de Rio Grande, o Hipódromo da Vila São Miguel surgiu em 1922. No final de 1990, teve parte de sua área arrematada em leilão e a outra ocupada por moradias populares irregulares. Já o Hipódromo Vinte de Setembro, na cidade de Bagé, deu lugar ao Parque Visconde de Magalhães. Mesmo destino do Hipódromo Passo da Areia, na cidade de Santa Maria, que surgiu em 1970 e teve suas atividades encerradas em 1990, transformando-se em área de eventos populares da cidade. Os dados acima foram retirados de tabela elaborada pela autora ao longo dessa pesquisa, tendo como base fontes jornalísticas e digitais, a partir das quais foi possível apurar como se desenhou a longeva trajetória de atividades do Jockey Club de Pelotas.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a trajetória da entidade no período de 1930, quando muda sua sede para a zona norte da cidade de Pelotas, a 1950, quando se identifica um forte discurso nacionalista presente nos jornais locais pesquisados para esse trabalho no período de 1940 a 1950. Segundo entendemos, esse discurso influenciou a forma como a entidade se posicionou no contexto social.

Acompanhando o objetivo principal, há três objetivos específicos: identificar as principais atividades desenvolvidas pela associação no período estudado; identificar aspectos que contribuíram para a aplicação do discurso nacionalista na entidade; identificar que sócios participavam da diretoria do Jockey Club de Pelotas nas décadas de 1930 a 1950 e de que forma atuavam na cidade de Pelotas nesse período.

Meu interesse pessoal por este estudo diz respeito às vivências de minha infância, da década de 1980 até os anos 2000. Durante as visitas a uma pessoa da família que residia nas proximidades do Jockey Club de Pelotas, acompanhávamos a movimentação no hipódromo nos dias que antecediam e nos dias em que ocorriam os grandes prêmios. Era um local constituído por uma elite com herança rural pastoril.

Em 2010, mudei-me para a referida casa e acompanhei mais de perto a trajetória dessa entidade, que visivelmente se deteriorava a cada ano que passava. Assim surgiram as inquietações a respeito da trajetória deste clube e de sua importância para a cidade de Pelotas.

Outro fato motivador dessa pesquisa é o número restrito de bibliografias sobre jôqueis clubes, tanto em nível nacional como local. A bibliografia focada no tema em nível nacional, seja sobre hipódromos ou sobre jôqueis clubes, é restrita e voltada para outras abordagens, como arquitetura, medicina veterinária, esporte, sem a perspectiva da História. Apresento a seguir alguns poucos trabalhos acadêmicos, em áreas distintas da História, que se debruçam sobre o tema “jôqueis clubes brasileiros”.

Analisamos sete trabalhos para dar suporte a esta pesquisa. Entre eles, a tese de Ester Liberato Pereira, *Configurações sócio-históricas da equitação no Rio Grande do Sul: uma investigação das redes de interdependência nas práticas esportivas equestres*, apresentada em 2016 ao Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A tese apresenta as práticas equestres no Rio Grande do Sul no século XX. Esse trabalho mostra os espaços em que se davam essas práticas, suas relações e interligações sociais. Apresenta importantes configurações de círculos que compunham esses espaços de sociabilidade, lazer e cultura, colocando as práticas hípicas como importantes para a história do Rio Grande do Sul. Na escolha das fontes, a autora se debruça sobre documentos escritos e impressos, algumas das quais serão úteis para estruturar nosso trabalho.

A dissertação de Guilherme Rene Maia, *Jockey Club do Rio Grande do Sul: patrimônio moderno e requalificação urbana*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2012, analisa o Hipódromo do Cristal, na cidade de Porto Alegre (RS), inserido também em área periférica e muito valorizado economicamente. O autor apresenta uma

cronologia que nos dá um parâmetro da trajetória do clube. Embora com datação diferente da do Jockey de Pelotas, assemelha-se muito na trajetória, caracterizada por problemas e tentativas de sobrevivência.

Vitor Andrade de Melo, no artigo *Um hipódromo suburbano: a experiência do Club de Corridas Santa Cruz (Rio de Janeiro – 1912/1918)*, apresenta as dificuldades de um hipódromo na área suburbana. Da mesma forma que este trabalho, o artigo aborda um clube turfiano específico. Podemos observar os impactos provocados naquela região, o que traz muitas semelhanças com o objeto também colocado neste trabalho.

Outro trabalho analisado para esta pesquisa foi *Jockey Club do Paraná: do surgimento aos dias atuais*, artigo de Enzo Kitani e Gabriel Bertazolli. Ambos são acadêmicos do curso de Engenharia de Controle e Automação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). A área é bem distante da História, mas, embora sucinto, o artigo apresenta um estudo de trajetória do jóquei.

O artigo de João Manuel Casquinha Malaia Santos e Sérgio Settani Giglio, *O papel da memória na construção da identidade organizacional: a Sociedade Jockey Club (1868-1932) e o desenvolvimento da riqueza pastoril*, mostra como os gestores do Jockey Club do Rio de Janeiro organizaram sua identidade dentro desse recorte temporal. Os autores trabalharam com fontes oficiais do clube. O artigo argumenta que a preocupação central, no início da constituição do clube, não eram as corridas, e sim promover a raça cavalar. O mesmo objetivo é observado em nossa pesquisa nos primórdios do Jockey Club de Pelotas.

Os mesmos autores produziram artigo conjunto com outros dois historiadores, Jonas Vargas Moreira e José Martinho Rodrigues Remedi, intitulado *Uma reunião de carreiras de cavalos: lazer, esporte e os paradoxos da modernidade no Rio Grande do Sul, séculos XIX e XX*. Nesse artigo, os autores descrevem o início do turfe no Rio Grande do Sul e no Brasil, fazendo uma síntese das corridas de cancha reta, descortinando aquele universo lúdico e investigando como lazer e sociabilidade operavam com o universo de modernidade e distinção das novas cidades e de suas elites urbanas. Este artigo carrega todo o olhar que trouxemos para nossa pesquisa, manifestando todo o cenário representativo desse universo das corridas de cavalos.

Especificamente sobre o Jockey Clube de Pelotas, dois trabalhos são citados. O trabalho de conclusão de curso de Patrícia Santos (2008), intitulado *Jockey Club de Pelotas: a preservação como fonte histórica*, trata das origens do Jockey Club de

Pelotas, em 1830, o que permite entender alguns aspectos do início das atividades dessa entidade em Pelotas no século XIX.

O artigo de Ana Carla Rodrigues e Carlos Alberto Santos, intitulado *Pelotas: o sobrado da esquina das ruas Sete de Setembro e Felix da Cunha*, trata do casarão construído pelo Visconde de Jaguaray onde teriam acontecido as primeiras reuniões da entidade, que mais tarde, em 1948, foi adquirido pelo Jockey Club para sua sede social. O artigo desenvolve suas análises a partir de um olhar arquitetônico, diferente de nossa pesquisa, que se desenvolve a partir de uma perspectiva historiográfica.

Encontramos poucos trabalhos específicos sobre o Jockey Club de Pelotas ou sobre o Hipódromo da Tablada, e nenhum, até onde essa pesquisa avançou, traça uma trajetória ampliada, completa ou com as duas combinações, e com recortes específicos temporais. Acreditamos que essa pesquisa venha a suprir uma lacuna historiográfica da cidade de Pelotas sobre o tema.

Com relação ao referencial teórico, trabalhamos com a perspectiva historiográfica que se caracteriza pela inclusão de novos temas de pesquisa. Entre eles, o associativismo. Esse novo olhar historiográfico tem início no século XX, na década de 1970. O que antes estava centrado nas estruturas sociais agora passa a se preocupar com o conhecimento das relações sociais, dos comportamentos individuais e coletivos, das práticas culturais, festivas, religiosas e associativas (ARIÈS, 1990).

De acordo com Novais e Forastieri (2011, p. 15), “a historiografia moderna distingue-se da tradicional pelo diálogo com as ciências sociais, e pela aspiração à cientificidade”. A perspectiva da Nova História Cultural acolhe temas de pesquisa até antes não analisados e no qual nosso trabalho se insere, como clubes, associações e formas de organização dessas entidades.

Para refletir sobre sociabilidade e círculos sociais, recorreremos a referência de Agulhon em *El Círculo Burgués: lasociabilidad em Francia, 1810-1848*. O autor não se preocupa em traçar exaustivamente o tema e sim colocar que se trata de algo específico e singular de cada pessoa, uma qualidade humana específica que está além do indivíduo singular e sim de cada espécie.

O autor indentifica alguns pontos, como caráter, temperamento do povo, fatores observados em um conjunto, pois se pensava que a sociabilidade dependia apenas do verificável, encontros, conexões, grupos, vida aglomerada. Agulhon (2009) nos transporta a pensar além do visível e nos apresenta a outros parâmetros

de ligações sociais, pontos a observar, comportamentos, através de características de cada grupo.

A forma com que vamos nos conectar ou nos entender enquanto conjunto ou fazendo parte de um grupo é o que irá nos diferenciar. As múltiplas formas com que vamos, somos ou seremos capazes de nos entender em um grupo poderão nos diferenciar, mas não podemos classificar essas formas de nos socializar.

Pilar de Quirós González (2008), embora leia sociabilidade através da lente de Agulhon, traz uma perspectiva de visão do renascimento da História Política e da História sociocultural, o que torna interessante pensarmos as linhas associativistas sobre essa perspectiva, uma complementar à outra. As associações passam a exercer um papel fundamental para exercício dos papéis democráticos.

Tais considerações são importantes para tratarmos dos ciclos associativos. Segundo Bernardo (2001), as associações com objetivos culturais, de convívio e recreio são típicas desse processo de delimitação e individualização dos espaços públicos por grupos particulares, que procuravam dessa forma satisfazer seus desejos e interesses. As associações podem trazer consigo formas de distinções sociais, através da escolha de sócios, de locais ou estruturas.

Segundo Bernardo (2001, p. 50),

[...] essas associações emergem num amplo espectro de manifestações de sociabilidade, em grande parte oriundo de épocas anteriores, acrescentando-lhe um factor de complexidade e contribuindo para tornar mais densa a rede existente.

Tal parâmetro encaixa-se em nossa pesquisa. Essa rede de sociabilidade do Jockey Club de Pelotas tem origem muito antes de 1930. Conforme já descrevemos em nosso trabalho, essa rede forma-se ainda no século XIX.

Consideram diversos autores que o impulso do associativismo voluntário do século XIX, no qual se englobam as associações culturais e recreativas, apareceu como forma inovadora de organização de vida colectiva, expressão do esboroar dos critérios de hierarquização e organização da sociedade de ordens, face aos eixos estruturadores de sociedade liberal e burguesa. (BERNARDO, 2001, p. 24)

Em nosso entendimento, os critérios dessas associações voluntárias se colocam ainda no século XX. Entendemos que o modelo associativista do Jockey

Club de Pelotas se estrutura nesses moldes, amparados em sua base do século XIX.

As razões que levam o indivíduo a ingressar nessas associações podem ser múltiplas. Nosso trabalho aborda uma associação que, embora tenha se caracterizado como esportiva, no século XX valoriza uma integração recreativa, em 1930, carregada de simbolismos aristocráticos, até o momento em que adquire sua sede social, em 1948.

Partilhamos a premissa de Agulhon (2009) de que todos os grupos humanos são sociáveis, dentro de suas formas múltiplas, e suas especificidades devem ser analisadas. Segundo o autor, o homem é um ser sociável e mutável e também estabelece círculos, tornando as relações fechadas ou mutáveis, de acordo com seus interesses.

Os jôqueis clubes são associações características da elite, principalmente agrária. Em Pelotas essa linha de separação entre o urbano e o agrário é muito tênue. Para compreender um pouco mais a dinâmica organizacional dessas entidades, cabe ressaltar alguns aspectos importantes.

Os clubes de corridas de cavalo, por exemplo, eram uma novidade que havia se espalhado pelas principais cidades europeias e da América. O processo teve início no final do século XVII, no Reino Unido. As elites britânicas organizavam clubes para a prática do esporte conhecido como turfe, com corridas em pistas ovais, marcação de tempo, premiação em dinheiro aos vencedores e instituição de um mercado legal de apostas. Entretanto, foi no final do século XVIII e ao longo do século XIX que a elite ao redor do mundo ocidental, de um modo geral, passou a organizar massivamente clubes de corridas não apenas como opção de entretenimento, mas como possibilidade de investimento. (SANTOS; VARGAS; REMEDI, 2020, p. 686).

Ainda segundo os autores, na América do Sul as elites passaram a se organizar através dos grandes criadores de cavalos. Com um modelo importado aos moldes europeus, promoviam eventos que reuniam entretenimento, porém, visando ao grande volume e movimentação de apostas, conforme o modelo espelhado.

Na segunda metade do século XIX observa-se em Pelotas uma elite predominantemente agrária, segundo Vargas (2016, p. 63): “[...] nunca os imóveis rurais, os escravos e os animais formaram menos de 53% do valor total dos patrimônios avaliados”. O período observado pelo autor, de 1850 a 1890, é importante para nossa pesquisa, pois é nesse período que temos o início das atividades do Jockey Club de Pelotas. Esse contexto mostra o quanto a elite

pelotense ainda era rural e todo o peso e importância que deferiam a essa instituição.

Segundo Heinz (2006, p. 7) o termo elite “[...] faz referência a categorias ou grupos que parecem ocupar o ‘topo’ de ‘estruturas de autoridade’ ou de ‘distribuição de recursos’”. Entendemos nosso objeto de pesquisa dentro dessa denominação de elite, por sua estrutura constitutiva e pela forma como viabiliza sua sobrevivência, através do poder público municipal, conforme já descrito.

Por outro lado, este trabalho se debruça sobre a memória que tem como objeto o Jockey Club de Pelotas, sendo que “o trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história” (POLLACK, 1989, p. 9). Nessa perspectiva, trabalhamos com a memória através de documentos e imprensa. Nossa análise toma como base jornais e documentos oficiais, fontes que nos fornecem elementos que possibilitam o entendimento da estrutura, organização, sociabilidade e políticas internas da entidade, no que tange à influência do Jockey Club de Pelotas em termos de visibilidade em nível nacional e internacional.

O uso dos jornais como fontes para a história começou a se difundir principalmente com a Escola dos Annales, a partir do final dos anos 1920 (BURKE, 1991). No Brasil, segundo Luca (2005), até a década de 1970 ainda eram poucos os pesquisadores que utilizavam esses materiais para pesquisa. Reconhecia-se a sua importância, mas, segundo a autora, “não era nova a preocupação de se escrever a História **da** imprensa, mas relutava-se em mobilizá-los para a escrita da História **por meio** da imprensa” (LUCA, 2005, p. 111, grifos da autora).

O ideal de busca da verdade, dominante no século XIX e nas décadas iniciais do século XX, fazia com que os jornais, vistos como produtores de imagens “parciais, distorcidas e subjetivas”, não fossem considerados como suficientes para a finalidade do historiador.

A Nova História tem um papel importante na análise dos veículos impressos. Como afirma Williams (2007), a análise da imprensa é um caminho para se compreender a cultura popular urbana como um todo. Williams referia-se às folhas dominicais e ao papel que elas atribuíam à cultura popular:

[...] se a história da imprensa for isolada, não apenas de outras formas cognatas de escrita, edição e leitura, mas como usualmente acontece, de outros tipos de formação e organização política e cultural – decorrentes de movimentos políticos, novas organizações industriais, desenvolvimentos educacionais, mudanças no teatro – ela poderá ser vista meramente como

uma fase na história da imprensa, do século dezenove ao vinte, determinada retrospectivamente por si mesma, pelas definições daquilo que a imprensa se tornou. (WILLIAMS, 2007, p.15).

Para dar conta da pesquisa documental, trazemos dois aportes: o físico e o digital, que nos oferece uma maior abrangência de documentos. A separação e seleção de tais documentos devem contemplar não só um lugar de fala, mas verificar e apontar quantos locutores e interlocutores manifestam-se através desses arquivos:

[...] devem ser selecionados e avaliados com base na narratividade contextual de criação, ao invés do conteúdo, englobando tanto os documentos que representam a voz dos poderosos, como os que representam a voz dos marginalizados. (TOGNOLI, 2010, p.77).

Nos arquivos físicos, trabalhamos acervos pessoais e documentos oficiais, escrituras públicas, leis e deliberações públicas. No que tange a documentos não oficiais, encontram-se em acervos particulares fotografias, programa de corrida datado de 1936 e fotolito. As contribuições de fotografias e de programas de corridas foram gentilmente disponibilizadas para consulta através de um dos filhos de Roberto Pinto da Conceição, um apaixonado turfiano que mantinha um cavalo de corrida nas dependências do Jockey Club de Pelotas. Segundo relato de seu filho, Roberto Pinto da Conceição trabalhava como cobrador de um clube social da cidade de Pelotas, era uma pessoa de classe média e turfiano assíduo. O jóquei que montava seu cavalo era um dos únicos profissionais negros nessa atividade no Jóquei Club de Pelotas na época.

O fotolito disponibilizado para consulta chegou a nós através de Ana Araújo, cujo pai, vigilante do Jockey Club de Pelotas por 40 anos, costumava guardar lembranças da entidade. O fotolito segundo relato de Ana Araújo, foi salvo dentre uma pilha de objetos reservados a descarte por parte do próprio Jockey Club de Pelotas.

Os jornais encontram-se ao abrigo da Biblioteca Pública Pelotense e os documentos oficiais, no Cartório de Registro de Imóveis na 1ª Zona.

Os levantamentos desses documentos estão inseridos no recorte temporal de 1930 a 1955.

Referente aos jornais, selecionamos três: *A Alvorada*<sup>12</sup>, *Diário Popular*<sup>13</sup> e *A Opinião Pública*<sup>14</sup>, que fazem um contraponto interessante para a pesquisa, já que, pela própria história de sua constituição, abordam de diferentes maneiras os fatos úteis para esta pesquisa referentes ao Jockey Club de Pelotas. A escolha desses jornais se deu pelo tempo de circulação e abrangência na cidade, além do número de exemplares disponíveis para a pesquisa.

Os jornais encontram-se, como já citado, na Biblioteca Pública Pelotense. O jornal *A Alvorada* encontra-se disponível também em modo digital.

Os arquivos digitais traduzem uma nova perspectiva de guardar e arquivar memória, um acesso rápido e que vem acompanhado da evolução digital massiva. Esses arquivos digitais possibilitam maior abrangência documental para a pesquisa:

Sendo assim, as tecnologias da informação exercem um papel intermediário na produção e na preservação das fontes de pesquisa. Logo, destaca-se que as tecnologias não se constituem em uma finalidade para a salvaguarda destes registros, e sim, em um meio para facilitar a sua gestão, preservação e acesso. (SANTOS; FLORES, 2016, p.124).

Também buscamos informações sobre o Jockey Club de Pelotas em sites oficiais governamentais, como Prefeitura Municipal de Pelotas, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Biblioteca Pública Pelotense, Arquivo Público Estadual, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Buscamos também informações sobre o Jockey Club de Pelotas nos sites do jornal *Diário Popular*, do Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas, da Associação Comercial de Pelotas, além de arquivos digitais de ex-associados.

O uso dessas fontes tem como objetivo *desmonumentar* tais documentos, tendo em vista que o Jockey Club de Pelotas foi sendo objetificado por outros olhares, muitos deles fora da área historiográfica. Segundo Barros (2012, p. 418):

É preciso então compreender ou mesmo desconstruir passo a passo essa dimensão monumental que se inscreve no documento – essa dimensão

<sup>12</sup> O periódico *A Alvorada*, que circulou na cidade de Pelotas entre os anos 1907 e 1965, foi idealizado e editado por intelectuais negros residentes na cidade (MESQUITA; SCHIAVON, 2013).

<sup>13</sup> O *Diário Popular* foi fundado na última década do século XIX, sendo comprado pelo Partido Republicano Rio-grandense (PRR) e feito órgão oficial do governo até a década de 1930 (CAETANO, 2013). Esse jornal está em funcionamento até os dias atuais.

<sup>14</sup> *A Opinião Pública* (1896) foi lançada nos primeiros anos do regime republicano, seguida por diversos outros que buscavam a manutenção dos grupos anteriormente atuantes, porém, sob nova configuração, para se adaptar ao contexto recém-instaurado (BANDEIRA, 2018, p. 46).

através da qual os homens de uma época falam conscientemente ou inconscientemente aos seus contemporâneos (e, conseqüentemente, falam também aos historiadores).

O ano atípico pandêmico de 2020 mostrou-se um desafio para a estrutura desse trabalho. Além das dificuldades características de uma pesquisa de trajetória, vivenciamos o enfrentamento de desencontro com nossa principal fonte, os jornais.

Com as determinações sanitárias de fechar tudo que não fosse essencial à sobrevivência, a Biblioteca Pública fechou durante oito meses, reabrindo de fato ao público no início do mês de novembro de 2020, estabelecendo uma corrida contra o tempo. A coleta de informações nos jornais demandou um ritmo frenético, por vezes insano, de visitas à biblioteca e de contato efetivo com as fontes.

Porém, tal contato acaba por desvelar meandros da trajetória do Jockey Club de Pelotas que não poderíamos imaginar, nem através dos trabalhos que revisitamos para tentar estruturar nossa revisão bibliográfica. A cada página dos jornais, a cada ano, a cada leitura, tornava-se ainda mais urgente mudar o enfoque desse trabalho. Tornava-se urgente contar essa trajetória através das colunas esportivas, mas também através das colunas políticas, dos anúncios e do que se escondia por de trás de cada reportagem trazendo o nome do Jockey Club de Pelotas, ou Jóquei Clube de Pelotas.

No **Capítulo 1**, discutiremos o contexto socioeconômico e político da cidade de Pelotas no século XX, no pós-guerra e a partir dos discursos nacionalistas presentes nos jornais *Diário Popular* e *A Opinião Pública*. Tal análise de contexto nos auxilia a tentar pensar como a entidade associativista vai se colocando e redimensionando dentro do período delicado de 1930, onde o mundo sofria os reflexos de uma crise econômica, com muita recessão. Dentro desse contexto, o Jockey Club de Pelotas consegue expandir suas atividades e construir seu hipódromo em uma estrutura de pompa para o período.

No **Capítulo 2**, “O Jockey Club de Pelotas - Hipódromo da Tablada e suas várias fases”, estruturamos a trajetória dentro do recorte temporal de 1930 a 1955 propostos na pesquisa. Nesse capítulo, tentamos mostrar os impactos do contexto do Capítulo I para a constituição da entidade, influenciando a estrutura associativista e as formas de disputa de espaço dentro desse universo esportivo, que competirá com esportes populares como futebol, remo e basquete. Este capítulo se subdivide em três subcapítulos: o primeiro mostra um pouco do cenário turfístico no Rio

Grande do Sul, que pretendemos ilustrar através dos jóqueis clubes no Rio Grande do Sul – aqui incluiremos o Jockey Club do Paraná e o de Santa Catarina; no segundo, nos debruçaremos sobre a construção do Hipódromo da Tablada, de que forma a entidade conseguiu um terreno com área tão ampla e como levantou a quantia em dinheiro para construção de sua sede e hipódromo; o terceiro aborda a sua trajetória até o Jubileu de Prata, em 1955.

No Capítulo 3, apresentamos o associativismo e corpo diretivo e faremos provocações a cerca do corporativismo, descrevendo algumas atividades do Jockey Club de Pelotas. Falaremos sobre as atividades esportivas e as atividades voltadas ao lazer, entendendo aqui como atividades que englobam o social, um complemento do Capítulo 2. Subdividindo esse capítulo, teremos também a participação feminina nos concursos, na década de 1940, e abordaremos o papel dos sócios do Jockey Club de Pelotas. Analisar os objetivos dessas mulheres nos concursos, como eram descritas nos anúncios das provas e a forma com que as discrepâncias nas premiações eram tratadas sugere um contexto de um universo característico de um esporte conservador e elitista, que traz como marca central o poder, a força e a virilidade.

Colocar uma trajetória de 91 anos dentro de três capítulos é sem dúvida um desafio. É fator de muita responsabilidade, que demanda autocrítica quanto ao fato de que nenhuma trajetória será comprimida em algumas páginas de um trabalho. Mesmo assim, tentamos apresentar este trabalho como um ponto de partida para futuras pesquisas, recontando a trajetória do Jockey Club de Pelotas através de algumas perspectivas narrativas.

Acreditamos que esse trabalho se coloca como o início de um olhar mais especificamente historiográfico para a entidade, o que permitirá refletir sobre as sutilezas dos detalhes escondidos nas páginas de jornal e documentos oficiais. Ao final, esperamos apresentar os diferentes aspectos que constituíram a expansão das atividades esportivas, os discursos que se colocam preponderantes para a construção de uma imagem social que acaba por se mesclar com a política, presente até mesmo na organização das provas oficiais, quando se observa a opção por cavalos nacionais.

## **CAPÍTULO 1 – PELotas: CONTEXTO SOCIOECONÔMICO E POLÍTICO NAS DÉCADAS INICIAIS DO SÉCULO XX**

Este capítulo objetiva situar a entidade Jockey Club de Pelotas no contexto socioeconômico e político de Pelotas (RS) no início do século XX. Essa contextualização é feita através das relações de trabalho locais e da situação urbana da cidade na época, a partir das quais situaremos a passagem de Pelotas para o século XX e estabeleceremos algumas conexões com a constituição do Jockey Club de Pelotas.

O Jockey Club de Pelotas é agente desta transformação, está inserido nessa nova urbe com ares aristocráticos e europeus. Assim, este capítulo é importante para entendermos em que contexto e qual contribuição essa sociedade vai trazer para as mudanças por que passou a cidade. A entidade dá início às atividades do Hipódromo da Tablada nos anos 1930. Instalada na zona norte de Pelotas, a instituição contribuirá para a mudança nas práticas de lazer de uma elite ainda agrária da cidade e da região sul do Rio Grande do Sul.

Não podemos contar a trajetória do Jockey Club de Pelotas sem antes entendermos os contextos geográfico, econômico e político nos quais ela está inserida. Esses múltiplos contextos serão tratados por tópicos, de maneira a melhor apresentarmos este capítulo.

### **1.1 A formação de uma estrutura urbana apoiada na rede industrial**

A cidade de Pelotas se estruturava no início da década de XX em um modelo funcional.

O comércio e serviços administrativos aproximavam-se da área central, enquanto os serviços públicos especializados dispuseram-se segundo as suas necessidades, na periferia da cidade. Foi localizado um centro comercial e industrial, para a alta importação e exportação, perto do novo cais às margens do canal São Gonçalo, já que a região contava com linha férrea e marítima. Ainda foram previstos centros de cultura cívica e intelectual, sobre o ponto mais alto da cidade, para fazê-los sobressair do conjunto, e um centro de cultura física. As habitações foram propostas de acordo com a classe social. As habitações da elite foram planejadas na cidade-jardim, ao norte da área central, sobre um arruamento sinuoso, “cujas edificações, devem ser recuadas e isoladas do alinhamento das ruas por jardins, emprestando assim, pelo conjunto, o aspecto duma grande praça edificada, com o máximo de estética e conforto”, como consta no plano. (DIÁRIO POPULAR, 1924, p. 5).

O zoneamento se dividia de acordo com uma funcionalidade prática de trabalho.

O centro de habitação operária estava em anexo ao centro industrial, ligando o lugar do trabalho com a moradia, já a habitação burguesa, localizava-se nos terrenos canalizados e drenados junto ao arroio Santa Bárbara. O plano garantia que toda a habitação nova tivesse ao seu lado um jardim e salientava a importância do código de construções para a harmonia estética urbana. (CATHARINA, 2012, p. 39-40).

Porém, a cidade se expandiu de maneira rápida, nem sempre sendo possível acompanhar todo o planejamento previsto. Podemos atribuir esse crescimento ao atrativo de indústria e a vinda de imigrantes para o meio urbano, sendo colocados para os centros industriais e periféricos.

Entretanto, de todos esses “planos” de avanços para a cidade de Pelotas, somente os referentes à melhoria e ampliação das redes de água e esgoto acabaram sendo executados. Como afirma Moura (1998), os planos que tratavam da ocupação, de desenhos e de expansões urbanas da cidade se limitaram a servir como um alerta para as suas necessidades. Auxiliaram, em alguns momentos, nas delimitações de zoneamento nos planos seguintes e, também, serviram de referência para o desenho de alguns novos loteamentos que foram construídos em Pelotas na década de 1950, devido ao aumento da população urbana e da demanda por novas áreas habitacionais. (CATHARINA, 2012, p. 57).

O modelo adotado traria para a cidade ares modernos e se aproximava do esperado para o crescimento populacional com estimativa organizada. O planejamento desse crescimento da cidade é importante para viabilizar a estrutura industrial que se erguia, através do código de construções de 1930<sup>1</sup>.

Para locais sem arruamentos, foram estabelecidos anteprojetos de loteamentos de ruas. Em sua maioria, as ruas de 18m estão de acordo com o antigo Código de Construções (1930), sendo as avenidas de ligação de várias zonas bem mais largas, de 25m ou mais. Algumas dessas ruas foram preparadas para tráfego intenso, com o objetivo de ligar as zonas portuária e industrial às saídas da cidade [...]. (CATHARINA, 2012, p.51).

Essa nova modelagem urbana do século XX, mais precisamente na década de 1930, dava à cidade uma nova perspectiva, principalmente no perímetro urbano.

---

<sup>1</sup> Seguindo as premissas apontadas por Monteiro, igualmente o poder público de Pelotas, imbuído da necessidade de mudar as características da cidade e na impossibilidade de ações mais rápidas e radicais, utilizou a legislação para materializar estas intenções. Tal regramento foi estabelecido no Código de Construções de 1930 (BASTOS, 2013, p. 133).

A preocupação com o saneamento e higiene da cidade tornava-se necessária, segundo o sanitarista Saturnino de Brito. Pelotas foi a primeira cidade do Rio Grande do Sul a construir serviços completos e satisfatórios de água e esgoto.

O projeto contemplava também zonas de expansão para o Porto e a várzea do arroio Santa Bárbara. O lançamento dos resíduos era realizado in natura no Canal de São Gonçalo através de dois emissários, um próximo ao Porto, e outro próximo à foz do Santa Bárbara. A expansão da rede de esgotos se deu, primeiramente, rumo aos bairros da Luz (zona norte) e Várzea (zona leste), num total de 196 hectares. A construção da rede supunha a conexão das casas à rede principal, o que nem sempre era realizado pelos proprietários. (SOARES, 2017, p. 251).

A cidade se expandia de costas para o arroio Santa Bárbara, o que culminou com a contaminação severa da água fornecida para a cidade. Medidas urgentes necessitavam ser adotadas, porém, foram solucionadas de forma tardia em 1947, através de um segundo plano de saneamento, contemplando assim novas edificações periféricas, que surgiram após 1925.

Foi proposta a interrupção imediata da poluição e a reserva de uma faixa de 20 metros de largura entre seu leito e as edificações, incluindo as avenidas marginais que deveriam ser construídas. As propostas de Saturnino não foram realizadas e a questão do Santa Bárbara só foi “solucionada” algumas décadas depois. Em 1947 foi realizado o segundo plano de saneamento de Pelotas. Pretendia resolver o problema da falta de água nas diversas vilas que margeavam a cidade. As zonas urbana e suburbana possuíam mais de 11 mil casas, mas pouco mais de 7 mil estavam conectadas à rede de água e a população havia ultrapassado os 60 mil habitantes, segundo o Censo de 1940. Esse rápido crescimento populacional exigia novas medidas de saneamento. (SOARES, 2017, p. 252).

As ruas pelotenses passaram por importantes fases, de acordo com o crescimento de sua população, com ruas largas e planas, obedecendo ao traçado quadriculado de seu planejamento. De acordo com Magalhães (2017), a opção pelo quadriculado, que tem suas raízes no urbanismo grego do século V (plano hipodâmico) e que permaneceu moderno no século XIX, foi certamente estimulada, em Pelotas, pela topografia.

A cidade se moldava a demarcações específicas, conduzindo e direcionando a circulação de seus moradores conforme suas zonas de atuação, como de moradia, trabalho ou comércio. Segundo Bastos (2013, p. 129):

A configuração deste novo contexto urbano começava a ser delineada com a presença de prédios de uso misto, que agrupavam comércio no pavimento térreo e habitação no pavimento superior, sendo estes o sobrado de nº 54, os sobrados geminados de nº 57 e nº 59, o sobrado eclético de nº 61 e o sobrado de nº 100, reconhecido como Casa da Banha. Este último, depois de sofrer alteração construtiva que promoveu a remodelação de sua linguagem arquitetônica, conforme esclareceu Gutierrez, passava a pertencer ao Clube Caixeiral e receberia usos comercial e residencial. Após o ano de 1949, no entanto, começou a abrigar usos exclusivamente comerciais, com funções diversificadas.

Junto a todo esse planejamento e ocupação do espaço urbano, houve também uma preocupação com o saneamento da cidade. De acordo com Catharina (2012, p. 54-55):

Quanto às ordenanças de higiene – comum aos regramentos do século XX – os regramentos Código de Construção e Reconstrução – 1915; Saneamento de Pelotas – 1927; Código de Construções – 1930; e Saneamento de Pelotas, novos estudos – 1947 apresentam essas características de higienização. O Plano de Ampliação de 1924 não deixa clara esta preocupação, mas através de sua proposta baseada nas cidades-jardim, o uso das edificações isoladas no lote para uma melhor ventilação e iluminação das construções não deixa de ser uma questão de higiene. E, por último, as ordenanças de zoneamento já surgem no Plano de Ampliação da cidade – 1924 e dão seguimento nos regramentos posteriores Saneamento de Pelotas – 1927 e Saneamento de Pelotas, novos estudos – 1947, com as divisões de zonas industriais, comerciais e residenciais.

O saneamento se apresentava como foco importante devido à expansão de indústrias e visava atender o aumento de abastecimento de água. A demanda não era só da população. Pretendia-se contemplar um mercado expansionista de planejamento do parque industrial da cidade de Pelotas.

A preocupação com o saneamento e saúde pública se justificava, pois as ruas ainda não possuíam esgoto e a situação de epidemias também era preocupante, pois a proliferação de cortiços se alastrava pela cidade.

A própria conformação urbana com várias ruas sem esgoto, com estábulos em ruas centrais e populosas, o clima úmido e a falta de arborização auxiliavam a propagação de doenças. Na década de 20, repetiram-se reportagens sobre cortiços e péssimas condições de vida na cidade. (LONER, 1999, p. 96).

No início do século XX, as epidemias preocupavam de forma considerável o poder público pelotense, com a gripe espanhola levando à morte um número considerável de pessoas na cidade, assim como a varíola, a febre tifoide, a peste bubônica e a tuberculose. O poder público tomou medidas, como investimento em

saneamento e tratamento hídrico, além de medidas de contenção, através de higienização das casas com suspeitas dessas doenças.

A ação mais importante do poder público foi a construção de lazaretos, que tinham a função de isolar os adoentados. A peste bubônica, por sua vez, fez com que os diversos intendentess, muitas vezes, providenciassem vacina, soro antipestoso, desinfecções nas casas onde houvesse suspeita da enfermidade e isolamento para as vítimas do mal. Mas foi a febre tifoide [sic], tratada como uma endemoepidemia, que provocou maior preocupação com obras de infraestrutura. A enfermidade, de origem hídrica, tal como a disenteria e o cólera, impunha transformações, sobretudo no que diz respeito à existência de uma rede de esgotos e do abastecimento de água potável para a população. Já no ano de 1918, causou alarme a gripe espanhola, que matou, segundo registros oficiais, centenas de pessoas. (GIL, 2017, p. 120).

As epidemias se atrelavam à falta de boas práticas de higiene no início do século XX. Pelotas sofria com a falta do tratamento de esgoto. Embora a cidade lidasse com crescimento populacional em expansão, nem todas as casas possuíam bombeamento de água e o recolhimento de dejetos ainda não era obrigatório, pois o serviço era pago.

A primeira iniciativa para a sua implantação datou de 1887, quando a Câmara Municipal lançou edital de concorrência para o serviço, mas o fato é que apenas em junho de 1913 foi iniciada a construção da rede, que compreendeu um perímetro muito reduzido, entre as ruas Barroso, Tiradentes, Riachuelo (atual Lobo da Costa – parte oeste), Três de Maio, Osório e Conde de Porto Alegre, abarcando um total de 62 casas. Antes da efetivação da rede, o recolhimento dos materiais fecais se dava através de cubos, colocados nas casas, sendo que o serviço — feito pela Empresa de Asseio Público — não era obrigatório, até mesmo porque era pago. Em 1890, a cidade contava com 4.200 prédios e a empresa tinha somente mil assinantes. Os moradores que não utilizavam os seus préstimos geralmente abriam fossas nos quintais de suas casas para jogar os dejetos. (GIL, 2017, p. 154).

Podemos afirmar que a industrialização sem o planejamento inicial desse crescimento tenha contribuído significativamente para acentuar o problema de saneamento e tratamento dos dejetos.

A expansão da cidade não se concentrava apenas no perímetro central e porto. Segundo Bach (2017), “Cabe lembrar que, entre os anos de 1920 e 1950, a população urbana em Pelotas aumentou em 69,7%.” Significa que a cidade demandava cada vez mais solução para as questões sanitárias.

Podemos concluir, através desse breve contexto, que houve planejamento, pelas autoridades, apenas para uma parte da cidade. Os bairros acabaram não

sendo contemplados, principalmente em função da demanda provocada pela migração populacional do campo para a cidade, impulsionado pelos processos produtivos em transformação, que levavam trabalhadores(as) para a periferia das cidades e suas zonas industriais.

De acordo com depoimentos colhidos junto aos entrevistados, as famílias na zona rural, até a década de 1950, tinham um grande número de filhos que, ao constituir nova família, acresciam mais pessoas a usufruir da mesma terra. Com o falecimento dos pais, ocorria o desmembramento da propriedade, cabendo a cada família herdeira uma pequena parcela de terra a ser cultivada. Com o aumento de dependentes e o trabalho nas mesmas lavouras por anos a fio, muitos agricultores acabaram provocando o esgotamento das terras cultiváveis. Sem terras para produzir, o êxodo rural surgia como uma solução viável. (BACH, 2017, p. 122).

Os bairros que mais cresciam em população eram Fragata e Três Vendas, de acordo com Bach (2017, p. 51): “[...] outras áreas da cidade começaram a ser ocupadas pelas fábricas, fatores de atração populacional que contribuíram para a formação de vilas nos bairros Fragata e Três Vendas”.

Nesse sentido, consideramos importante salientar a criação do Patronato Agrícola Visconde da Graça, importante para o desenvolvimento dessa mão de obra agrícola e que teve sua criação voltada ao mercado agroindustrial. Segundo Vicente (2010, p. 68): “Dessa forma é bastante evidente que este espaço voltava-se para o ensino prático sem privilegiar a sala de aula, ficando vinculado aos objetivos de formação aos quais a instituição se propõe: preparação prática para o trabalho”.

Com o objetivo de atender à população mais carente, descortinamos aqui uma qualificação e “civildade” de um processo migratório do campo para a cidade, com o objetivo de absorver, moldar e colocar no mercado uma mão de obra mais “viável ao mercado industrial”.

No dia 14 de outubro do ano de 1923 foi inaugurado o prédio para abrigar o Patronato Agrícola Visconde da Graça. Sua construção iniciou em maio de 1922 com projeto datado do ano de 1921. Nos jornais locais a festa de inauguração é noticiada como fato marcante para a cidade de Pelotas. Os discursos enfatizam a forte contribuição moral e material do “louvável empreendimento”. O destaque da imprensa quanto ao objetivo do Patronato é, sem dúvida, a ênfase sobre os efeitos positivos que a escola iria produzir junto à infância local. (VICENTE, 2010, p. 66).

O bairro Três vendas é importante para o desenvolvimento industrial e agroindustrial de Pelotas, como plataforma de entrada e ponte de ligação com a nova dinâmica urbana. A Sociedade Agrícola Pastoral foi criada em 1898 por um

grupo de professores da então Escola Agrícola e Veterinária de Pelotas. É a primeira instituição no país nessa área: “No ano de 1922, a Sociedade Agrícola Pastoril do Rio Grande do Sul passa a denominar-se Sociedade Agrícola de Pelotas, ocupando uma área de mais de 43 hectares, no bairro Três Vendas”<sup>2</sup>.

Outro grande suporte de desenvolvimento localizado no bairro era o aeroporto de Pelotas, um dos primeiros no Rio Grande do Sul:

O Aeroporto Internacional de Pelotas tem sua história ligada ao pioneirismo da aviação comercial. Ele serviu como pouso intermediário e primeira escala, ainda nos anos 20, do século passado, dos vôos da recém-criada Viação Aérea Riograndense<sup>3</sup>.

A estrutura do terminal era em madeira de lei e situava-se às margens do rio São Gonçalo. O primeiro voo foi em 8 de maio de 1929, com um hidroavião Dornier<sup>4</sup>, da empresa aérea Varig<sup>5</sup>.

O Jockey Club de Pelotas localiza-se ao redor desses empreendimentos. Aparentemente, sua localização não se deu de forma desinteressada, mas estratégica, em um cenário de expansão urbana e de implantação de meios de locomoção aéreos, terrestres e com deslocamento marítimo na entrada e saída da cidade, facilitando assim o trânsito de apostadores e criadores de cavalos.

No final do século XIX, Pelotas se industrializava, com máquinas a vapor e fábricas de produção diversificada, o que gerava um número significativo de empregos.

Entre as demais indústrias, as mais importantes compreendiam: fábrica de chapéus Pelotense (Cordeiro e WienerSucs., depois comprada por C. G. Rheingantz), a vapor e com 220 operários, a fábrica de E. Silva Carvalho, a vapor, com 40 operários e a fábrica de Bammann e Maia Sucs., com 30 operários. Em 1896 já havia três fábricas de sabonete e várias de sabão e

---

<sup>2</sup> Disponível em <http://www.associacaoruraldepelotas.com.br/site/sobre-a-arp/historia/>. Acesso em: 25 maio 2021.

<sup>3</sup> Disponível em <https://www.turismo.rs.gov.br/aeroporto/6742/aeroporto-internacional-de-pelotas>. Acesso em: 25 maio 2021.

<sup>4</sup> Refere-se ao um modelo de hidroavião avião desenvolvido na década de 1920.

<sup>5</sup> A Condor Syndikat recebeu autorização para voar no Brasil no dia 26 de janeiro de 1927. No dia 3 de fevereiro foi inaugurado o primeiro voo comercial do Brasil. No dia 7 de maio de 1927 foi criada oficialmente a Viação Aérea Rio-Grandense, ou simplesmente Varig. A primeira aeronave da empresa foi o DornierWal, batizada de “Atlântico”. A primeira rota da Varig ficou conhecida como a “Linha da Lagoa” e ligava Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande. O voo era feito em baixa altitude, entre 20 e 50 metros, sobre a Lagoa dos Patos, numa velocidade de cruzeiro de 160 km/h. O avião tinha capacidade para levar nove passageiros. No check-in, o passageiro era pesado junto com a sua bagagem. Se passasse de 75 kg, pagava por excesso de peso. Disponível em: <https://www.varig-airlines.com/pt/20.htm>. Acesso em: 25 mai 2021.

velas, sendo as principais a Lang e a Meirelles, cujos produtos destinavam-se aos mercados nacionais. A fábrica a vapor de farinhas Pelotense produzia massas alimentícias e empregava 50 operários, além de manter uma serraria, para uso exclusivo da fábrica, com motor de 120 cavalos. (LONER, 1999, p. 62).

Trouxemos tais dados do final do século XIX para demonstrar a expansão do mercado pelotense, que se mostrava ainda mais promissor para o século XX. Com o crescimento do mercado pelotense, nas primeiras décadas do século XX, houve também crescimento da população. Conforme Bem (2017):

Para 1920 há informações referentes à distribuição urbana e rural da população, podendo-se aferir que cerca de 45.000 pessoas viviam na zona urbana e cerca de 37.000 na zona rural; e que 40.710 pelotenses eram analfabetos, ou seja, quase a metade da população. Os próximos três censos, 1940, 1950 e 1960, trazem inúmeras informações não obtidas em quaisquer outros levantamentos. Em 1940 a população pelotense compreendia 104.553 habitantes, sendo que em 1960 essa cifra subiu para 176.575 – um aumento de 40%. As informações de 1940 mostram também que o número de analfabetos chegava a 31.664. Em 1950, esse número subiu para 33.853, com uma população de 127.641 habitantes (nas duas informações sobre alfabetização, a população menor de 5 anos de idade não participava da contagem). Para 1940, 51% da população era feminina e 49%, masculina. Em 1960 esse número se alterou levemente, 51,4% para mulheres e 48,6% para homens. As informações sobre densidade demográfica indicam que em 1940 Pelotas possuía 39,89 hab/km<sup>2</sup> e em 1950, 42,59 hab/km<sup>2</sup>. Pode-se afirmar ainda que o aumento produzido entre 1940 e 1960 na população pelotense não é uma característica particular desta cidade, mas que tal fenômeno ocorreu em todo o Estado. Em 1940 o Rio Grande do Sul possuía uma população de pouco mais de três milhões de habitantes, passando a contar com mais de cinco milhões em 1960. (BEM, 2017, p. 218).

O movimento migratório contribuiu bastante para essa expansão populacional. Os atrativos de mercado e as possibilidades de instalação de novos empreendimentos continham promessas de progresso.

## 1.2 A nova constituição da mão de obra urbana, as novas dinâmicas das relações de trabalho

Loner (1999) apresenta detalhes dessa mão de obra fabril em Pelotas, realizando comparativos com Rio Grande, Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo. O trabalho da autora é importante para este capítulo, pois dá visibilidade a essa mão de obra, com informações relacionadas ao nosso objeto de pesquisa, o Jockey Club de Pelotas, e ao contexto socioeconômico da cidade de Pelotas no século XX.

Essa relação se dá através da nova perspectiva urbana que surgia e da passagem do trabalho escravo para o assalariado. No decorrer da pesquisa, observamos que grande parte dos problemas financeiros enfrentados pela entidade dentro do recorte temporal que propomos nesse estudo decorre dos direcionamentos estruturais traçados pela entidade.

Tendo exposto o que pretendemos relacionar, voltaremos à mão de obra pelotense no início do século XX. De acordo com Loner (1999), embora os imigrantes já fizessem parte da força de trabalho urbana, estes exerciam ofícios mais especializados. A força bruta das fábricas, com um trabalho mais pesado e carga horária maior, ainda estava calcada na mão de obra local.

A mão de obra local desse início de século XX é oriunda da força de trabalho escrava das charqueadas<sup>6</sup>. Com a abolição da escravatura e a mudança de parte desses charqueadores para o meio urbano, associadas ao declínio das charqueadas e à expansão das indústrias, era necessário redefinir as concepções de trabalho.

Subordinar o trabalhador, para que trabalhasse sem coerção física evidente, envolvia um conjunto de medidas, disciplinares e persuasivas, destinadas a capacitar esse homem livre a desenvolver atitudes e comportamentos adequados ao que a sociedade necessitava. (LONER, 1999, p. 80).

Porém, os embates sobre as ressignificações do mundo do trabalho não foram tranquilos em Pelotas. A cidade acompanhava uma tendência nacional da nova República, a retração do mercado, salários baixos, jornada excessiva de trabalho.

Em todo o país a situação do proletariado no início da República brasileira não era nada lisonjeira. Salários diminutos, dificuldades de abastecimento, preços altos, falta de emprego, longas horas de duração do trabalho, permanência dos antigos hábitos de tratamento, herdados do tempo de escravidão, tudo ali se colocava. Nas duas cidades não era diferente, especialmente em Pelotas, onde a oferta de emprego mais sazonal implicava em longas jornadas de trabalho no verão, quente e úmido, áridos e gelados meses sem trabalho no inverno, conseqüentemente, sem comida, sem teto, sem vida. (LONER, 1999, p. 96).

Este cenário se deve à falta de qualificação dessa mão de obra, que ainda se adaptava ao cenário do trabalho urbano. Nas tabelas a seguir, fazemos um

---

<sup>6</sup> “Por sua vez, os charqueadores não teriam recursos econômicos ou poderio político para assegurar a importação maciça de mão de obra livre, como os cafeicultores paulistas, decorrendo dessa situação o recurso aos contratos com ex-escravos, como forma de assegurar-se a continuidade da produção” (LONER, 1999, p. 79).

comparativo sobre o nível de alfabetização da população pelotense. O recorte são as décadas de 1920 a 1940, com dados oriundos dos recenseamentos do período.

O mercado do início do século XX é remanescente da pós-abolição, com custo de vida alto e mão de obra local pouco qualificada. A vinda de imigrantes para o meio urbano agravava ainda mais a crise socioeconômica no mercado local pelotense.

Nos anos 20 a região passou por forte crise, que se agravou ainda mais com a crise mundial de 1929 e a falência do Banco Pelotense, o que fez diminuir a diversidade e o número das empresas industriais e comerciais na cidade. Como o governo estadual não auxiliou na superação dos problemas, houve dificuldades para a manutenção do nível de atividade econômica para boa parte dos empreendedores da região, que tinham suas economias no Banco Pelotense. Entre as décadas de 30 e 50, as várias zonas econômicas gaúchas se fusionaram, integrando-se num mercado único. A região sul do Estado passou por uma lenta decadência, terminando por especializar-se nas atividades voltadas para o beneficiamento de produtos da agropecuária local. (LONER; AQUINI, 2017, p. 115).

Essa passagem demonstra a ligação e a manutenção da cidade com a agropecuária local, colocando, assim, Pelotas ainda como uma cidade com destaque e dependência das atividades rurais, nos mostrando muito ao longo da pesquisa essa ligação com as atividades do Jockey Club de Pelotas, dentro desse contexto ainda ruralista.

O espelho dessa crise sem dúvidas foi uma das instituições financeiras mais imponentes da cidade de Pelotas, o Banco Pelotense, fundado em 1906 e extinto em 1931. O banco chegou a contar com 70 agências, e em 1920 era o maior banco do Rio Grande do Sul, de acordo com Santos (2020, p. 66): “O Banco Pelotense foi apenas um dos últimos suspiros desta elite oitocentista, numa fase de reatualização de investimentos”. Seu capital teve início através de dois coronéis ligados à Guarda Nacional que construíram suas fortunas através da exportação do charque.

Em âmbito regional, suas primeiras filiais se localizaram na metade sul do estado, expandindo-se em seguida pelas regiões de colonização alemã e italiana, na metade norte. A partir de um empréstimo ao governo do estado, com o objetivo de que encampasse a Viação Férrea, transformou-se em agente financeiro do Rio Grande do Sul, ou seja, em depositário e administrador de todos os bens estaduais. Em âmbito nacional, inaugurou filiais no Paraná, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo. Chegaram a fazer parte do seu patrimônio quase toda a Ilha do Governador e o terreno onde hoje se encontra o Aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro; no Paraná, era propriedade do Banco a agrovila que deu origem à cidade de Londrina. (MAGALHÃES, 2017, p. 28).

Porém todo esse poder teve um fim desastroso que oscila entre dois acontecimentos. O primeiro seria a quebra da bolsa de Nova Iorque, em 1929, e desacordos internos entre dois ex-diretores do banco, Alcibíades de Oliveira e Pedro Luís Osório, que chegaram até a publicar suas bibliografias com trocas de acusações.

As perspectivas de trabalho dessa nova República pós-abolicionista se redimensionavam a uma forma de trabalho ainda mais cruel, a liberdade com ares de escravidão. As relações de trabalho que se constroem nesse início de século no Brasil claramente não acompanham as expectativas de um crescimento homogêneo de ganho e remuneração de força de trabalho.

A cidade de Pelotas, alicerçada pela sólida prosperidade trazida pela economia do charque, e pelo tempo ocioso que esta fonte de recursos garantia a filhos e filhas da elite, terminou desenvolvendo um tipo de sociabilidade aristocrática e senhorial, com a valorização da cultura e pelas artes, e um grande refinamento em termos de costumes. Suas características contrastavam com a vizinha Rio Grande, cidade marcada por um viés comercial e administrativo, em que a presença do porto marítimo era um elemento de destaque na vida da cidade. (LONER, 1999, p. 99).

Pelotas, ao que se constata, consegue manter seu novo operariado moldado sob a coerção da nova burguesia industrial urbana que se constituía, através da força de trabalho local e de imigrantes urbanos que procuravam adaptar-se a esse novo mercado republicano, mas com muitos problemas econômicos e políticos.

Analisando a Tabela 1, observamos que era muito baixo o nível de alfabetização da população pelotense na década de 1920, segundo o recenseamento realizado pelo estado do Rio Grande do Sul. Esta era uma característica da população brasileira da época. Importante ressaltar que não atribuímos aqui o número de alfabetização à imigração crescente nesse período, pois, conforme apuramos, o Censo tem a língua brasileira como parâmetro de alfabetização.

Assim, as informações descritas aqui referentes à alfabetização são relacionadas à demanda de mercado de uma mão de obra mais capacitada para atender o mercado industrial.

**Tabela 1** – Comparativo de pessoas alfabetizadas e não alfabetizadas no ano de 1920 na cidade de Pelotas (RS)

<b>Alfabetizadas</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Não alfabetizadas</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
5 anos e mais	30.440	29.672	5 anos e mais	14.289	17.375

Fonte: Censo do Estado do Rio Grande do Sul, 1920. Elaborada pela autora, 2021.

Nas Tabelas 2 e 3, podemos apontar crescimento no nível de alfabetização da população no ano de 1940. A população total constituinte da cidade era de 104.553 pessoas, sendo 66.293 pessoas no meio urbano e 38.260 no meio rural. Podemos então colocar como provável causa do crescimento as exigências do mercado cada vez mais mecanizado de uma urbe cada vez mais industrial.

**Tabela 2** – Comparativo de pessoas alfabetizadas e não alfabetizadas

<b>Alfabetizadas</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Não alfabetizadas</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
0 a 14 anos	3.811	3.684	0 a 14 anos	11.506	11.482
15 anos e mais	17.981	16.108	15 anos e mais	7.891	9.827

Fonte: Censo do Estado do Rio Grande do Sul, 1940. Elaborado pela autora, 2021.

**Tabela 3** – Pessoas de 10 anos e mais que concluíram o curso básico completo

	<b>Grau Elementar</b>	<b>Grau Médio</b>	<b>Grau Superior</b>
Homens	2.294	934	414
Mulheres	2.353	629	41

Fonte: Censo do Estado do Rio Grande do Sul, 1940. Elaborado pela autora, 2021.

Importante contextualizar que com esse investimento na educação voltado a atender um mercado interno brasileiro havia um intuito de controle por parte do governo.

No que diz respeito ao estado do RS, principalmente durante o período da nacionalização do ensino (1937-1945), o governo estadual investiu no reaparelhamento e racionalização da instrução pública, o que levou também a um significativo aumento da rede escolar primária em âmbito estadual e municipal, consubstanciando com o fechamento das escolas particulares e estabelecendo o “reconhecimento e a supervisão direta do sistema educativo pelo Estado”. (TAMBARA; QUADROS; BASTOS, 2007, p. 323).

A cidade de Pelotas, embora tenha ao longo do século XX se colocado como uma cidade industrial e com comércio diversificado, ainda tinha uma base charqueadora muito forte, mostrando, através de sua elite de base rural, que se

preocupava com a educação e o refinamento de suas proles. O estímulo à educação também pode ser analisado como forma de expansão de investimentos, administração de rendimentos, diversificação de mercado, além de ser importante para as ligações políticas.

Com a expansão da cidade de Pelotas, novas indústrias surgiam para atender a demanda do mercado econômico, que crescia a cada ano, aquecendo o mercado imobiliário e criando novas frentes de trabalho, fomentando o surgimento de profissionais capacitados a lidar com compra e venda desses imóveis.

Essa estrutura industrial foi mantida ao longo da República Velha, como pode ser comprovado pela comparação entre os estabelecimentos existentes em cada década na cidade. Apenas em 1925 houve o aparecimento de fábricas diferenciadas, como asfalto e balanças, além do enorme crescimento do ramo de alimentação, com as conservas de frutas. O ramo de carnes continuou a desenvolver-se, na década de 20, com a instalação de um frigorífico e a continuidade de algumas charqueadas. (LONER, 1999, p. 63).

Pelotas não era só fabril. Também contava com pequenos comércios implantados ainda no final do século XIX através de mão de obra especializada, principalmente dos imigrantes. Mas Pelotas não possuía planejamento nem estrutura para receber esses imigrantes. A consequência foi um problema social, que foi sendo contornado através do loteamento de terras particulares e públicas. Assim nasceram as colônias.

Devido a Pelotas não contar com um serviço de imigração estruturado, o poder público municipal era encarregado de hospedar e alimentar os imigrantes, o que não foi feito com regularidade, posto que os repasses de 400 réis por diária/pessoa proposto pelo governo demoravam - ou não chegavam mesmo. Para abrigá-los, geralmente eram utilizados os hotéis que se localizavam na região do Porto, mas na maioria das vezes eles ficavam a esmo, esperando que algum empregador aparecesse; já a alimentação era cedida pela caridade pública. (BONTEMPO, 2017, p. 160).

O declínio das charqueadas é atribuído ao surgimento das indústrias e dos frigoríficos, segundo Bach (2017). Segundo o autor, 42,55% das fábricas se localizavam na região do bairro Três Vendas, onde também estava a grande maioria das charqueadas. As novas indústrias também procuravam uma localização privilegiada para escoar seus produtos nos acessos de entrada e saída da cidade.

O que se relaciona também com as intensas modificações que a cidade vem sofrendo no período: massificação da luz elétrica, difusão de meios de comunicação,

como rádio e telefone, e modernização dos transportes. As transformações na cidade de Pelotas, em sua urbanização e suas relações de trabalho, também se davam no cotidiano da nova urbe.

Na Tabela 4 observamos que em 1920 as atividades econômicas eram mais generalistas e abrangentes. As atividades denominadas “diversas” provavelmente se referiam ao mercado informal ou a profissões ainda não reconhecidas, exercidas por uma grande parcela da mão de obra ativa da população.

**Tabela 4** – Comparativo de pessoas por área de atividades em 1920 na cidade de Pelotas (RS)

	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
<b>Exploração do solo</b>	9.653	349
<b>Exploração de materiais minerais</b>	648	-
<b>Indústria</b>	4.376	2.043
<b>Transporte</b>	1.441	48
<b>Comércio</b>	2.407	73
<b>Força pública</b>	268	-
<b>Administração</b>	594	34
<b>Profissões liberais</b>	825	317
<b>Diversas</b>	38.241	59.218

Fonte: Censo do Estado do Rio Grande do Sul, 1920. Elaborado pela autora, 2021.

Na Tabela 5 observamos um grande aumento na diversidade das atividades, assim como o surgimento ou formalização de novas profissões. A cidade expandia suas demandas. Com a expansão do núcleo urbano, há uma crescente de pessoas declaradas inativas, fora do mercado formal de trabalho.

**Tabela 5** – Comparativo de pessoas por área de atividades em 1940 na cidade de Pelotas (RS)

<b>Defesa nacional serviço público</b>	1.353
<b>Profissões liberais</b>	567
<b>Serviços e atividades sociais</b>	4.049
<b>Atividades domésticas, atividades escolares</b>	38.711
<b>Pessoas de 10 anos ou mais em condições inativas</b>	5.845
<b>Agricultura, pecuária, silvicultura</b>	14.199
<b>Indústrias extrativas</b>	500
<b>Indústrias de transformação</b>	5.882
<b>Comércio de mercadorias</b>	4.769
<b>Comércio de imóveis</b>	250
<b>Transporte e comunicação</b>	1.928
<b>Administração pública</b>	1.267

Fonte: Censo do Estado do Rio Grande do Sul, 1940. Elaborado pela autora, 2021.

Verifica-se que em 1940 houve uma significativa diminuição das profissões liberais e aumento de ocupações que requerem pessoas com cursos completos e superiores, o que não era observado no recenseamento de 1920. Algumas conclusões possíveis: ou as profissões liberais de 1920 não são as mesmas de 1940, ou os parâmetros para a classificação dessas profissões pode ter sido modificado, com o avanço do grau de escolaridade da população.

Em 1940 surge a classificação “serviços e atividades sociais”, o que pode ser um indicativo de que essas atividades desenvolveram-se com a introdução da energia elétrica na cidade. Há um aumento do número de associações formalizadas, das atividades de banquetes e festas promovidas, que mobilizavam serviços de buffet e a organização de toda uma estrutura de eventos. Como exemplos, podemos citar o Hotel Aliança e o Grande Hotel, ambos em Pelotas, que ofereciam serviços semelhantes. Segundo Müller (2018, p.04):

As festas eram destacadas nas páginas dos jornais, inicialmente informando sobre a sua realização, e posteriormente, comentando sobre as mesmas. Palavras como “bela, vasta, decorada, deslumbrante e agradável”, vinham destacadas nas reportagens, dirigindo-se aos espaços do hotel. Como também, a reputação do estabelecimento ficava notável, conforme dizeres como “antigo e acreditado estabelecimento” e “conceituado Aliança”. Contudo, a partir da década de 1930, encontra-se a reportagem de apenas um evento realizado no Hotel Aliança.

Destacamos também as “atividades domésticas e atividades escolares” no Censo de 1940. O grande aumento das atividades produtivas na cidade pode ter colaborado para a terceirização do trabalho doméstico, como cuidados diários de casa, cuidado com os filhos e manutenção de escritórios e espaços de atendimento ao público. Já com relação às atividades escolares, podemos salientar a demanda de mão de obra, com a criação e expansão das escolas técnicas.

Segundo Lima (2017), em 1940 a antiga Escola Technica Profissional cedeu lugar à Escola Técnica de Pelotas (ETP), inaugurada em 1942, como política do governo de Getúlio Vargas para aumentar a mão de obra das indústrias, em fase de desenvolvimento no país.

### 1.3 A modernização do espaço urbano e as novas relações de sociabilidade através da diversidade social

A introdução da energia elétrica em Pelotas trouxe novas possibilidades em vários âmbitos, embora a cidade ainda contasse com a iluminação a gás até meados de 1940 (AXE, 1996). Em Pelotas, não obstante as dificuldades enfrentadas com o alto custo do serviço de gás, as primeiras *démarches* para a instalação de uma usina elétrica objetivavam tão somente a iluminação particular.

De acordo com reportagem publicada no jornal diário local – Correio Mercantil, de 19/01/1875 – a população da cidade tinha o hábito de “olhar as colunas do gás” na época da instalação desse tipo de iluminação, sendo assim, sentados à frente de suas casas, a população presenciava os avanços tecnológicos. Há relatos, que no mesmo ano, Pelotas teria contado com um gasômetro que devido a problemas com a importação de matéria prima adequada aos combustores, teria sua operacionalização dificultada a partir da década de 1940. (MIRANDA, 2017, p. 158).

A modernização trouxe a Pelotas a diversidade social e novas possibilidades de lazer, segundo Gill (2017):

No tocante ao lazer, havia também saraus, bailes, acontecimentos em clubes sociais, bandas de música. O Parque Pelotense, construído em 1883, sendo propriedade de José Álvares Souza Soares, oferecia restaurante e inúmeras atividades de recreação para quem o visitasse. (GILL, 2017, p. 194).

Os transportes tiveram importante papel no desenvolvimento da cidade. Os bondes protagonizaram um marco na mobilidade urbana e da mão de obra do

operariado, seja ele público ou da iniciativa privada, acompanhando também o dinamismo das atividades de lazer.

Em 1873 os bondes puxados a burro foram a novidade que inaugurou o meio de transporte coletivo em Pelotas. Inicialmente os bondes contavam com duas linhas que desembocavam em estações, uma central e outra na entrada do bairro Fragata. Já no início do século XX, a empresa Ferro Carril e Cais de Pelotas, de propriedade do município, transportava sem custo agentes do correio, da polícia e empregados públicos, desde que esses portassem uma autorização. Com a necessidade de modernizar esse meio de transporte, foram introduzidos em 1915 bondes elétricos, proporcionando maior conforto e lucro do que os antigos. Esses estiveram em trânsito até 1955. (VARGAS, 2017, p. 273).

A eletricidade trouxe novas possibilidades para a vida pelotense. Atividades noturnas passaram a fazer parte do cotidiano, não só o trabalho poderia expandir, mas a atividade de lazer tornara-se mais atraente. A vida noturna incorpora-se com mais afeição à cidade.

Destacam-se alguns impactos residenciais importantes dessa modernidade, como a utilização de aparelhos domésticos, por exemplo, a geladeira e o gramofone, os quais sabe-se hoje, foram instrumentos – ainda que cada um à sua maneira – de novas condições de vida e acesso à cultura. O próprio funcionamento da “Rádio Pelotense” (1928) teve suas primeiras transmissões oficiais “das 21 às 23 horas, nas noites de quinta-feira e domingo”, o que reforça a idéia [sic] de uma noite que se adensava. O vínculo do aparecimento da energia elétrica com uma atmosfera de apropriação de novos hábitos que estendiam o tempo da cultura popular, não deixa de fazer parte dos sintomas de uma aspiração à modernidade, sentida em outras partes do país e ligada a novos valores culturais expressivos de uma urbanidade civilizada. (CARVALHO, 2017, p. 464).

Essa novidade acarretou transtornos para a cidade que se modernizava. A ocorrência de crimes e desordem aumentou de forma significativa. A vida noturna estava reservada à camada mais popular, que oscilava entre operários, autônomos e desocupados que circulavam nas regiões mais centrais.

Trabalhando a partir da análise das ocorrências noturnas presentes nos inquéritos policiais, anexados aos processos criminais da Comarca de Pelotas, chegou-se a um universo de mais de 100 processos de ocorrências noturnas, desde incêndios, arrombamentos, atropelamentos e defloramentos, a um circuito de atividades culturais envolvendo bailes, bares, cafés e “pensões alegres”. Pelotas abarcava uma vida noturna recheada de interações e conflitos, nos quais hoje se encontram, refletidos nas folhas dos processos criminais, todos esses estranhamentos e associações mencionados, que fizeram desse período da história da cidade um símbolo de sua arraigada contradição: provinciana versus cosmopolita. (CARVALHO, 2017, p. 464).

Nota-se que os espaços de sociabilidade na cidade se reservaram a camadas mais distintas, com horários diurnos, sendo a boemia reservada aos populares. As reuniões em cafés e confeitarias e associações recreativas tornaram-se espaços de discussões da vida política e econômica da cidade, constituindo fator de distinção social, herança ainda do século XIX.

A fundação desses clubes e sociedades artísticas e literárias pode ser associada ao fenômeno da ampliação dos espaços de sociabilidade e discussão, transferidos cada vez mais para a esfera pública. Tal fenômeno também foi verificado na Inglaterra, na França e nos demais países europeus, o que se tornou característico dos “grupos ilustrados”. (MÜLLER, 2010, p. 115).

Os espaços delimitados e as linhas de distinção visíveis no modo de socialização talvez sirvam para afirmar a posição social de cada indivíduo e seu papel social dentro dessas novas configurações e círculos sociais<sup>7</sup>.

Isso significa concretamente, que a posição social e o poder específico atribuídos aos agentes em um campo particular dependem, antes de mais nada, do capital específico que eles podem mobilizar, seja qual for sua riqueza em outras espécie de capital que pode exercer, todavia, um efeito de contaminação. (BOURDIEU, 2006, p. 107).

Apontamos até aqui um conjunto de fatores que de alguma forma construíram uma concepção de nacionalismo em Pelotas que coincide com a ascensão de Getúlio Vargas à presidência do país. Descrevemos, dentro do recorte temporal desse trabalho, e dentro de um olhar voltado ao nosso objeto de pesquisa, o Jockey Club de Pelotas, o contexto em que este objeto foi pensado, construído e projetado.

Segundo Martins (2010, p. 809), “a cidade de Pelotas, na região sul do Rio Grande do Sul, já no começo da década de 1920, dá-nos ideia da proficuidade da visão nacionalista do pós-Primeira Guerra que impregnou o pensamento intelectual brasileiro da época”. Destacamos, em 1931 os primeiros sinais em Pelotas do que indicaria uma blindagem do mercado econômico direcionado ao mercado interno. A

---

<sup>7</sup> Para pensarmos sociabilidade e círculos sociais, utilizamos as reflexões de Agulhon que, através dessas duas categorias, estabelece uma relação entre política e cultura. Segundo Müller (2010, p. 34), “O autor identificou o ‘caráter ou temperamento do povo tomado em conjunto’ com a sociabilidade, pois considerava que a sociabilidade remetia para as realidades sociais relativamente verificáveis: encontros, grupos, vida aglomerada, etc.”.

ferramenta para isso seria o nacionalismo, que já indicava uma crescente no país, de acordo com os jornais locais.

No dia 20 de janeiro de 1931, uma terça-feira, no jornal *Diário Popular*, então órgão do Partido Republicano, ao pé da primeira página, coluna de telegramas, pode-se ler, entre notícias do Rio de Janeiro, o artigo “Uma sugestão á liga Pró-Defesa de Pelotas”. O subtítulo: “Uma ideia que deveria ser aproveitada”. A liga acabara de ser fundada com o objetivo de prestar serviços ao progresso pelotense. Segundo o artigo, a criação da liga seria o reflexo da prosperidade do país.

Entre vários pontos no seu artigo, Eugenio Rodrigues, gerente do Banco da Província, aconselhava a adoção de um sistema coordenado em defesa da economia e da retração da saída do ouro do país. A pequena nota tinha impactos políticos, econômicos e certamente nas relações com os governos estadual e federal. A criação da Liga Pró-Defesa de Pelotas trata em primeiro plano de salvaguardar a prioridade no capital interno e conter os avanços de incentivo a imigração e capital estrangeiro.

A provocação de Eugenio Rodrigues, gerente de um dos bancos mais influentes no Rio Grande do Sul, sinaliza uma ação coordenada para impedir a saída do ouro brasileiro, e é um forte indicador da reação do mercado e dos empresários do Rio Grande do Sul para blindar o mercado interno e incentivar as transações com o mercado exterior, principalmente o mercado platino. Mais tarde, isso se refletiria na importação de maquinários industriais, na exploração do solo, com obtenção de matéria-prima para a indústria, a pecuária e a equinocultura.

Tratamos a formação da liga como um elo político importante com a nossa pesquisa, como consequência das mudanças no país provocadas pelo governo Vargas. Sabe-se que o mesmo possuía forte relação com a cidade de Pelotas, como poderemos evidenciar através de inúmeros contatos e favorecimentos políticos para a construção do empreendimento Hipódromo da Tablada.

Os hipódromos favoreciam a exibição da presença, em função de sua localização, disposição e, até mesmo, de sua estrutura física. Outro aspecto que pode compor parte de seu sucesso no período é o fato de consistir em um entretenimento nas cidades, necessitadas de alternativas deste caráter, uma vez que se tratava de uma atividade pública que admitia distinguir as diferenças de classe. (PEREIRA, 2016, p. 85).

Quando aqui colocamos os elementos que formaram e magnetizaram vida e a construção da Liga Pelotense, uniu nosso trabalho a essa construção, de uma conjuntura política social nacionalista dentro de uma troca de avanços que delimitaram a visão de necessidades patriarcais de continuidade de manutenção elitista rural.

Não entendemos como descolada tais fatores da construção da reformulação gramatical da escrita do nome do Jockey Club para Jóquei Clube de Pelotas, que poderia tanto acompanhar a uma tendência de revisão ortográfica da década de 1930 (MESSEDER, 1935). O autor considera a linguagem como uma expressão do pensamento algo que não pode ser aprisionado e conservando a língua de uma nação também será capaz de conservar a nacionalidade de todos que a constituem.

Por tanto entendemos que toda a constituição de discurso nacionalista acompanhado da onda da reforma ortográfica possa sim ter uma tendência preservacionista dos fatores já aqui listados de nacionalismo.

Oscilamos aqui entre décadas e acontecimentos, mas de maneira a levar a uma reflexão não engessada dos fatos. Entendemos que dessa forma os acontecimentos se desenhem e se encaixem conforme a leitura. Colocamos algumas provocações, mas também apresentamos fatores importantes para pensar os acontecimentos de uma forma mais ampla e diluída.

Embora esse capítulo seja orientado por uma cronologia, utilizamos muitos comparativos, pois entendemos comunicar melhor nosso objetivo. Pensar a Pelotas dos séculos XIX e XX exige esse esforço comparativo entre transformações socioeconômicas e comportamentais, para entender as raízes e os princípios que modernizaram a cidade. O Jockey Club de Pelotas situa-se dentro desse universo. Nos próximos capítulos, detalharemos sua história.

## CAPÍTULO 2 – O JOCKEY CLUB DE PELOTAS – HIPÓDROMODA TABLADA E SUAS VÁRIAS FASES

### 2.1 A trajetória do Jockey Club de Pelotas

Ao tratarmos do início das atividades turfísticas do Jockey Club de Pelotas, temos que nos voltar para o bairro Fragata. O bairro foi um dos primeiros loteamentos da cidade de Pelotas (OLIVEIRA, 2007), cujas origens remontam à fazenda Santa Bárbara, às margens do arroio de mesmo nome. Armazéns que comercializavam produtos diversos, a maioria vindos da colônia, foram instalados na localidade. Uma estrada interligava o local com outras regiões da cidade, facilitando o acesso. Com o tempo, o loteamento cresceu e ficou conhecido como uma das principais portas de entrada para a cidade de Pelotas.

Segundo levantamento com fontes jornalísticas, as atividades do Jockey Club de Pelotas no bairro Fragata começaram em 1876, ainda com fins recreativos. Os registros referem-se ao local como Jockey Club de Pelotas e Prado Pelotense, relatando as atividades de lazer da instituição.

No sábado e domingo à tarde, no ponto terminal da linha dos bondes do Fragata, tivemos o interessante e agradável divertimento denominado – jogo d'argolinhas –, em que tomaram parte muitos distintos cavalheiros da nossa cidade. Em qualquer dos dois dias, a concorrência foi assaz numerosa e o povo mostrou-se satisfeito com a recreativa diversão que se lhe proporcionava. (CORREIO MERCANTIL, 28/03/1876, p. 1).

Segundo artigo do jornal *Correio Mercantil* de 28 de março de 1876, havia um grande público nesses eventos. Ressaltava-se a preocupação com a segurança e as aglomerações. Ainda segundo os relatos do jornal, também se tentava delimitar os espaços entre “os cavalheiros e o público”, clamando sempre à ordem, sem prejudicar o evento. Nessas ocasiões, havia grande empenho em ensaios e preparativos dos eventos, tidos como os preferidos da população.

O Club Jockey, composto unicamente de vinte distintos cavalheiros, prepara para amanhã uma agradável diversão no ponto terminal da linha de bondes para o Fragata. Os sócios d'este clube, apresentar-se-ão uniformizados, montando soberbos ginetes e observando a maior ordem nas corridas. O campo destinado ao torneio acha-se convenientemente guarnecido para evitar a aglomeração dos espectadores e garantir o bom êxito d'esses exercícios sem perigos nem dificuldades. Folgamos em reconhecer que

foram atendidas as considerações que expendemos a tal respeito e que a diversão deve ser em tudo amena e recreativa. (CORREIO MERCANTIL, 01/04/1876, p. 1).

A matéria elogia os serviços dos bondes<sup>22</sup> e observa que o público correspondeu, com boa presença nos dois dias. Mas ressalta que o número reduzido de carros e de linhas tornava impossível maior circulação de pessoas, sugerindo para a empresa um desvio no meio do caminho para encurtar o acesso ao local, o que também traria benefícios para a empresa. No jornal *Correio Mercantil* do dia 2 de abril do mesmo ano há novo chamamento para a atividade do jogo da argolinha no terminal dos bondes do bairro Fragata. Nessa ocasião, o evento contaria com a banda Lyra Pelotense, que executaria seu repertório da tarde até a noite. Seis bondes seriam disponibilizados de quatro em quatro horas para o transporte do público para o evento.

Observamos aqui o empenho da Companhia de Ferro Carris em atender à demanda gerada pelo evento do Jockey Club de Pelotas em seu terminal, após o jornal *Correio Mercantil* chamar a atenção para o número insuficiente de carros. No dia 9 de abril, o jornal traz a notícia de que a companhia regularizara o serviço para melhor atender o público.

Ao nos debruçarmos sobre os relatos jornalísticos, enfatizamos o empenho de divulgar a nova atração, mas sempre ressaltando que os eventos, embora populares, eram também marcados com pompas que se destinavam a diferenciá-los, mostrando como essas atividades eram pensadas.

Podemos ver assim o papel do poder público nesse espaço, seja no alinhamento do transporte ou na permissão ao desenvolvimento da atividade. Também se observa o apoio da imprensa, através das divulgações exaltativas dos eventos em suas páginas.

Por outro lado, os bondes eram elementos importantes para a cidade de Pelotas, atendendo a uma demanda de uma urbe em transição da organização rural para a urbana.

Reportemo-nos de início aos primeiros bondes, ao tempo em que não havia energia elétrica na cidade. Um contrato firmado entre o presidente da província, conselheiros da Companhia Ferro Carril e Cais de Pelotas, os diretores João Frederico Russel, Francisco Figueiredo e Manoel Marques

---

<sup>22</sup> A palavra bonde define um veículo de transporte coletivo que corre sobre trilhos urbanos, assentados rentes e sem saliências no leito das ruas (WITTMANN, 2006, p. 29).

de Sá, tratava de um serviço de transporte coletivo urbano. A firma concessionária se comprometia a instalar em todas as vias de limite urbano e seus subúrbios, linha de carris de ferro, tanto para passageiros como para carga, por tração animal ou a vapor. O sistema seguiria o modelo usado no Rio de Janeiro e Jardim Botânico, e duraria 50 anos, com repasse de 3.000\$000 destinado às obras. (LEÓN, 2012, s/p).<sup>23</sup>

**Figura 1** – Os primeiros bondes na cidade de Pelotas, movidos à tração animal



Fonte: Viva o Charque, 2012<sup>24</sup>.

Além do transporte, os bondes serviam como mecanismo de desenvolvimento e aproximação, favorecendo a sociabilidade na urbe que surgia. Novas formas de convivência se desenvolviam, com a promoção de atividades culturais e sociais, como constata Wittmann (2006, p.20):

Podemos apontar, as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX como um período de efervescência cultural e crescimento econômico na cidade de Pelotas, onde o bonde foi um instrumento de aproximação de pessoas, levando-as a diversos espaços públicos de sociabilidades.

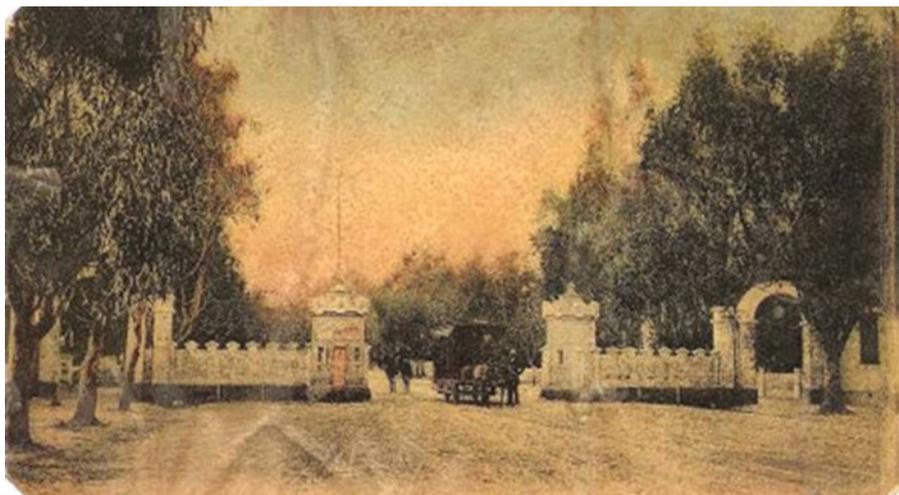
Para o autor,

[...] Pelotas não foi muito diferente, os mais variados tipos de bondes percorriam suas ruas, tudo isto se devia ao acelerado desenvolvimento que a cidade vinha tendo, onde os operários das fábricas que surgiam a cada dia, dependiam deste meio de transporte. (WITTMANN, 2006, p.18).

<sup>23</sup> Disponível em: <http://www.vivaucharque.com.br/interativo/artigo22>. Acesso em: 25 jun. 2021.

<sup>24</sup> Disponível em: <http://www.vivaucharque.com.br/interativo/artigo22>. Pode-se ver na imagem que os trilhos passavam em frente à Biblioteca Pública e à Intendência Municipal.

**Figura 2** – Bonde de tração animal nos portões do Parque Souza Soares no Fragata (1873)



Fonte: Viva o Charque, 2012<sup>25</sup>.

De León (2012, s/p), afirma que

Foi em 9 de novembro de 1873 que os bondes foram entregues ao público. Uma novidade. Agora, nem só as carruagens levavam as pessoas pela cidade. Aqueles burrinhos pachorrentos fizeram trafegar as viaturas sobre os trilhos durante mais de vinte anos até que se cogitou da substituição por bondes elétricos.<sup>26</sup>

Podemos relacionar a entrega dos bondes ao público em 1873 com as atividades do Jockey Club, uma vez que este se localizava no final da linha do novo transporte, no Parque Souza Soares, no Fragata. Por isso também podemos considerar a promoção das primeiras atividades da entidade como uma espécie de propaganda do novo meio de transporte.

Contribuem para essa ligação fatores como a preocupação da empresa Companhia Ferro Carril em atender de pronto todas as demandas de transporte para os eventos do Jockey Club e, mais tarde, o transporte de forma gratuita e a condução de todo material para a construção da primeira sede da entidade, no bairro Fragata.

Hoje á tarde, terão lugar as primeiras corridas do Jockey Club, no ponto terminal da linha de bondes para o Fragata. Como noticiamos ontem, o clube, que é composto unicamente de vinte distintos jovens da sociedade pelotense, apresenta-se elegantemente uniformizado, montando soberbos ginetes, e fazendo exercícos no divertido jogo da argolinha. O local das corridas está convenientemente guarnecido para evitar a aglomeração e qualquer desastre. A excelente banda de musica Lyra Pelotense, executará ali algumas das melhores peças do seu repertorio desde a tarde até a noite.

<sup>25</sup> Disponível em: <http://www.vivaucharque.com.br/interativo/artigo22>. Acesso em: 25 jun. 2021.

<sup>26</sup> Disponível em: <http://www.vivaucharque.com.br/interativo/artigo22>. Acesso em: 25 jun. 2021.

Seis bondes farão viagens de quarto em quarto de hora. Convidamos o publico para esses agradáveis divertimentos. (CORREIO MERCANTIL, 02/04/1876, p. 01-02).

A ligação entre o Jockey Club de Pelotas e a empresa de Bonds se torna mais nítida através dessa nota do jornal *Correio Mercantil*. A escolha do terminal pode aventar que seja estratégica, nesse primeiro momento de constituição de atividades do Jockey e de divulgação do novo meio de transporte. A preocupação com os preparativos, com o transporte e a segurança dos jovens participantes da atividade assim como com o público participante, tornava-se evidente.

Estiveram imponentes e atraíram imensidade de espectadores as primeiras corridas do Jockey Club. Os jovens cavalheiros, que tomaram parte na pugna, apresentaram-se elegantemente trajados á alta escola, tendo como distintivo no braço esquerdo assinalando o numero de ordem em que estavam colocados uma insígnia de prata com o letreiro Jockey Club, orlada de fitas azul e carmesim. Montando soberbos e fogosos ginetes, por mais de uma vez revelaram aquela agilidade e coragem própria dos antigos cavalheiros quando no campo da batalha disputavam a palma da vitória. Não havia ali um inimigo a combater, porem um triunfo a alcançar para oferecer em sinal de regozijo e apreço á distinta jovem a quem se dedica simpatia ou amizade. Quantos desses anéis arrancados na velocidade da carreira vimos passar da lança vencedora às mesas mãos de uma ilustre donzela e serem substituídos por outros mais valiosos que lhe ornamentavam os delicados dedos! E, quanto é sublime uma situação dessas em que se trocam, num olhar, num gesto expressivo, mútuos afetos de estima em que vão á mistura nobres esperanças e puras ilusões! Compreendem-lhes, jovens cheios de aspirações, que sentem no pulsar do coração o efeito das grandes sensações e enlevam-se nesses devaneios e alegrias da mocidade. Os nossos sinceros parabéns aos distintos cavalheiros do Jockey Club, pela maneira brilhante por que se apresentam e pelo gosto e entusiasmo que consagram aquela útil exercício e interessante divertimento. Como dissemos, a concorrência foi admirável e atingiu talvez a mais de mil pessoas. – E apenas lamentável que a pequenez do local e a falta de comodidade não permitam ao publico, especialmente ás famílias, outras regalias que seriam pares desejar. – Alimentamos, porém, a convicção que tudo melhorará a proporção que o Club fora aumentando de pessoal e realizando as ideais que fazem parte do seu amplo programa. Uma arquibancada, por exemplo, aos lados da cancha, é de muita necessidade para comodidade das senhoras, não só para presenciarem a diversão mais a seu gosto como para evitar a aglomeração de carros entre o povo com risco de algum desastre e incômodo de todos os espectadores. Se fosse possível atender a necessidade, seria um relevantíssimo serviço prestado ao publico e poderoso incentivo para mais numerosa concorrência. Durante o divertimento, a Lyra Pelotense executou lindíssimas pecas de seu variado repertório, que essas concorreu para o seu maior esplendor. O serviço de bondes, como era de esperar depois da vantajosa construção do desvio, foi o mais perfeito possível e correspondeu completamente ás exigências do publico. Podemos, pois, contar com esta diversão mais, agradável e econômica, única que possuímos aos domingos de tarde e que muito há de contribuir para animar e distrair a população. Honra e mil louvores aos iniciadores desses aprazíveis divertimentos. (CORREIO MERCANTIL, 04/04/1876, p. 01).

Podemos observar, através dessa extensa reportagem do jornal *Correio Mercantil*, a primeira atividade do Jockey Club de Pelotas com um público significativo e com uma organização formal. Verificamos que houve um grande investimento organizacional, com o desvio da rota dos bondes, que, mais tarde, se tornará itinerário certo, conforme averiguamos ao longo de nossa pesquisa.

A atividade era considerada de cunho recreativo e o papel das mulheres era aqui de espectadoras, senhorinhas e jovens senhoras, para as quais os cavalheiros se exibiam. Observamos que havia uma perspectiva de ampliação das atividades, visando ao público que viria prestigiar ainda mais essas programações de lazer.

Com uma narrativa romantizada e remetendo aos moldes europeus, já justifica muito as observações que acabamos fazendo ao longo de nossa pesquisa, uma trajetória pensada, uma trilha que se alia ao corporativismo para expandir suas atividades e pensando em como iria promover e realizar suas atividades.

No dia 10 de julho de 1877, publicação no jornal *Correio Mercantil* convocava os acionistas para uma reunião extraordinária, marcada para 17 horas, na Praça do Comércio. A reunião aconteceria no dia 12 de julho daquele ano e se destinaria a escolher um terreno que abrigaria a sede da entidade. O local escolhido para a reunião era estratégico. Além de chamar a atenção para a entidade, provavelmente tinha a intenção de atrair novos sócios.

Outra publicação, no dia 14 de julho de 1877, anunciava o interesse de compra em terrenos que medissem 100 a 120 braças de frente e 200 a 220 de fundo, na estrada do Fragata, do lado direito ou esquerdo. A publicação convidava os proprietários de terrenos com essa especificação a apresentar proposta, em carta fechada, em reunião com a diretoria em uma sexta-feira, dia 20 de julho daquele ano, na casa do presidente do Jockey Club de Pelotas, Machado Filho.

No dia 19 de setembro de 1877, conforme anúncio na página 2 do Jornal *Correio Mercantil*,<sup>27</sup> teve início a construção do edifício que abrigará os trabalhos da sociedade Jockey Club de Pelotas, cinco quadras além do cemitério, lado direito da estrada do Fragata. No dia 29 de novembro, anúncio na página 2 do jornal *Correio Mercantil* informa que no dia 2 de dezembro seria erguida a cumeeira do edifício do Jockey Club. Nessa nota observamos que as promoções do Jockey Club de Pelotas

---

<sup>27</sup> Salientamos aqui que não ilustraremos as reportagens aqui descritas do jornal *Correio Mercantil*, por estarem interditadas para consulta, o acervo encontra-se na Biblioteca Pública Pelotense, e a transcrição dessas reportagens se deu antes da interdição.

ainda eram realizadas para fins de lazer e divertimento. O foco ainda não eram as corridas de cavalos. Finalmente, no dia 9 de fevereiro de 1878, anuncia-se nas páginas do jornal a corrida de inauguração do Jockey Club, tendo início ao meio-dia. Outra pequena nota, do dia 21 de março de 1878, informa que no dia 25 do mesmo mês seria realizado evento em benefício da conclusão do edifício do então Hypódromo do Jockey Club.<sup>28</sup>

Pelas notas do jornal *Correio Mercantil*, observamos que a empresa organizadora das corridas era a Companhia Equestre Inglesa, dirigida por G. Hardwin e H. Willians. A empresa era responsável por promover os eventos, se não todos, pelo menos alguns de destaque, no Hipódromo do Jockey Club, no início das atividades.

No dia 23 de março de 1879 anuncia-se nas páginas do jornal *Correio Mercantil* a programação do espetáculo do dia 25 do mesmo mês. Duas bandas executariam peças escolhidas, no intervalo das atividades. Toda a atividade era acompanhada por músicas, conforme programado, com saída do Circo Inglês, ao meio-dia. Os ingressos estariam à venda na loja Paiol e no Hotel Aliança. O anúncio ainda dá conta de que os concorrentes deveriam estar a postos às 3 horas da tarde. O pagamento dos ingressos era obrigatório para o público. Embora promovesse competições no então Hypódromo do Fragata, a Companhia Inglesa se ocupava somente da elaboração de divertimentos, mesmo que estimulasse as competições e as apostas.

Em 21 de maio de 1878, na capa do jornal *Correio Mercantil* se anunciava a primeira corrida de amadores.

Realizaram-se no domingo as primeiras corridas desta sociedade. A concorrência foi regular e o divertimento ocorreu em boa ordem, observando-se o programa estabelecido. Na primeira corrida, de amadores, entre seis cavalos, em oito quadras divididas em duas coube o triunfo a Zaino, montado e de propriedade do Sr. Zeferino Costa; e na última ao lado de Tordilho Relâmpago, do Sr. Rozauro Zambrano, corrido pelo Sr. Lourenço Botelho. (CORREIO MERCANTIL, 21/05/1878, p. 1).

---

<sup>28</sup> Não foi possível reproduzir as páginas dos jornais onde essas informações foram obtidas. De acordo com o responsável pelo setor em que se encontram esses documentos, na Bibliotheca Pública Pelotense, os jornais estão muito danificados pelo manuseio e precisaram ser recolhidos para futura digitalização, sem previsão de realização.

Zeferino Costa (Figura 3) era dedicado turfiano, um dos principais incentivadores e reestruturador do Jockey Club de Pelotas em 1930, segundo as fontes pesquisadas para esse trabalho.

Destacamos aqui o nome de Rozauro Zambrano, membro do Jockey Club de Pelotas e, como vimos, proprietário de cavalos. Ligado à elite pelotense e muito conhecido na cidade, era um dos principais acionistas do Banco Pelotense (RETZLAFF, 2020).

Uma passagem curiosa, que talvez tenha mais tarde forte ligação com seu nome, Rosauero foi envolvido em um escândalo de jogos de azar. Curiosamente, mais tarde, em 1930, o Jockey Club de Pelotas irá pedir autorização ao governo federal para a liberação de cassino para angariar fundos para a construção do Hipódromo da Tablada.

Rosauero [...], era nome conhecido da elite pelotense, não só pelo envolvimento nos negócios, mas por esbanjar sua vultuosidade financeira pela cidade através de grandes festas e confraternizações, assim como desfilando pela cidade com suas carruagens. Curiosamente, a origem de seu capital foi motivo de grande alvoroço na cidade de Pelotas no ano de 1900. Por diversas vezes foi destaque nas páginas do periódico "A Federação" o escândalo envolvendo seu nome e a organização do jogo do bicho na região. Apontado como o principal organizador da jogatina ilegal, chegou Rosauero a ser preso em grande operação policial que tinha como intenção pôr fim a estas atividades no estado. (SANTOS, 2020, p.66)

Podemos avaliar, nas notas do jornal *Correio Mercantil*, que se constituíam dois momentos a partir de então: havia os cavalos da Companhia Inglesa, para fins de divertimento, e os cavalos destinados às corridas amadoras. Estes, pertencentes à criadores de cavalos e à incentivadores do esporte amador.

**Figura 3** – Turfmen Zeferino Costa encilhando seu cavalo puro-sangue Atheniense<sup>29</sup>



Fonte: Acervo pessoal de Paulo Fiss.Reproduzido pela autora, 2020.

Em 1879 já havia essa distinção na imprensa local, deixando nítida a separação entre a entidade promotora dos eventos de corridas e o espaço físico, onde aquelas eram promovidas. Segundo edição do jornal *Correio Mercantil* de 7 de outubro de 1879, “as corridas de domingo, organizadas pela sociedade Jockey Club, estiveram importantes e atraíram numerosos apreciadores. Notou-se sempre muita animação para o divertimento [...]” (CORREIO MERCANTIL, 07/10/1879, p. 2).

Julgamos importante reproduzir essas notas, que ilustram a motivação do caráter associativista que marcou o Jockey Club de Pelotas. O objetivo é remeter à linha que estipulamos para essa pesquisa. Entendemo-nos neste trabalho não como contadoras de uma cronologia histórica, e sim como provocadoras de uma história, com uma lupa nunca antes colocada sobre o Jockey Club de Pelotas. Essa delimitação é importante para entendermos que desde o início de suas atividades houve um movimento de promoção do associativismo, que remete aos círculos sociais e todos os fatores de seu entorno.

Agulhon (2005), ao tratar da sociabilidade e dos círculos sociais, estabelece uma relação entre política e cultura, identificando um caráter ou temperamento de um povo. O autor considera que a sociabilidade remete para realidades sociais relativamente verificáveis: encontros, grupos, vida aglomerada, etc. O homem é um ser sociável e mutável e também estabelece círculos, tornando as relações fechadas ou mutáveis, de acordo com seus interesses. Com essa análise, situamos a perspectiva a partir da qual entendemos as relações sociais estipuladas no Jockey

<sup>29</sup> Conforme legenda da foto, o registro foi feito nas dependências do Hypódromo do Fragata.

Club de Pelotas, delimitando um lugar e suas concepções de grupo. A partir desse ponto, é possível entender todas as arrumações e ligações sociais que identificamos ao longo da trajetória da entidade, de onde partem seus fios sociais e seus arranjos estruturais e políticos.

Importante refletirmos a quem servem esses Clubes e de que maneira se estruturam a atender a todas essas demandas socioeconômicas que acabam por se blindarem em círculos sociais delimitados.

O termo club se popularizou na década de 1870, com a fundação de outros clubes, marcadamente esportivos, como o Jockey Club, o Clube de Regatas e o Clube de Tiro ao Alvo. A formação destes clubes é uma característica típica da elite, pois a maioria deles requeria instrumentos e locais especializados para seu desempenho e tinham um alto custo para sua admissão. Needell indica alguns fatores que demonstram o caráter declaradamente elitista dessas associações: “o tipo de atividades a que estas instituições ostensivamente se destinavam; o elevado custo de admissão, que servia de barreira econômica; e a exclusão social praticada ativamente em pelo menos alguns deles”. (MÜLLER, 2010, p. 130-131).

De meados de 1878 a 1892, houve mudança da destinação do Jockey Club, agora não mais voltado somente às atividades sociais, com viés predominantemente recreativo, mas também às esportivas, como as corridas de cavalos. As atividades ocorriam ainda no bairro Fragata, com formato organizado e focado no esporte. As atividades de lazer, importadas segundo moldes europeus, mais especificamente inspiradas no modelo inglês dos Jockeys Clubs, eram adaptadas de maneira a conferirem visibilidade às futuras atividades turfísticas na região de Pelotas. Os Jockey Clubes brasileiros se inspiraram no Jockey Club francês ou inglês, pois, como afirma Needell (1993, p. 98):

[...] ambos simbolizavam a importância atribuída ao turfe pela alta sociedade dos dois lados do canal da Mancha. Desde o século XVIII os clubes destinados às corridas de cavalos serviam de local privilegiado para a diversão e o encontro dos aristocratas ingleses. Em Paris, o Jockey Club foi fundado, em 1838, pela mais elegante aristocracia anglomaniaca da Restauração francesa, e desde então reinou como um dos clubes mais exclusivos da cidade.

O principal motivo da participação em clubes deste tipo, tanto no Rio de Janeiro como em Pelotas, não era pelas corridas de cavalo, mas sim, “porque o Jockey era um tipo de instituição cara, aristocrática, privilegiada, à qual era aconselhável pertencer.” (NEEDELL 1993, p. 99) Ou seja, era uma atividade tipicamente elitista.

O Jockey Club era um clube criado pela e para a elite, seja ela carioca ou pelotense, pois, conforme Needell (1993, p. 100):

A receita do Jockey era relativamente simples e sempre atraente: corridas de cavalos (e portanto o *imprimatur* da aristocracia européia (*sic*), alto custo (erigindo a desejável barreira de exclusão de classe) e apelo esnobe (o mais venerável e exclusivo clube do gênero, consagrado dentro de uma tradição de elitismo, atraente sobretudo devido à instabilidade e à relativa novidade de tantos aspectos da elite carioca). [Grifos do autor]

Os modelos de círculos sociais desse espaço estavam vinculados a essa concepção europeia, mas podemos observar um ajuste a um modelo mais popular, sem as pompas do exemplo em que se baseou originalmente, e orientado a um acesso mais amplo, o que se pode observar pela redução do preço dos ingressos.

Para as corridas que se devem realizar no Prado Pelotense no domingo 25 do presente, fez-se uma vantajosa redução no preço d'entradas, conforme a tabela seguinte: Entrada geral a pé – 500, Arquibancada geral – 1\$000, carro de praça com boleiro – 2\$000. Os bilhetes estarão a venda no Prado. (CORREIO MERCANTIL, 20/05/1879, p. 2).

Havia um esforço para popularizar as corridas, de maneira a que houvesse um maior número de pagantes e de adeptos, viabilizando o acesso das classes populares.

É provável que o local escolhido para acolher o Prado Pelotense tenha sido estrategicamente pensado para facilitar a adesão popular e atrair a empatia da sociedade. As diversões nesse espaço passaram a se diversificar, porém, ainda sem perder de vista os modelos europeus de diversão, mesmo adaptados à realidade do espaço e da cidade.

A diretoria tratava de ampliar e melhorar o espaço de corridas, com uma área de nove quadras em círculos para as corridas de cavalos, duas canchas em linha reta e outra que faziam o espaço atingir quatorze quadras (CORREIO MERCANTIL, 08/11/1879, p. 2). O jornal informa que o Jockey Club de Pelotas aprimorava sua estrutura e alcançava sua finalidade de corresponder às expectativas dos amantes das corridas. A extensa reportagem pontua a importância dessa melhoria e do investimento para que os fazendeiros pudessem aprimorar a qualidade de suas criações.

Os investimentos desses fazendeiros supõem significativo aporte de recursos, pois os cavalos puro sangue chegavam da Inglaterra. O primeiro, com data de importação registrada em 1856.

Em 1856, ano em que foi registrada a primeira importação oficial de um puro-sangue-inglês no Rio Grande do Sul, viu-se chegar o primeiro animal mais nobre e veloz. Procedentes da Inglaterra, esses animais chegaram a bordo do vapor Avon. Tal iniciativa pertenceu ao criador de cavalos José Ferreira Porto. A partir desses animais, foram dados os primeiros passos para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da criação de cavalos no Estado. Iniciava-se uma transformação paulatina, primeiramente, mas que não seria mais interrompida. Esses já eram sinais de que os tempos estavam mudando. (PEREIRA; SILVA; MAZO, 2010, p. 1).

Em novembro de 1879, o jornal *Correio Mercantil* informa a preocupação da direção com a priorização nos ingressos para sócios e seus familiares. Para evitar reclamações, foi estipulado um valor elevado para os ingressos adquiridos depois da hora de compra. Dessa maneira, procurava-se evitar que os ingressos fossem repassados por maior valor nos comércios locais (CORREIO MERCANTIL, 13/11/1879, p. 3).

Podemos observar a dinâmica de complexidade de uma instituição em expansão, preocupando-se com a qualidade e conforto dos serviços prestados aos seus sócios. Esses pontos serão importantes futuramente para a transformação das atividades da entidade, da passagem do amadorismo para as atividades profissionais turfísticas.

Ao passo que se diversificavam as atividades do Jockey Club de Pelotas, também observamos a expansão do bairro que abrigava a entidade. Com o desenvolvimento urbano de Pelotas, o bairro Fragata vai se desenhando como uma área suburbana.

O desenvolvimento das atividades profissionais turfianas encontra limites dentro de espaço suburbano. Melo (2019), um dos primeiros historiadores a descrever as experiências do turfe no Brasil, analisa as dificuldades relativas ao público atingido e às atividades promovidas. As entidades normalmente eram localizadas em locais distantes, nos subúrbios, e seus públicos eram predominantemente mais populares. Assim, as atividades desenvolvidas nesses espaços serão consideradas inicialmente como amadoras, como espaços de jogos de azar.

O autor insiste na distinção do público frequentador desses espaços. Quanto mais inserido dentro dos limites urbanos e populares, maior a preocupação com a distinção. O aspecto popular estimularia a desvalorização das corridas como esporte. As discussões sobre a organização das estruturas sociais nos remetem às dinâmicas de base para essas atividades no Brasil, fazendo-nos observar as lutas por uma base organizativa visando a um mercado mais distinto. Pode-se discutir sobre a retirada do caráter amador de algo situado em um ambiente de fácil acesso popular, que estimula apostas (jogos de azar) e torna pouco atrativo aos criadores de cavalos puros-sangues o investimento no aprimoramento da raça.

João Manuel Casquinha Malaia Santos, em *Resistência à monopolização do entretenimento: carreiras em cancha reta e nos prados gaúchos na segunda metade do século XIX e início do XX* (2018), discute contextos locais que se aproximam de nosso objeto de pesquisa no Rio Grande do Sul. O autor oferece uma perspectiva específica das atividades promovidas em cancha reta, analisando situações “extraeconômicas” dentro das entidades associativistas turfísticas e sua incidência nas operações econômicas propriamente ditas. Segundo o autor, esses clubes possibilitavam prestígio às elites regionais, o que demonstra como a estrutura política e econômica desses espaços turfísticos incide sobre a promoção social.

Importante analisar que em um processo de estruturação das cidades, promover entretenimento aliado à rentabilidade no esporte associava-se à grande demanda do público, o que tornava o empreendimento economicamente atrativo.

Ao longo do último quartel do século XIX, as principais cidades gaúchas foram inaugurando seus prados. Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande, Alegrete, Santana do Livramento, Passo Fundo, Caxias do Sul, Santa Maria, São Borja, Jaguarão eram algumas das cidades que contavam com clubes de corridas. Os clubes atendiam a uma formalização do esporte hípico e procurava se apropriar deste mercado de entretenimento, enquadrando-o dentro dos clubes e faturando com as apostas e prêmios pagos nas corridas. (SANTOS, 2018, p. 6).

Essas observações colocam nosso objeto de pesquisa exatamente neste lugar de dependência econômica de uma atividade popular, no caso, as disputas de corridas em cancha reta<sup>30</sup>, mas buscando formas mais elaboradas, através da profissionalização do turfe na cidade de Pelotas.

---

<sup>30</sup> As disputas de corridas em cancha reta caracterizam-se, entre outras coisas, “[...] pela adição do dinheiro das apostas mais as inscrições dos proprietários dos animais. Funciona, atualmente, como um remate. É leilado o resultado do cavalo na competição, do lance maior para o menor. Quem

Compete ainda, aos hipódromos, anotarem o desempenho dos concorrentes, bem como tornarem as informações acessíveis aos interessados, para que saibam o seu retrospecto. Estas novas características incorporadas ao cotidiano das carreiras de cancha reta apontam para a coexistência destas com o turfe enquanto uma configuração. (PEREIRA, 2016, p. 104).

As corridas de cancha reta movimentavam um volume grande de apostas, visando avançar cada vez mais nesse mercado. A saída seria formalizar o esporte através do associativismo. Mas as atividades deveriam ser registradas, segundo a lei que regulamentava essas atividades.

A maior parte destes clubes funcionava como sociedades anônimas, inscritas no Registro do Comércio de sua região, assim como obrigava o artigo 296 da lei n. 556 de 25 de junho de 1850, que regulamentava o Código Comercial do Império do Brasil. Pagando impostos por suas atividades e contribuindo com os cofres públicos, os gestores dos clubes não tinham interesse em sofrer concorrência das carreiras em cancha reta. (SANTOS, 2018, p. 8).

O Jockey Club de Pelotas, claramente buscava o profissionalismo, expandindo suas áreas e atividades, procurando colocar-se em lugares estratégicos, de fácil fluxo de acesso à cidade. O bairro Fragata, conforme já relatamos, era importante ligação com a colônia, onde ocorriam as corridas amadoras de cancha reta, atraindo muitos apostadores para o Prado Pelotense, dando ares de jogos de azar, ou uma extensão dessas canchas, porém, com a formalidade das normas legais.

Havia uma dualidade nesses espaços. Os clubes atraíam um público selecionado, elitizado, de grandes criadores de cavalos, mas também uma camada mais popular, que se concentrava em apostas pequenas, o que movimentava o mercado de jogos, sendo eles formais ou informais.

Espécie de lócus de reprodução não linear de aspectos da modernidade europeia, os clubes de corrida de cavalo tentavam monopolizar este tipo de atividade de entretenimento. As carreiras de cancha reta eram locais de maior convívio entre elementos da elite e das camadas populares, uma vez que a prática não era realizada em clubes fechados e nem havia a separação de público em setores mais ou menos caros das arquibancadas dos prados. Além disso, por disputarem apostadores e criadores de cavalo

---

adquire o maior lance, recebe se o cavalo for o vitorioso. Outra característica é que o setor é umbilicalmente ligado à atuação do agronegócio no Estado” (PEREIRA, 2016, p. 105).

com os clubes, geraram todo um discurso negativo por parte de autoridades e da imprensa. (SANTOS, 2018, p. 8).

O Jockey Club de Pelotas segue um modelo da época, juntamente com outros clubes do Rio Grande do Sul que surgiram nesse mesmo período. E também em nível nacional. A importação de cavalos puro-sangue, mais adequados a competições, é um indicio do investimento no turfe como esporte profissional. Inicialmente visando ao divertimento, logo após a atividade se qualifica, em um estágio mais profissional, voltado ao esporte. Os vários estágios, desde a organização preliminar como clube, até a organização das corridas em cancha reta no Prado Pelotense, constituem propostas claramente diferentes, mas com uma convergência, na parte organizacional e na gerencial.

Visualizar esses passos contribui para constatar que as estratégias adotadas pelo Jockey Club de Pelotas, ao mesmo tempo em que seguiam as de outras entidades no estado e em nível nacional, também guardavam suas peculiaridades.

Na Tabela 6, percebemos que desde o início de sua organização o Jockey Club de Pelotas preocupou-se com a separação entre sede social e sede campestre. Havia a clara intenção de constituir uma organização voltada ao turfe, caminhando com o tempo para uma maior formalização, a exemplo de outras entidades turfísticas brasileiras.

**Tabela 6** – Fases do Jockey Club de Pelotas

<b>Fases</b>	<b>Ano</b>
Jockey Club de Pelotas e Club Campestre	1876
Sociedade Jockey Club de Pelotas (Construção do Prédio no Bairro Fragata)	1877
Hipódromo Jockey Club Pelotense (Conclusão do Edifício no bairro Fragata)	1878
Prado Pelotense (Inauguração com corridas, cobrança de ingressos, arquibancadas)	1878
Jockey Club de Pelotas constituída como Associação	1930

Fonte: Jornal Correio Mercantil, 1878; Jornal Diário Popular, 1931. Elaborado pela autora, 2021.

Dois fases são importantes com relação ao desenvolvimento das atividades do Jockey Club de Pelotas. A primeira, em 1876, como organização e a proposta de entretenimento, talvez por ser considerada uma forma mais eficaz de garantir uma adesão ao esporte. Logo após, uma proposta associativista, em 1930, como forma

de captar mais recursos para expansão das atividades enquanto esporte tuffístico, a exemplo do que já se apresentava em outras cidades do Rio Grande do Sul e também em âmbito nacional.

A tabela demonstra as mudanças que pretendiam acompanhar o crescimento do esporte no Rio Grande do Sul e uma tendência de profissionalização que começava a se definir. No estado, o fortalecimento do esporte está associado ao crescimento da prática do esporte, com a fundação de Jockeys Clubs em outras cidades do Rio Grande do Sul.

A Tabela 7 mostra a fundação de alguns Jockeys Clubs no Rio Grande do Sul, no mesmo período em que surgiu o Jockey Club de Pelotas.

**Tabela 7 – Prados e Hipódromos no Rio Grande do Sul**

<b>Prados e Hipódromos</b>	<b>Ano do surgimento</b>	<b>Local</b>
Prado da Estrada do Matto Grosso	1877	Porto Alegre
Prado Rio-Grandense	1881/reinaugurado em 1891	Porto Alegre
Prado Independência e Hipódromo Moinhos de Vento	1894/Primeiras corridas noticiadas em jornais	Porto Alegre
Hipódromo da Vila São Miguel	1922	Rio Grande

Fonte: Elaborada pela autora, 2020.

Segundo Kitani e Bertazolli (2019) o surgimento do Jockey Club do Paraná se dá em 2 de dezembro de 1873, data em que se formou a primeira diretoria. Observamos que o período de surgimento coincide com o do Jockey Club de Pelotas. A Tabela 7 demonstra que o período entre o final do século XIX e o início do XX se caracterizou como de grande efervescência do turfe no Rio Grande do Sul, com a abertura de jóqueis também em Porto Alegre e Rio Grande, consolidando-se com maior popularidade.

No decorrer dos séculos, o Jockey Club de Pelotas e o do Paraná passaram por expansão, visando áreas maiores para exercer suas atividades esportivas. Já no século XX, reformularam suas áreas. O Jockey Club do Paraná mudou sua localidade em 1948, quando alguns ainda defendiam a remodelação do hipódromo de Guabirota e outros achavam o terreno inadequado para as corridas. No mandato de Rubens Amazonas Lima, começaram as negociações com o Desembargador Aristoxenes Bittencourt para a obtenção de um terreno no bairro do Tarumã (KITANI; BERTAZOLLI, 2019).

Mais uma vez um ponto convergente de políticas de envolvimento do poder público para concessão de áreas para instalação, evidenciando que o ruralismo não está presente somente em Pelotas e nas relações intersociais de implementação e valorização do Turfe, mas também está alinhado em outros estados do Brasil, com uma realidade bem aproximada conjuntural e de transição de etapas dessas entidades turfianas.

Optamos por trazer elementos de entidades do Rio Grande do Sul e do Estado do Paraná para demonstrar esse período de efervescência e desdobramentos do esporte dentro desse período. Não vamos abranger de modo a oferecer a outros trabalhos essa perspectiva de dimensionamento de um quadro mais amplo e detalhado.

Agora vamos adentrar na necessidade expansionista do Jockey Club de Pelotas em configuração as tendências já mencionadas e exemplificadas aqui.

A procura de um novo terreno para o Jockey Club de Pelotas buscava atender a essa necessidade de expansão, seguindo modelos locais e nacionais, com amplas áreas afastadas do meio urbano. A consolidação das atividades já havia se dado através das etapas apresentadas na Tabela 6. Não era mais necessário popularizar, e sim expandir e profissionalizar a atividades da entidade.

Crescia a ambição com relação ao terreno da família de Zeferino Costa Filho para a implementação do empreendimento, devido à ótima localização e à ligação afetiva com um dos principais idealizadores e incentivadores da criação de cavalos e do turfe no cenário local.

## 2.2 Hipódromo da Tablada – 1930: o sonho se estrutura

Art. 1º O JOCKEY CLUB DE PELOTAS, fundado em 22 de junho de 1930, inscrito no CNPJ/MF sob no 92.238039/0001-60, com seus Estatutos constitutivos registrados no Cartório de Registro Especial de Pelotas, em 09 de Maio de 1958, inscrito sob número de ordem 523, as fls. 128 vo a 129 do Livro A no 3, é uma associação civil, sem fins lucrativos, com sede e Foro na cidade de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, com endereço à Av. Zeferino Costa, no 140, onde mantem sua sede e Hipódromo de Corridas.<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> Disponível em: [www.jcp.com.br](http://www.jcp.com.br). Acesso em: 10 mai. 2020.

Abordaremos em primeiro lugar o contexto que determinou a trajetória da entidade no período abrangido nessa dissertação, com as tratativas que envolveram sua construção, em 1930, até 1955, data de comemoração de seu Jubileu de Prata.

[...] conseguiu Zeferino Costa que o Clube Comercial<sup>32</sup> cedesse seus salões para fundar o Jockey Club. Naqueles imponentes salões da nossa primeira sociedade, em memorável sessão presidida por Assis Brasil, o maior projeto turfístico da época, ladeado pelos Coronéis, Pedro Osório e Zeferino Costa Filho, foi definitivamente fundado o Jockey Club de Pelotas a 21 de Junho de 1930. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 19/06/1955, p.12).

Ao longo das pesquisas nos jornais locais da década de 1930 nos deparamos com algo que pontuamos como importante para o andamento desse trabalho: o contexto político influenciou os rumos da construção do Jockey Club de Pelotas, idealizado por um grupo de amantes do turfe e liderado pelo coronel Zeferino Costa Filho.

Em uma terça-feira, dia 20 de janeiro de 1931, nas páginas do jornal *Diário Popular*, órgão do Partido Republicano, como o mesmo se denominava, ao pé da primeira página, na coluna de telegramas, entre notícias do Rio de Janeiro, aparece a informação sobre a fundação da Liga Pró-Defesa de Pelotas. O título era “Uma sugestão á Liga Pró-defesa de Pelotas”. Em letras menores, o subtítulo “Uma idéia que deveria ser aproveitada”. A Liga teria o objetivo de “prestar serviços ao progresso pelotense” e era “o reflexo da prosperidade do país” (DIÁRIO POPULAR, 20/01/1931, p. 1).

A nota aconselhava a Eugenio Rodrigues, gerente do Banco da Província, a propor um sistema coordenado em favor da defesa da economia e contra a retração da saída do ouro do país. Este pode ser considerado um indicador a inflar uma reação rápida do mercado e empresários do Rio Grande do Sul, o que mais tarde provoca a blindagem do mercado interno para incentivo de transações com o mercado exterior, principalmente o mercado platino, refletindo mais tarde na importação de maquinários industriais, ou de exploração do solo, matéria prima para indústria, pecuária e equinocultura. Podemos verificar mais tarde os impactos na

---

<sup>32</sup> [...] a primeira vez em que as lideranças econômicas de Pelotas tiveram que se unir, numa associação de classe, tenham optado por criar não uma sociedade industrial, mas comercial, de natureza mais elástica e abrangente. E que o resultado fosse ainda maior que a intenção: a Praça do Comércio, hoje Associação Comercial de Pelotas, fundada em 7 de setembro de 1873, desde logo se empenhou, ao lado da defesa de interesses próprios do comércio e da indústria, em iniciativas que diziam respeito ao desenvolvimento integral do município” (MAGALHÃES, 2017, p. 23).

equinocultura, a aposta no mercado de criação de cavalos no Brasil, conforme apresentaremos no decorrer desse capítulo. A criação da Liga buscava em primeiro lugar salvaguardar a prioridade dada ao capital interno e conter os avanços de incentivo à imigração e ao capital estrangeiro.

Outra publicação no jornal *Diário Popular*, de 21 de janeiro de 1931, anuncia o lançamento oficial da Liga Pró-Defesa de Pelotas, comunicando os nomes de sua diretoria, escolhidos em assembleia no Theatro Sete de Abril, espaço cedido pela diretoria do teatro. A nota anuncia a primeira reunião na Associação Comercial de Pelotas.

Na reunião, que contou com a presença do então prefeito/intendente João Py Crespo, e do comando do 9º Regimento de Infantaria, que colocou a Banda Marcial à disposição para tocar na reunião, também se fizeram presentes representantes das “Associações Conservadoras” da cidade de Pelotas. Na reportagem do jornal, não havia descrição do nome dessas entidades ou dos ramos em que atuavam na cidade.

Nessa reunião nomeou-se o presidente da Liga Pelotense, Dr. Francisco Simões, e, como secretário, Cássio Tamborindeguy. Foi formada também uma comissão que auxiliaria o trabalho da Liga. Nela estavam os nomes de Alexandre Gastaud, Frederico A. Aligayer, Antônio F. Leite, Cássio Tamborindeguy, Manoel Dias, Adelho Portella e Alberto F. Leite. Na mesma reunião também foi citada a propaganda realizada pela empresa Theatro Guarany e Xavier e Santos em seus cinemas, chamando para a fundação da Liga Pelotense.

A nota ainda relata os telegramas enviados comunicando o lançamento da Liga e anunciando os nomes de Francisco Simões e do secretário Cássio Tamborindeguy. Os telegramas dirigiam-se ao Palácio do Rio de Janeiro, para o presidente Getúlio Vargas, ao Palácio de Porto Alegre, para o General Flores da Cunha, e, por fim, ao Ministério da Agricultura, direcionado ao Ministro Assis Brasil. A equipe diretiva era uma demonstração de força política. Francisco Simões era um médico influente na cidade e no estado. Cássio Tamborindeguy era ligado à pecuária e ao comércio de charque. O pecuarista preparava seu filho, Mario Tamborindeguy<sup>33</sup>, para assumir posições políticas e os negócios da família. Após a revolução de 1930, seu filho instalou-se no Rio de Janeiro, consolidando os

---

<sup>33</sup> Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/tamborindeguy-mario>. Acesso em: 17 mai.2020.

negócios no ramo da construção civil e as ligações políticas da família Tamborindeguy.

Esse breve parêntese foi necessário para explicar a escolha de Cássio Tamborindeguy, para secretariar a liga e os telegramas enviados às autoridades locais e nacionais. O que nos leva a pensar que os integrantes da Liga constituíam apoios importantes para a implementação das políticas de Getúlio Vargas no país, ao mesmo tempo em que pleiteavam um canal de comunicação com o governo getulista.

Mas em que contexto se ligaram o Jockey Club de Pelotas e a Liga Pelotense? O fortalecimento das ligações políticas era necessário para a construção do Jockey Club de Pelotas. O empreendimento era de grande porte, exigia uma área grande e com instalações que mostrassem a imponência do turfe, a exemplo de outras entidades em cidades significativas para o esporte, como o Hipódromo da Gávea, no Rio de Janeiro, inaugurado em 1926.

O local escolhido para sediar o hipódromo era importante para a família do coronel Zeferino Costa, que havia firmado ali importante ponto de comércio de gado e escravos na cidade de Pelotas. Os esforços para estabelecer o Hipódromo da Tablada naquela área seriam uma forma de também agradar a família “Zeferino Costa”.

Vargas (2016), em *Os Barões do Charque e suas fortunas: um estudo sobre as elites regionais brasileiras a partir de uma análise dos charqueadores de Pelotas (Rio Grande do Sul, século XX)*, mostra como funcionava esse comércio naquela região.

O coronel Zeferino Costa pertencia a uma família de corretores de gado em Pelotas e viveu durante anos nas proximidades da Tablada. Lembrando as últimas décadas do século XIX, ele escreveu: “Era a tablada a feira mais interessante que já vi. Ali reuniam-se, diariamente, todos os charqueadores. Ali desfilava a pecuária inteira do Rio Grande”. A feira iniciava-se às 7 horas e encerrava-se às 12 horas, quando os animais eram recolhidos ao pastoreio por peões conhecidos da própria localidade. Durante as negociações, “dez, vinte, trinta tropas ali se aglomeravam em reduzido espaço. Cada uma delas era rodeada e vigiada pela peonada, que a conduzia da estância para evitar o “entrevero”. Conforme o Coronel, havia tropeiros de toda parte: “Que diversidade de gente. Uns vinham das Missões, de São Luiz, São Borja, de Cima da Serra, do Alto Uruguai, com 35 dias ou mais de viagem; outros, do Estado Oriental; muitos, de Cachoeira e Rio Pardo; e não poucos da Fronteira”. As memórias do Coronel devem fazer referência ao final da década de 1870 e início dos anos de 1880, pois ele menciona os escravos que os charqueadores

levavam até o leilão e a presença de rebanhos vindos do norte da província. (VARGAS, 2016, p. 192).

O jornal *Diário de Notícias*<sup>34</sup>, de Porto Alegre, publicava no ano de 1955 a cronologia do Jockey Club de Pelotas e a importância do coronel Zeferino Costa Filho para a sua construção. A matéria, assinada por jornalista Carlos Gotuzzo Moreira, traz o início do Jockey Club de Pelotas e a importância de articulação do coronel Zeferino Costa Filho para o começo das atividades da entidade. Segundo o jornal, a obtenção do terreno para a construção do Hipódromo da Tablada contou com o empenho do então Intendente Municipal João Py Crespo, que viabilizou a concessão do terreno em aforamento perpétuo. Segundo a publicação, o terreno media 800 por 400 metros quadrados.

Podemos averiguar ao curso de nossa pesquisa junto a nossas fontes jornalísticas que, a localização do terreno seria estratégica, embora muito distante do ponto de origem das atividades do Jockey Club de Pelotas no bairro Fragata, o terreno no Bairro Três Vendas, era próximo da Associação Rural e do Patronato Agrícola, este passou a voltar-se para o estudo técnico agrícola, proporcionando uma força de trabalho técnica que podemos supor muito proveitosa ao Jockey Club de Pelotas.

#### Referente à Associação Rural:

Em 1921, a diretoria da Federação transferiu-se para a União dos Criadores, na capital gaúcha; no ano seguinte, uma reforma dos estatutos impôs à associação local o nome de Sociedade Agrícola e Pastoril de Pelotas. Sua denominação atual — Associação Rural de Pelotas — foi adotada em 1966. O Parque de Exposições Dr. Ildefonso Simões Lopes, hoje sede da Associação, na Avenida Fernando Osorio, principal artéria do bairro Três Vendas, foi inaugurado em 3 de outubro de 1945, segundo projeto do dr. Reinaldo Dieberger, com inclusões do engenheiro Fernando Rullmann. Construído sobre terreno de 43 hectares, cedido pelo município, era considerado, na ocasião, o segundo maior parque de exposições da América do Sul, superado apenas pelo de Palermo, em Buenos Aires. A sede anterior da Associação localizava-se na Praça Vinte de Setembro, em área hoje ocupada por dependências da Companhia Estadual de Energia Elétrica, Cooperativa Sul-Rio-Grandense de Laticínios e Secretaria Municipal de Saúde. (MAGALHÃES, 2017, p.24-25)

---

<sup>34</sup> O jornal *Diário de Notícias* foi lançado em 1º de março de 1925, um domingo, com a manchete principal: “Ocorreu uma tremenda explosão na ilha do Caju”. Em seu editorial, o novo matutino garantia que seu programa iria se basear em “seriedade na informação e honestidade na crítica”. E explicitava: “Fugiremos, deliberadamente, ao sensacionalismo com que, mais de uma vez, nestes últimos tempos, se tem confundido a noção de jornalismo moderno.” (RAMOS, 2015, s/p).

Colocamos aqui nossa reflexão a respeito da região que estava sendo preparada para receber e expandir o Jockey Club de Pelotas. A própria Associação Rural, antes também localizada no bairro Fragata, agora muda-se, na mesma época que o Jockey Club de Pelotas, igualmente para um terreno cedido pela Prefeitura de Pelotas, tornando a Associação Rural, em 1945, o segundo maior parque de exposições da América Latina, viabilizando assim a comercialização de equinos de raça.

Não podemos tratar como acaso, o Jockey Club de Pelotas, a Associação Rural de pelotas e o agora centro técnico rural estarem próximos, com incentivo do poder público municipal de Pelotas. Mais uma vez temos a atuação das forças sociopolíticas, que amplamente discutimos em nosso primeiro capítulo dessa pesquisa.

No que tange ao Patronato Agrícola:

Em 9 de novembro de 1921, o decreto presidencial nº 15.102 criou o Patronato Agrícola Visconde da Graça, assim denominado em homenagem ao detentor desse título imperial, João Simões Lopes Filho, pai do então ministro da Agricultura. Vinculado à Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinário do Ministério da Agricultura, em 12 de outubro de 1923 foi inaugurado o Patronato, funcionando inicialmente como Escola Rural de Alfabetização com noções elementares de Agricultura e criação de animais domésticos, já neste dia contando com 75 alunos em regime de internato. O Decreto nº. 24.115 de abril de 1934, do Governo Provisório de Getúlio Vargas, extinguiu o Patronato, que passou a funcionar como Aprendizado Agrícola, com uma reorganização no programa de ensino, passando a dar mais ênfase à parte técnico profissional. (ANTUNEZ, 1996, p. 92).

Observando as datas de criação e em 1934 de transformar o Patronato Agrícola em mão de obra especializada, somos canalizados a pensar, que houve uma conjunção de fatores a tornar interessante a mudança do Jockey Club de Pelotas para esse espaço, pois uma entidade como essa necessitaria de uma força técnica de trabalho.

No 1º Registro de Imóveis de Pelotas, livro 3-O, folha 19, sob o número 21.749, de 30 de abril de 1953, é possível constatar o registro de uma carta sentença cível da ação de medição e demarcação de terras. Consta no registro que o terreno pertencia à Prefeitura Municipal de Pelotas em 1821. As terras separavam os arroios Pelotas e Santa Barbara, e foram demarcadas por ordem judicial pelo piloto José Maria Ribas nos anos de 1851 e 1852.

A área fora dividida em 18 marcos, tendo uma área total aproximada de três milhões, setecentos e quarenta e oito mil setecentos e oitenta braças, formando um retângulo de mil e quinhentas braças, por base e duas mil e quatrocentas e nove braças. Na década de 1960, a área foi desmembrada para futuros loteamentos e averbações de outros imóveis.

Em 1954, foi lavrada escritura de compra e venda, constando como transmitente a Prefeitura Municipal de Pelotas, representada pelo Prefeito Mário David Meneghetti, médico renomado da cidade de Pelotas. O adquirente era o Jockey Club de Pelotas, representado por Manoel Bonifácio Correa, à época presidente do Jockey Club de Pelotas e também médico renomado na cidade de Pelotas. A escritura definitiva foi lavrada em 1954, com base na lei autorizativa 485/1953<sup>35</sup>, que versa sobre a alienação da área.

É um procedimento dúbio, pois já havia concessão perpétua daquela área por parte da Prefeitura. O que se depreende é que havia necessidade de formalizar a alienação, passando assim o Jockey Club de Pelotas a ter plenos poderes de venda sobre a área. Embora no Plano diretor, em seu artigo 70, aponte que, em caso de manifestação de venda da área, o poder público municipal deveria ser o primeiro a ser consultado, indicando como um meio de prática preservacionista. Esta discussão trata da intenção de venda para a iniciativa privada, que supostamente seria mais rentável para a entidade.

O espaço cedido ao Jockey Club de Pelotas compreende uma área de 412 metros com extensão em linha reta de 758 metros quadrados, com último desmembramento registrado no ano de 2010, conforme consta na certidão.

A área situa-se em local estratégico, tendo como lindeiro o aeroporto de Pelotas, localizando-se na entrada de Pelotas, para quem vem da cidade de Porto Alegre, facilitando o acesso dos cavalos que vinham de outras localidades e também do Uruguai e da Argentina. Além disso, propiciava o acesso rápido à zona rural da cidade, onde se promoviam corridas de cancha reta, e provavelmente auxiliavam na promoção de provas realizadas pelo Jockey Club de Pelotas.

As ligações políticas foram fundamentais para que o Jockey Club de Pelotas se estabelecesse em uma área importante para a família de Zeferino Costa. E, com

---

<sup>35</sup> Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/prefeitura/rs/pelotas?o=&q=485>. Acesso em: 17 mai. 2020.

a formação da Liga Pelotense, as ramificações políticas se tornam importantes para a edificação do Hipódromo da Tablada.

Conforme a matéria do jornal *Diário de Notícias*, de 1955 (Figura 4), constatamos que o grande idealizador do hipódromo pelotense foi sem dúvida o coronel Zeferino Costa Filho, que utilizou sua influência e prestígio político na cidade para que o terreno fosse aforado ao empreendimento.

Havia dez anos que o turfe de Pelotas caíra em colapso, pois o antigo Derby Club, que sucedera o velho Prado Pelotense, sediado a Avenida 20 de setembro (hoje Avenida Daltro Filho), tivera desmantelada a sua estrutura social. Encerrara, assim a sua longa e brilhante trajetória de quase meio século. Foi quando o Coronel Zeferino Costa Filho – Ferico Costa – tomou a firme decisão de reerguer o tufe Pelotense. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 19/06/1955, p.12).

Com o primeiro passo do projeto concluído, restava levantar o valor para a construção do empreendimento. Havia um grave obstáculo em 1930: a grande crise de 1929, que levava à bancarrota alguns dos principais bancos importantes de investimento no Rio Grande do Sul.

Tudo corria bem, firmava-se o plantel turfístico rapidamente, os Bancos Popular e Pelotense abrem falência. Pânico Geral. Toda vida e atividade comercial paralisada. Nova luta. Ferico Costa teve a ideia de recorrer ao interventor geral, José Antonio Flores da Cunha, pedindo ao Jockey Club de Pelotas, bancar Roleta. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 19/06/1955, p. 12.)

Com a declaração de falência dos bancos Popular<sup>36</sup> e Pelotense, o fundo de arrecadação para o investimento do projeto teria que contar com outros meios. Restou ao Coronel Zeferino Costa Filho recorrer ao então Interventor, coronel José Antônio Flores da Cunha. Como podemos verificar ao longo da reportagem do jornal *Diário de Notícias*, ambos possuíam estreita relação de amizade. Zeferino formulou pedido de autorização para o Jockey Club de Pelotas “bancar” (jogar) roleta em sua sede social e, segundo a matéria, foi imediatamente atendido.

---

<sup>36</sup> **Banco Popular do Rio Grande do Sul, criado em 1919**, com sede na Rua Uruguai, em Porto Alegre. Faliu em 1930. GZH, 21/01/2018. Disponível em: [www.gauchazh.clicrbs.com.br](http://www.gauchazh.clicrbs.com.br). Acesso em: 15 mar. 2021.

Figura 4 – Coronel Zeferino Costa Filho, construtor do Jockey Clube de Pelotas



Fonte: Diário de Notícias, 19/06/1955, p.12. Reprodução da autora, 2021.

A roleta rendeu à entidade um lucro de mais de cem contos de reis, a época, para os cofres do Jockey Club de Pelotas. A reportagem ainda narra que o coronel Zeferino Costa se dirigiu até o Palácio, em Porto Alegre, para pleitear essa concessão de jogos de roleta, acompanhado de Raul Azevedo, que gozava de imenso prestígio nesse espaço. Azevedo fazia parte do círculo político federal, era um intelectual e jornalista, grande apoiador de Getúlio Vargas e circulava por todo o país com a propaganda getulista. Mais tarde Azevedo receberá a honraria de Sócio Benemérito do Turfe Pelotense.

Ferico reagiu e se propôs a dar as primeiras corridas na fase experimental, sob sua responsabilidade financeira fez vir de Rio Grande parreiros, pagou transporte de ida e de vinda e do pessoal que acompanhava os animais. E assim levantou o ânimo dos careeiristas [...].(DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 19/06/1955, p.12.)

Destacamos que Rosauro Zambrano, um membro e proprietário de cavalos de corridas no Jockey Club de Pelotas, acionista do Banco Pelotense, teve seu nome envolto a escândalo ligado a jogos de azar no ano de 1900, e 30 anos mais tarde a entidade recorre às roletas para angariar fundos para a construção de seu hipódromo, o que dentro deste período não figurava contravenção.

Além das roletas, seria necessário mais auxílio para erguer o prédio (Figura 5). Através de Augusto Simões Lopes, cuja família estava ligada ao Banco Pelotense, sendo também em 1906 um dos acionistas do mesmo (RETZLAFF, 2020), mais tarde substituiria Py Crespo na prefeitura de Pelotas.

Um pouco antes, no ano de 1910, [...] Diretor da Faculdade de Agronomia de Pelotas, e também foi diretor da “Revista Agrícola” ao lado de Augusto Simões Lopes, além de fazer parte da incorporação da Frigorífica Rio Grande, tal qual outros nomes já citados e ligados ao Banco Pelotense. Podemos perceber que essa elite invertia capitais financeiros e relacionais em distintos campos de atuação, sobrepondo alianças, favores e indicações, quase sempre abençoados pelo pertencimento ao Partido Republicano Rio-grandense. (SANTOS, 2020, p. 85).

Zeferino Costa conseguiu contribuições valiosas, como a doação e o transporte gratuito de mais de 180 toneladas de pedras, para a construção do pavilhão da Tablada. Na época, a carga foi avaliada em mais de vinte contos de réis, conforme descrito na matéria do *Jornal de Notícias*, de 1955.

Refletimos aqui através dessa citação, sobre as articulações políticas e as ligações com uma elite ainda ruralista. Essa elite se concentra no Partido Republicano Rio-Grandense para continuar se fortalecendo e tendo suas ramificações de controle econômico, seja através de cargos políticos, ou em entidades associativas como o Jockey Club de Pelotas. Esse controle pode ser direto ou indireto, através de favorecimentos e concessões.

**Figura 5** – Hipódromo da Tablada, 1935.



Fonte: *Jornal Diário Popular*, 1<sup>o</sup>/1/1935, p. 8. Reprodução da autora, 2020.

**Figura 6** – Hipódromo da Tablada, 1935



Fonte: Jornal Diário Popular, 1<sup>o</sup>/1/1935, p. 8. Reprodução da autora, 2020

A construção deveria ser a altura de toda a pompa desse círculo associativista, deveria ali abrigar toda uma elite política e econômica, uma área grandiosa, a que não se medira esforços para ampliar e estabelecer através de sua construção, raízes longevas (Figuras 5 e 6).

### 2.3 O jubileu de prata: 25 anos de atividades em prol do esporte dos reis

Grandes comemorações são anunciadas em 1954. O Jornal *Diário de Notícias* informa a inauguração de vários melhoramentos no Jockey Clube de Pelotas. No luxuoso salão de festas, será ofertada aos jockeys e tratadores uma grande mesa de frios e bebidas. As comemorações celebram a expansão das dependências do hipódromo. Com a assinatura de compra e venda, o terreno, que antes era disponibilizado de forma perpétua, agora foi efetivamente comprado pela entidade.

Essas comemorações têm grande significado para a entidade. É um momento áureo de reconhecimento no Rio Grande do Sul e no Brasil, como um dos mais ativos Jockey Clubs em funcionamento, conforme é possível ver nas páginas do jornal Diário Popular (08/05/1954, p. 01): “O clichê fixa um flagrante de solenidade, colhido no momento em que Dr. Manoel Corrêa presidente do Jockey Club de

Pelotas, assinava aquele documento, que foi firmado também, pelo Dr. Mário Meneghetti, prefeito do Município”.

A reportagem da Figura 7 trata da recepção oferecida no Clube Comercial. Na matéria, elogios à forma com que Pelotas recebe seus convidados e a exaltação das festas do Grande Prêmio Princesa do Sul. Na festa, além de representantes do Jôquei Clube de Pelotas e suas esposas, figuravam representantes do Jôquei Clube de Porto Alegre e do Jôquei Clube do Rio de Janeiro, demonstrando o prestígio do Jôquei Clube de Pelotas.

Pelotas é uma cidade que sabe receber, já me haviam falado de sua gentileza e “finesse”, mas por muito superado, ultrapassou minha expectativa. A sociedade pelotense é perfeita deveras na qualidade de anfitriã e elegância de suas damas. No sábado houve jantar dançante no Clube Comercial, decoração original nas mesasastas grandes de frutas e folhas coloridas organizadas [...]. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 15/03/1955, p. 8).

Figura 7 - Recepção na Associação Comercial de Pelotas



Fonte: Diário de Notícias 15/03/1955, p. 8. Reprodução da autora, 2020.

E no Diário de Notícias, Figura 8, recorte das colunas sociais, exalta-se o lindo e esplendoroso coquetel oferecido no Salão Azul da sede social.

Em Pelotas

O coquetel foi o mais elegante, festa de grande Prêmio Princesa do Sul, realizou-se no Salão Azul da sede social do Jockey Clube, um antigo e histórico casarão. Na sala tem um importante mural sobre criação de cavalos puro sangue, dispensaram três mesas, com o magnífico Buffet. Esses móveis receberam uma esplêndida decoração, com rosas e folhas douradas. E o presidente do Jockey Club com sua natural simpatia. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 17/03/1955, p. 8).

Descreve-se o suntuoso casarão em que se instalava a sede social, onde D. Pedro II havia se hospedado, e a importância histórica do prédio. A fechadura e a chave do antigo casarão estavam abrigados no Museu da Biblioteca Pública de Pelotas. A matéria ainda descreve a elegância das senhoras e o impecável buffet oferecido aos convidados, narrando excelência nunca antes vistas. Ainda parabenizavam o presidente do Jockey Clube de Pelotas pela impecável recepção.

Percebemos, através das matérias sociais, que, além de reunir representantes das principais entidades turfísticas do Brasil, as comemorações também eram marcadas por elegância e suntuosidade, demonstrando toda a opulência e relevância da entidade no ano de comemorações de seu Jubileu.

Destacamos, a partir das matérias jornalísticas pesquisadas, o papel da mulher no turfe brasileiro. A mulher, dentro deste contexto social, pode ser direcionada a um estandarte, que havia como função o entretenimento e ornamentação.

De acordo com a pesquisa feita através destas reportagens descritas acima é possível averiguar que o papel das esposas dos dirigentes delimita-se a receber e socializar nas recepções, não assumindo uma função de maior vultuosidade dentro do espaço esportivo, diretivo ou de planejamento.

Acreditamos que o protagonismo feminino fique apenas na função dos salões de baile e recepções, sem importar realmente nas descrições os seus nomes ou atividades desenvolvidas fora daquele espaço.

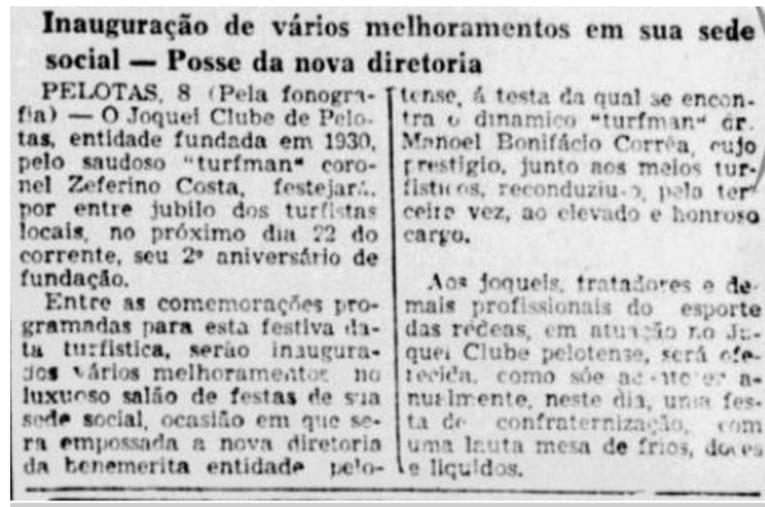
Figura 8 - Coquetel alusivo ao Grande Prêmio Princesa do Sul oferecido no Salão Azul da Sede Social do Jôquei Clube de Pelotas, localizada na Rua Sete de Setembro



Diário de Notícias, 17/03/1955 p. 8. Reprodução da Autora, 2020.

A melhoria das atividades também estava prevista nas novas formas de arrecadação para os cofres da entidade, com a reformulação e modernização das apostas e investimento nas atividades sociais. As figuras 7 e 8 demonstram que há um planejamento estrategicamente pensado para a mobilização de reformulação. Talvez ainda seja um reflexo da crise da década de 1930, onde a entidade viveu um período de dualidades, expansionista e retencionista.

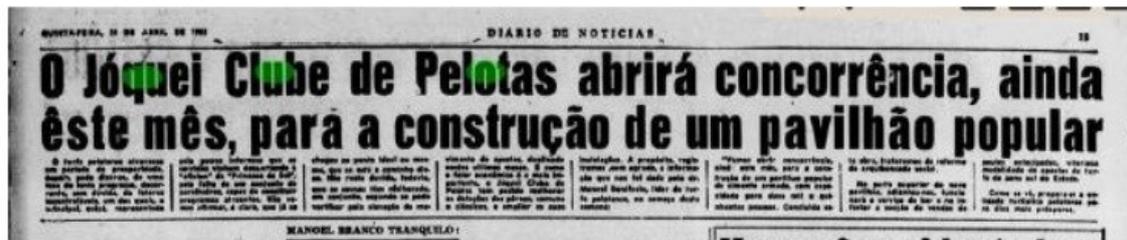
Figura 9 – Anúncio de melhoramentos na entidade



Fonte: Diário de Notícias, 9/6/1954, p.10. Reprodução da autora, 2020.

Em 1955, seguem as comemorações e a efetivação das melhorias programadas para o evento (Figura 9, 10, 11 e 12). Assim, vai se consolidando a abertura para o público, para que as apostas sejam cada vez mais populares, em estreita relação com a expansão industrial da cidade.

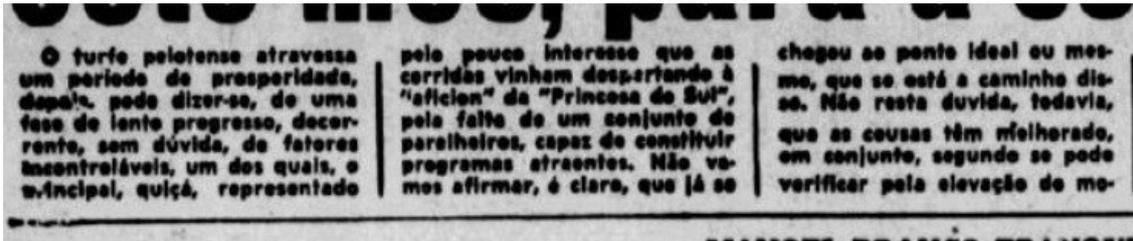
Figura 10 – A expansão em direção às camadas populares



Fonte: Diário de Notícias, 17/3/1955, p. 8. Reprodução da autora, 2020.

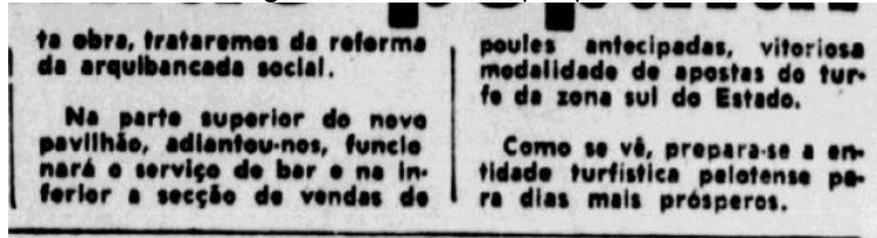
Se a expansão parece comungar com novos ventos de progresso, as páginas dos jornais também traziam duras críticas a este período, atribuindo a baixa das apostas ao fator econômico, em uma contradição com os avanços, as obras. Ao ir descortinando os fatos, entendemos a urgência de inaugurar um pavilhão mais popular, ou de democratizar o "esporte dos reis", como o denomina o jornal *Diário de Notícias*, em 15 de junho de 1955. A necessidade de popularização pode ser o reflexo da blindagem nacionalista, que colocou uma barreira às relações comerciais com os países platinos.

Figura 11 – As medidas de ampliação



Fonte: Diário de Notícias, 28/4/1955, p. 15. Reprodução da autora, 2020.

Figura 12 – "Dias mais prósperos"



Fonte: Diário de Notícias, 28/4/1955, p. 15. Reprodução da autora, 2020.

Nas matérias do jornal *Diário de Notícias* não raro são feitas referências às memórias do Grande Prêmio Princesa do Sul, trazendo para as comemorações do jubileu toda a grandiosidade que cerca o evento. Segundo o jornal, é um dos maiores do país, consolidado e reconhecido no mundo turfístico.

Figura 13 – O Jubileu



Fonte: Diário de Notícias, 16/6/1955, p. 13. Reprodução da autora, 2020.

O Jubileu provoca alvoroço (Figura 13) no mundo do esporte. Os criadores de cavalos queriam exibir seus melhores exemplares.

Inevitavelmente a opinião turfística de nosso Estado está com as atenções voltadas para o Hipódromo da Tablada, que enganja-se esse fim de semana para comemorar o seu Jubileu de prata. A margem dessa expectativa que cerca de disputa o clássico de domingo próximo. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 16/6/1955, p. 13).

Por outro lado, cresciam as apostas nos melhores ginetes do Grande Prêmio Princesa do Sul (Figura 13). A entidade aproveitou-se desse furor para lançar novas propostas.

O turfe Pelotense viverá mais um de seus gloriosos dias. E na oportunidade será comemorado seu 25º aniversário de fundação do Jockey Clube Pelotas, com a realização á tarde no Hipódromo da Tablada dota em 2,400 mts, o campo da magna competição. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 16/06/1955, p. 13).

Os 25 anos são marcados pela posse definitiva do terreno, pelas dualidades econômicas, pelos vários braços políticos de apoio, que fizeram parte de cada etapa da construção do Hipódromo da Tablada, um sonho que parte do coronel Zeferino Costa Filho e vai se transmutando dentro de sua capacidade de alcance sociopolítico.

Toda essa etapa do Jubileu traz impressa a marca das transformações da sociedade de Pelotas. Ao longo desse período, ao inaugurar uma fase mais popular, o Jockey Clube de Pelotas revê sua condição inicial de se manter em uma linha de seleção elitária. Reflexo das transformações sociais, industriais e das novas pautas sociais trazidas pelos esportes mais populares, como o futebol.

## CAPÍTULO 3 – AS ATIVIDADES DO JOCKEY CLUB E SEUS PARTICIPANTES

### 3.1 As atividades do Jockey Club de Pelotas

Até 1932, conforme pesquisa no acervo da Bibliotheca Pública Pelotense nos Jornais *A Alvorada*, *Diário Popular* e *A Opinião Pública*, não havia publicações ou informativos de corridas oficiais com a denominação de Hipódromo da Tablada ou Prado Pelotense.

No jornal *Diário Popular* do dia 18 de janeiro de 1931, página 3, uma pequena nota sobre carreiras no Capão do Leão, então pertencente a Pelotas, apresentava um grande evento realizado na cancha da firma Fiss e Jaeckel. Essa notícia mostra que se tornara urgente viabilizar corridas de modo profissional, em um local amplo e mais afastado da cidade, mas que permitisse o fácil acesso de ligação com o interior e com viabilidade de transporte terrestre, aéreo e pluvial.

Em 1932, as notas esportivas ganham pequenos espaços nos jornais *Diário Popular* e *A Opinião Pública*. Esse é um indicativo de que se abrisse um nicho esportivo importante na cidade, com espaço na imprensa local para as atividades turfísticas promovidas pelo Jockey Club de Pelotas.

Segundo reportagem do jornalista turfístico Jarbas Plínio de Mello no jornal *Diário Popular* do dia 10 de março de 1974, “[...] em 1933, por iniciativa do presidente Amaral, realizava-se nossa primeira exposição oficial de potros nascidos no Estado”.

No relato consta a entrevista de uma das nossas fontes orais<sup>1</sup> que nos auxiliou no envio de fotos e reportagens referentes às atividades do Jockey. A reportagem relata a exposição nacional de animais de criação, a primeira exposição com essa perspectiva na região. Tomamos essa informação como resultado de influência da constituição da Liga Pelotense, que refletia o nacionalismo característico desse período varguista<sup>2</sup>.

Nas páginas do jornal *A Alvorada* havia poucas notas sobre o Jockey Club de Pelotas e poucas notas sobre esporte em geral. Cogitamos a hipótese de essas

---

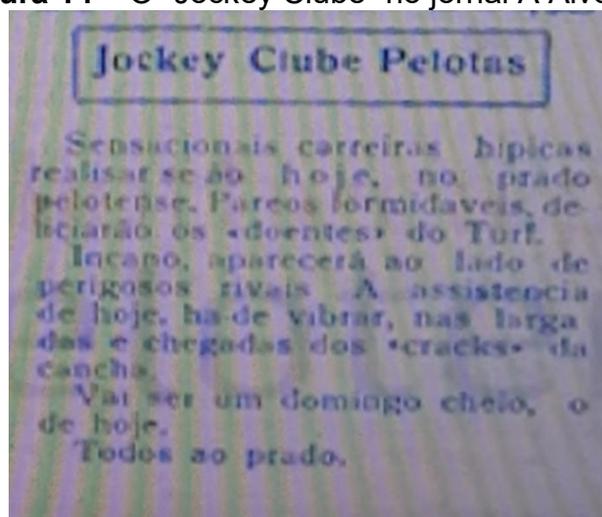
<sup>1</sup> O senhor Conceição é filho do senhor Roberto Conceição, do Jockey Clube de Pelotas na década de 1960, nosso colaborador nas longas conversas na Bibliotheca Pública Pelotense, em meio a breve abertura durante a pandemia de COVID-19 que assolou a cidade de Pelotas. Talvez Conceição se detinha tanto as nossas conversas e pesquisas por ser um extremo apaixonado do Turfe de Pelotas e pelas histórias que vivera dentro do Hipódromo da Tablada junto ao pai.

<sup>2</sup> Refere-se ao período de governo da chamada Era Vargas.

notas serem financiadas pelas próprias entidades. Havia ainda nesse mesmo período provas que movimentavam o já inaugurado Jockey Club de Pelotas. Nos exemplares do jornal *A Alvorada* de 1935 (Figura 14), essa pequena nota dá conta das atividades da entidade nas carreiras de cancha reta, estimulando a participação popular:

Jockey Clube de Pelotas Sensacionais carreiras hípicas realizar-se-ão hoje, no Prado pelotense. Páreos formidáveis deliciarão os “doentes do Turf”. Incano aparecerá ao lado de perigosos rivais. A assistência de hoje, há de vibrar, nas largadas e chegadas dos “cracks” da cancha. Vai ser um domingo cheio o de hoje. Todos ao Prado. (A ALVORADA, 10/05/1935, p. 3).

**Figura 14** – O “Jockey Clube” no jornal *A Alvorada*



Fonte: Acervo Digital, Biblioteca Pública Pelotense. Reprodução da autora, 2020.

Ainda no mesmo ano de 1935, os programas do Jockey Club de Pelotas, além das propagandas dos patrocinadores do evento, divulgavam laboratórios e produtos veterinários para animais de grande porte, direcionadas aos fazendeiros, traziam data e hora da corrida e valores das entradas.

As senhoras tinham livre acesso. Em uma nota de rodapé, o programa trazia informações referentes ao transporte: “Por especial gentileza da Light, a partir do meio dia sairão turmas de bondes para o Prado diretamente”<sup>3</sup>.

Na pesquisa dos jornais, principalmente nas edições do jornal *Diário Popular* dos anos de 1935 a 1940, observa-se que os programas eram deixados em lojas parceiras, para distribuição a sócios e ao público interessado. Além de apresentar a programação das corridas, os programas também continham informações sobre o

<sup>3</sup> A descrição referenda programa distribuído a época de 1935, vide apêndices

transporte, o que pode indicar que as atividades do Jockey sempre estiveram ligadas às empresas de transporte, o que demonstra um trabalho em parceria com os serviços públicos, seja em 1876, seja na nova etapa, a partir de 1930. Os programas, embora simples, eram direcionados a fazendeiros e criadores de animais de grande porte, a turfistas e proprietários de cavalos. Procurava-se, com essa divulgação, atingir a um público mais selecionado e não tão popular.

Os panfletos com os programas das corridas do Jockey Club de Pelotas continuaram a ser distribuídos até a década de 1960, aproximadamente. Porém, não mais com as informações sobre o transporte, mas de maneira mais focada na propaganda dos grandes prêmios, nas premiações e nos cavalos que disputariam os prêmios<sup>4</sup>. Permaneciam também informações sobre juízes, e pequenas notas com informações sobre apostas. Em alguns ainda se observam anúncios de um laboratório veterinário, o que mais uma vez direciona esses panfletos a um público selecionado.

Em 1936, é organizado o primeiro Grande Prêmio Princesa do Sul<sup>5</sup>, colocando assim o Hipódromo da Tablada no calendário de eventos nacionais e internacionais do turfe. Tal evento se perpetua até hoje, fortalecendo a instituição no cenário turfiano, sendo o único ainda realizado com periodicidade, em nível interiorano, no Rio Grande do Sul. Segundo reportagem do jornalista Jarbas Plínio de Mello do dia 10 de março de 1974 relatando as memórias de Luiz Roberto Pinto da Conceição, o Grande Prêmio Princesa do Sul foi idealizado por Renato Piratinino de Almeida. Sua família era ligada à política local e gozava de importante trânsito político entre o estado e a capital federal<sup>6</sup>.

Em março de 2020, através da assessoria de comunicação do Jockey Club de Pelotas, obtivemos acesso ao porão da entidade<sup>7</sup>. Lá encontramos um quadro com uma foto de um navio atracando no Porto de Pelotas, trazendo apostadores argentinos para o Grande Prêmio Princesa do Sul. No mesmo quadro havia fotos dos salões sociais do Hipódromo da Tablada. Segundo a assessoria de imprensa,

---

<sup>4</sup>Vide anexo 2 desse trabalho

<sup>5</sup> “[...] ano de 1936, foi instituído o clássico Grande Prêmio Princesa do Sul, em homenagem à alcunha da cidade, também conhecida por ‘Princesa do Sul’. Até hoje, este é estimado como o mais importante páreo da Tablada” (PEREIRA, 2016, p. 89).

<sup>6</sup>As informações foram obtidas na reportagem citada e em depoimentos feitos por Luiz Roberto Pinto da Conceição. Também foram obtidas nas colunas esportivas do jornal *Diário Popular*, entre os anos de 1930 a 1940.

<sup>7</sup> Após essa visita, não foi possível seguir em nossas pesquisas de campo em decorrência da pandemia da COVID-19.

as fotos datavam da década de 1940, com as bailantes, chás e reuniões de almoços e jantares.<sup>8</sup> Geralmente essas reuniões comemorativas davam-se dias antes ou após algum grande prêmio, em comemoração aos vencedores.

As fotos estavam danificadas, devido ao contato com roedores e à intensa umidade do local. Realizamos apenas uma visita ao local, que guarda importantes registros do que podemos constatar como uma época de opulência e comemorações grandiosas. No tampo das mesas estavam impressos jogos de tabuleiros. Não foi possível identificar o tabuleiro impresso em cada tampo, mas a reprodução das vestimentas das senhoras e o traje dos cavalheiros oferecem um panorama da dinâmica daquele espaço selecionado e de seus frequentadores.

Segundo a assessoria de comunicação, o Grande Prêmio Princesa do Sul dava um bom retorno financeiro para a instituição. Isso era determinante para traçar novos investimentos no Hipódromo da Tablada e em novas provas turfísticas.

**Tabela 8** – Vencedores do Grande Prêmio Princesa do Sul até 1955

<b>Ano</b>	<b>Vencedor</b>	<b>País</b>
1936	CABILEÑO	Argentina
1937	ENZO	Argentina
1938	YEOMANSTOWN	Argentina
1939	NÃO APURADO	Não apurado
1940	PANTERA	Uruguai
1941	EL CATORCE	Argentina
1942	RADIANCE	Argentina
1943	YEOMANSTOWN	Argentina
1944	NÃO APURADO	Não apurado
1945	NÃO APURADO	Não apurado
1946	BABER SHAH	Uruguai
1947	ROLANDO	Uruguai
1948	PONT LEVEQUE	Uruguai
1949	MENESTRELLO	Argentina
1950	IPE	Uruguai
1951	NÃO APURADO	Não apurado
1952	ROMANTICO	Argentina
1953	NEW YEAR	Brasil
1954	SAINT FILLAN	Uruguai
1955	MEULEN	Brasil

Fonte: Tabela elaborada pela autora com base em dados do jornal *Diário Popular*, 2020.

Na Tabela 8, observamos o forte laço com o eixo platino. Talvez seja mais um indicativo da importância da localização do espaço do Hipódromo, servindo também para uma intensa relação com os países do Prata. Aqui compreendemos o cuidado

<sup>8</sup> Não foi possível ter acesso às fotos dos jornais, pois os acervos estão interditados na Bibliotheca Pública Pelotense, sendo possível apenas transcrever as notícias coletadas em momento anterior ao da interdição.

com os programas de divulgação, com a seleção do público e com o investimento na importação de animais puro-sangue e também por se tratar de uma competição internacional.

A movimentação de 1933 de expor potros de criação nacional irá se refletir anos mais no investimento em equinos brasileiros. Embora nosso recorte temporal seja até 1955, a Tabela 2 pretende indicar as influências nacionalistas, que começam com a formação da Liga Pelotense, culminando, segundo apurado nas páginas dos jornais *A Opinião Pública*, *Diário Popular* e *A Alvorada*, com a mudança da escrita do nome da entidade, passando de Jockey Club de Pelotas para Jôquei Clube de Pelotas.

Trazemos aqui a Figura 15, para exemplificar a existência dessa mudança na grafia nos jornais, trazendo notícias e notas sobre o “Jôquei Clube de Pelotas”. A importância dessa figura é focada ao título dessa imagem, pois não encontramos notas específicas comunicando o marco temporal da mudança ortográfica, observamos somente através de comparativos ao longo de nossa pesquisa em nossas fontes jornalísticas.

**Figura 15**– Mudança da grafia no nome da instituição



Fonte: Jornal Diário Popular, 13/01/1942. Reprodução da autora, 2020.

**Tabela 9** – Vencedores do Grande Prêmio Princesa do Sul até 2015

1956	FELICITATION	Brasil
1957	Não apurado	Não apurado
1958	MY LORD	Uruguai
1959	Não apurado	Não apurado
1960	Não apurado	Não apurado
1961	BALCON	Uruguai
1962	LORD CHANEL	Brasil
1963	UBAIBAS	Brasil
1964	FIREBIRD	Brasil
1965	INVITADA	Argentina
1966	Callao	Argentina
1967	TURISMO	Uruguai
1968	Não houve corrida <sup>9</sup>	-
1969	GOBELIM	Brasil
1970	KING SCOTCH	Brasil
1971	GADITANO	Uruguai
1972	LEXICON	Brasil
1973	MENSAJERO	Argentina
1974	CHILENO	Brasil
1975	LOCOMOTOR	Uruguai
1976	DONTIBAGI	Brasil
1977	SUNNY JOE	Não apurado
1978	PAKITO	Não apurado
1979	REIDE	Brasil
1980	SANG-CHAUD	Brasil
1981	LUSI	Brasil
1982	HELICOPTERO	Brasil
1983	ENGATE	Brasil
1984	EDICON	Brasil
1985	LIFE BELT	Brasil
1986	VIAVEL	Brasil
1987	NARRA GANSET	Brasil
1988	PONCHE VILLE	Brasil
1989	KEAGRAVO	Brasil
1990	LESTEUR	Brasil
1991	FOUR MILLION	Brasil
1992	BALLON ROUGE	Brasil
1993	IPAO	Brasil
1994	JACK JONES	Brasil
1995	CHECK CONTROL	Brasil
1996	CANADIAN HOPE	Brasil
1997	BIG KADU	Brasil
1998	INDULGENTE	Brasil
1999	JOHN TROYANOS	Brasil
2000	RIDER CUP	Brasil
2001	AUTOBELLE	Brasil
2002	HARD BACK	Brasil
2003	GANGES RIVER	Brasil
2004	IMMINENT DANGER	Brasil
2005	HEY WILLIE	Brasil
2006	UCRANE FALLON	Brasil
2007	PISA ACELERADO	Brasil

<sup>9</sup> Em 1968 foi detectada a infecção natural em um animal puro sangue inglês no Rio Grande do Sul, sendo descritos os quadros clínico, hematológico e anatomopatológico (CURVELO, 2014, p. 19).

2008	OSBABADO	Brasil
2009	REALLY THE FIRST	Brasil
2010	Cassada Carta Patente no final de 2009 pelo Ministério da Agricultura <sup>10</sup>	-
2011	ASK ME NOT	Brasil
2012	THE ANGLER	Brasil
2013	JOINT CHIEF	Brasil
2014	KENTUCKY CROWN	Brasil
2015	NORTHLAND	Brasil

Fonte: Tabela elaborada pela autora com base em dados do jornal *Diário Popular*, 2020.

Pontuamos aqui, mais uma vez, que a Tabela 9 é meramente ilustrativa, e fora de nosso recorte de trabalho, porém, demonstra os impactos desse período, dentro de nossa perspectiva de trabalho, nas atividades posteriores no Jockey Club de Pelotas. Na Tabela 9, ilustramos um período de impacto após o recorte temporal de nossa pesquisa. A partir de 1987, podemos perceber que o nome dos cavalos vencedores em sua maioria era estrangeiro, algo que propicia a reflexão de que, com a abertura política desse período, também possa ter incentivado uma aproximação com o mercado europeu de importação genética e novamente se apostando em cavalos com genética europeia<sup>11</sup>.

A Tabela 9 objetiva também fundamentar nossa discussão em torno do nacionalismo e dos incentivos à criação de equinos de raça nacional. Muito embora haja uma ligação muito forte com o eixo europeu e com o platino desde os primeiros registros de atividade do Jockey Club de Pelotas, em 1876, e um rompimento na década de 1930, que perdura até a década de 1950.

<sup>10</sup> "Fundado em 1930, o Jockey Club de Pelotas enfrenta uma grave crise administrativa desde 2004. No final de 2009, o Ministério da Agricultura suspendeu a Carta Patente (uma espécie de alvará para realização de corridas de cavalos). A vistoria do ministério apontou quatro irregularidades básicas: a não apresentação do Relatório Anual de Demonstração Financeira, a não remessa mensal do Relatório de Apuração do Movimento Registrado, a terceirização das ações da Comissão de Corridas e a inexistência de alvará para o funcionamento do serviço de suporte para exploração de apostas". (Pedido de nova carta patente ao Jockey Club é encaminhado ao Ministério da Agricultura, ClicRBS, Porto Alegre, 16 de junho de 2016).

<sup>11</sup>A Associação Brasileira de Criadores do Cavalo de Hipismo (ABCCH), fundada em 1977, é reconhecida pelo Ministério da Agricultura como entidade responsável pelo Serviço de Registro Genealógico (SRG) das raças de equinos utilizadas para a prática do hipismo no país. O SRG é denominado "Stud Book" Brasileiro do Cavalo de Hipismo (SBBCH) (ABCCH, 1998). Os fundadores da ABCCH, com o objetivo de formar e promover a raça Brasileira de Hipismo, iniciaram cruzamentos utilizando garanhões importados ou nacionais, registrados em outras associações, com aptidão reconhecida para esportes hípicas (modalidades de salto, adestramento, concurso completo de equitação ou CCE, pólo e enduro), denominados animais de raças formadoras, e éguas nacionais com ou sem genealogia conhecida, que apresentassem características funcionais e morfológicas necessárias para esportes hípicas, denominadas éguas base (ABCCH, 1998; SBBCH, 1999). (DIAS, I.M.G.I., BERGMANN.J.A.G.,REZENDE.A.C.C, CASTRO.G.H.F., 2000) Disponível em:<https://doi.org/10.1590/S0102-09352000000600016>, Acesso em: 27/07/2021.

A forte inclinação nacionalista do período do governo de Getúlio Vargas incentivava trocas de privilégios, como a concessão das roletas. Em contrapartida, a entidade alterava a escrita do nome, passando a se chamar Jóquei Clube de Pelotas. O mesmo não se observa com relação a outras agremiações, conforme pudemos constatar em nossa pesquisa nas páginas esportivas dos jornais *Diário Popular* e *A Opinião Pública*, no período compreendido entre 1931 e 1950. Nas notícias turfísticas relacionadas a atividades do Hipódromo da Tablada, o jornal *A Alvorada* também respeitava a mudança na escrita do nome da entidade. Através desses detalhes, vamos reconstituindo a dinâmica de funcionamento, planejamento de desenvolvimento das atividades Jóquei Clube de Pelotas<sup>12</sup>.

Em nossa pesquisa nas fontes jornalísticas, mais especificamente nos exemplares da década de 1940 de jornais locais, identificamos mais um indício de que havia uma forte campanha para se priorizar o investimento nas raças nacionais. Artigos de autoria do professor Antonio da Silva Ramos, que lecionava a cadeira de Zootecnia Geral da Escola Agrícola da Bahia, nas páginas do jornal *Diário Popular* de 24 de abril de 1940, na sessão rural, versavam sobre a melhoria do cavalo nacional.

Ainda nesse recorte de 1940, encontramos em todos os jornais pesquisados uma ênfase nas provas do Jóquei Clube de Pelotas. Observamos um cronograma de publicações que antecediam as provas de domingo nos jornais *A Opinião Pública* e *Diário Popular*, iniciando na quinta-feira, com chamadas para as provas e os vencedores das provas de domingo. No sábado, apresentação dos cavalos que disputariam as provas e as movimentações dos prêmios. E, na edição dominical, apresentavam-se as premiações, com informações sobre o transporte até o hipódromo ou os resultados de provas excepcionais disputadas no sábado<sup>13</sup>.

No jornal *A Alvorada*, as publicações se davam apenas com objetivo de divulgar as disputas. As notas publicavam o nome do cavalo, o nome do jóquei que o montaria e o nome do proprietário do animal. Algumas vezes, apresentava-se a genética do animal: lia-se aqui a procedência do cavalo.

Outra característica que chama a atenção, nos exemplares analisados da década de 1940 e 1950, são as votações nos favoritos das provas de sábado. Essas

---

<sup>12</sup> Usaremos essa grafia a partir desse momento.

<sup>13</sup> Vide anexos 3 e 4 deste trabalho.

votações se davam através de urnas localizadas nas redações dos jornais, para onde o leitor poderia se dirigir a fim de depositar seu voto(Figura 16).

**Figura 16** - Resultados de Palpites

Turf	
CONCURSO DE PALPITES COELHO BORGES	
"A Opinião Pública" com 145 pontos :	
Neptuno	— Senal
Roseta	— Nena
MATARO	— Safira
Pachá	— Clarineta
Dinha	— Tubarão
Gaucho	— Nobra
Astro	— Paraíba
"A Luz" com 136 pontos :	
Glaspira	— Neptuno
Nero	— Roseta
Negrinha	— Mataró
Pachá	— Habeca
Itararé	— Tubarão
Gaucho	— Acaso
Paraíba	— Mastro
O "Diário Popular" com 134 pontos :	
Glaspira	— Neptuno
Ofensivo	— Roseta
Safira	— Negrinha
Pachá	— Acaso
Dinha	— Itararé
Gaucho	— Acaso
Paraíba	— Mastro
"A Alvorada" com 112 pontos :	
Glaspira	— Senal
Nero	— Nena
Negrinha	— Mataró
Pachá	— Acaso
Itararé	— Tubarão
Nobra	— Gaucho
Rocio	— Mastro

Fonte: Diário Popular, 27/01/1935. Reprodução da autora, 2021.

Essa iniciativa chama a atenção e remete mais uma vez à reflexão de que havia táticas de divulgação para chamar as atividades. As colunas esportivas dos jornais davam cada vez mais espaço e destaque às provas turfísticas, conforme nossas pesquisas nos jornais aqui analisados. A divulgação do resultado das urnas ocorria geralmente aos sábados, o que demonstra a intenção de direcionar o público para o hipódromo aos domingos.

A análise dos exemplares da década de 1940 mostra um período de impulsionamento das atividades do Jockey Clube de Pelotas, através da aliança com a imprensa local (*Diário Popular* e *A Opinião Pública*), que se esmerava em descrever as atividades do hipódromo. Já não se observa a mesma dinâmica nas narrativas do jornal *A Alvorada*, que nesse período apenas divulga as provas e os resultados, de maneira sintetizada e sem comentários.

Ao observarmos as muitas fases do Jockey Clube de Pelotas, percebemos uma evolução intencional de suas atividades. O que nos faz pensar que não

podemos considerar apenas como produto do acaso a elaboração dessas atividades.

Andreo (2017, p. 107) acredita que “aprender as conexões não elimina a relevância das reflexões desencadeadas a partir da comparação [...]”. Trabalhar e perceber o objeto pesquisado através do levantamento bibliográfico nos ampara para construir ferramentas que lapidem nossa pesquisa e, através de outros olhares, reconstruam trajetórias.

Há uma especificidade nessa entidade. Observam-se estágios de atividades. Primeiramente, as recreativas. Porém, mesmo com atividades de jogos, os participantes exibiam uniformes muito semelhantes aos cavalheiros ingleses dos Jockeys Clubs. Logo após, foram introduzidas provas de cancha reta, e os espaços foram se expandindo, com a busca da sede própria, até culminar no profissionalismo, com a procura de um espaço e uma estrutura ainda maiores. Seguindo essa linha, podemos observar o aprimoramento das atividades da entidade.

Este é um percurso diferente do que observamos em outros Jockeys Clubs de outros estados, como a entidade do Paraná. O Club de Corridas Paranaense<sup>14</sup> iniciou suas atividades como entidade turfística. Em 1940, introduz cavalos argentinos e uruguaios, além da vinda de um lote de potros e potranças de criação de Lenneo de Paula Machado. O nível técnico das corridas do Guabiro tuba obteve grande melhora. Nessa época, foram então instituídas algumas das provas mais importantes do calendário turfístico paranaense, como o Grande Prêmio Paraná e os clássicos Primavera, Carlos Dietzsch e Manoel Ribas. O Grande Prêmio Paraná, reconhecido como a prova máxima do turfe local, foi disputado pela primeira vez no dia 20 de dezembro de 1952, em 3000 metros.<sup>15</sup>

Outros Jockeys do Rio Grande do Sul seguiram trajetória semelhante. O Jóquei Clube de Pelotas é o único que apresenta essa mudança de atividade. Em um primeiro momento, recreativo e de entretenimento. Posteriormente, atividades voltadas ao turfe. Outra especificidade, encontrada nas páginas do *Diário Popular* da

---

<sup>14</sup> O Jockey Club do Paraná surgiu em 2 de dezembro de 1873, com a eleição de sua primeira diretoria, fato que o torna a entidade turfística mais antiga do Brasil. O clube fora organizado pelo hipólogo brasileiro Luiz Jácome de Abreu Sousa, destacado na época pela imprensa como “a alma do turfe”. Em 29 de janeiro de 1874, foi inaugurado o Prado Jácome, representando o marco inicial da história do Jockey Club.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.jockeypr.com.br/wp-content/uploads/2019/01/A-HISTÓRIA-DO-JOCKEY-CLUB-DO-PARANÁ.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2020.

década de 1940, foram as provas femininas. Os concursos femininos eram anunciados juntamente com as provas masculinas. Essa sem dúvida é uma novidade inesperada encontrada durante a pesquisa.

### 3.2 A participação das mulheres nos concursos turfísticos como atrativo de entretenimento e lazer na década de 1940

A principal questão aqui é verificar qual o protagonismo feminino nas reuniões turfísticas. Analisamos como fontes jornalísticas os jornais *Diário Popular*, *A Opinião Pública* e *A Alvorada*. Foram analisadas as capas e as páginas esportivas das publicações nas quais estavam inseridas chamadas que faziam referência ao Jockey Clube de Pelotas e suas atrações para as reuniões de sábado e domingo. Importante salientar que não se esgota a questão nesse momento. O que apontamos são direções que possam, dentro de um contexto temporal mais amplo, posteriormente responder a essa provocação.

Nossas primeiras análises apontam que as provas femininas ocorreram dentro de um espaço temporal de aproximadamente dez anos. A data inicial provável é o ano de 1940, quando aparecem os primeiros anúncios dessas provas dentro dos programas de reuniões do Jockey Clube de Pelotas. Tais provas aparecem descritas apenas nos programas anunciados no jornal *Diário Popular*, não aparecendo no mesmo período analisado nos jornais *A Opinião Pública* e *A Alvorada*.

As premiações das reuniões femininas eram diferenciadas das premiações das reuniões masculinas. Nos concursos femininos, as premiações variavam entre capotes femininos, jogos de chá, bolsas e cobertas de cama.

Este interessante e sensacional concurso duplo tem por brinde nessa reunião, uma interessante e moderna bolsa para senhora, a qual encontra-se em exposição na “Casa das Bolsas”. Não só o interesse natural que tão expressivo programa desperta, como ainda, o valor do prêmio, ofertado gentilmente pelo Jockey Clube de Pelotas, com toda certeza o próximo “meeting” turfístico será muito concorrido e animado de parte do mundo turfístico feminino local. (DIÁRIO POPULAR, 12/03/1940, p. 5).

As premiações das provas masculinas eram todas em dinheiro, havendo apostas e toda a dinâmica de disputas dentro da perspectiva esportiva turfística.

Em todo o período pesquisado, aparece somente um nome de mulher, Arminda Correa, na página 7 do *Diário Popular* de terça-feira, 2 de abril de 1940. Segundo a menção, Arminda Correa havia marcado pontos. Nas demais datas, o jornal não se refere mais a mulheres, ou mesmo às vencedoras dos concursos. O protagonista será sempre o cavalo. Nas reuniões masculinas, o destaque é dado à montaria e ao jóquei.

Segundo as matérias do jornal *Diário Popular*, as provas femininas teriam o objetivo de entretenimento e lazer, sendo sempre anunciadas ao fechamento das provas masculinas principais. Podemos pensar em González (2008), para contextualizarmos a nova elite urbana, sua necessidade de se voltar para novos modelos de sociabilidade e associativismos mais arejados e evolutivos, visando novas formas de interlinks ideológicos e democráticos com vistas à manutenção dessas raízes rurais totalitaristas, a sociabilidade política através do associativismo.

Ao nos depararmos com os anúncios das provas femininas, também eclodiram três principais inquietações: a) como eram as provas direcionadas ao público feminino? b) como essas mulheres eram apresentadas nessas provas? e c) qual destaque essas mulheres tinham dentro dessas reuniões esportivas?

Conforme já apresentamos no Capítulo 1, onde traçamos todo o contexto socioeconômico da Pelotas do século XIX e início do século XX, em que abordamos Pelotas em transição de uma elite rural para uma elite urbana, podemos trazer aqui as discussões de todo o contexto que propiciou essa inovação no turfe pelotense e tentar de alguma forma responder a essas inquietações.

Ao observarmos os anúncios dos concursos femininos dominicais do Jóquei Clube de Pelotas, poderíamos entender que eram apresentados como uma forma de entreter e divertir o público, antecedendo as provas masculinas. Mas aparecem sempre ao final dos anúncios das provas masculinas. Não podemos afirmar com certeza como eram organizadas, ou quais eram as vestimentas das senhorinhas dispostas a essas provas, mas podemos dizer que o nome dessas mulheres não aparecia nos anúncios das provas. Muito menos eram consideradas joquetas. Não apareciam descritos nem o nome nem a genética de seus cavalos. Temos então um indicativo de resposta ao primeiro questionamento. Podemos sucessivamente tentar apontar direções aos outros dois. As mulheres não eram protagonistas em suas disputas ou, conforme colocamos aqui, como tinham intuito de entreter, não podemos tratar como disputas, mas provas de lazer com premiações.

#### Concurso Duplo Feminino

O sensacional e interessante concurso duplo feminino, inteiramente grátis, dotado desta vez, com um valiosíssimo brinde – uma capa de borracha – a qual se encontra em exposição numa das mostras do Bazar da Moda, continua sendo atração do elegante mundo feminino turfístico. O prêmio gentilmente ofertado pelo Sr. Rafael Mazza, proprietário do “Bazar da Moda”, tem sido muito cobiçado e pelas aficionadas que o viram na vitrine que se acha exposto. (DIÁRIO POPULAR, 21/04/1940, p. 7).

Observamos que essa narrativa coloca essas mulheres que se propõem à prova em um lugar doméstico, com premiações realmente classificadas como apropriadas ao universo feminino. Mas trazer esse debate é também pensar as diferentes disputas de gênero que vêm se traçando não só nesse período, mas os enfrentamentos que temos até o momento. Questionar em qual espaço e a forma como a mulher deve ser inserida nesse espaço retrata uma luta pelas diferentes formas de dominação e doutrinação dos corpos.

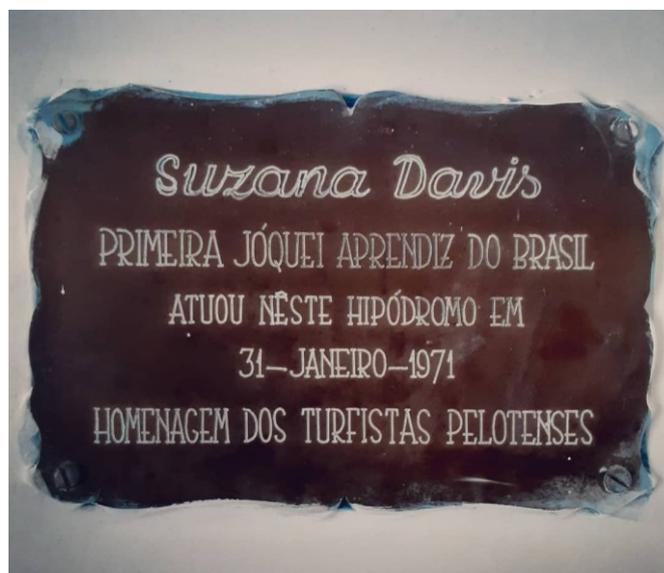
Ao longo do ano de 1931, acompanhamos nas páginas do *Diário Popular* a luta das mulheres pelo voto e educação, no âmbito estadual e federal. Só aqui já temos o panorama de que as mulheres estavam ampliando espaços sociais. Essas mulheres geralmente possuíam curso superior. Não vamos pontuar os dias em que essas narrativas aparecem, pois elas se diluem no período. Delimitar falas específicas seria não contemplar o que priorizamos aqui, de observar o contexto em que as mulheres pelotenses se inseriam.

Podemos supor que o espaço aberto às mulheres nas atividades do Jockey Clube de Pelotas, na década de 1940, situam-se nesse contexto de discussão. As premiações dessas provas femininas também delimitam essa participação.

Não há o rompimento total de paradigmas, pois a virilidade e o laço estabelecido entre o sexo masculino e o cavalo, sinônimo de força, não poderiam ser entregues totalmente ao universo feminino. Essas mulheres ainda são colocadas sob o jugo da frivolidade, do divertimento e do lazer. O turfe é um universo de poder, força e masculinidade. Colocar as mulheres dentro desse esporte seria quase um trabalho homeopático, e a aceitação poderia se dar dentro e somente dentro desse contexto de lazer. Adelman (2011) afirma que “desde o final do século XIX, as práticas esportivas se tornaram um terreno de lutas simbólicas e práticas intensas sobre definições de feminilidade, sobre ‘o que é uma mulher’ e quais as atividades que um corpo marcado como feminino pode ou deve realizar” (ADELMAN, 2011, p. 1).

A prática de inserção das mulheres nas atividades do Jockey Clube de Pelotas pode ser interpretada como forma efetiva de colocar essas mulheres no cenário turfiano. O que acontecerá apenas em 1971, com a primeira jockey aprendiz, Suzana Davis.

**Figura 17** – Placa em Homenagem a primeira jockey aprendiz do Brasil,



Fonte: Acervo da autora.

A homenagem (Figura 17) reforça o fato de que a inserção de mulheres nas provas, entre os anos de 1930 e 1955, perdurou por 10 anos apenas, sendo uma preparação, sim, para a década de 1970. Havia uma trajetória de evolução nas atividades dessa entidade. Havia uma forma específica de cuidado na apresentação dessas provas. E havia a intenção de abrir espaço para as mulheres dentro do esporte. Mas essa intenção não perdurou. Não conseguimos afirmar o porquê de o espaço ter sido retirado.

Mais uma vez invocamos Aldeman (2011) para nos dirigirmos ao corpo feminino inserido como partícipe desse espaço: “Apesar das pressões normativas e dos obstáculos culturais e/ou materiais que encontram no caminho, identifico nas suas práticas e modos de serem elementos de desafio às formas mais convencionais de viver o corpo e a subjetividade” (ALDEMAN, 2011, p. 931).

A forma de rebelar-se dentro desse universo de poder do esporte turfístico poderia trazer também o desconforto claro e real de todo o contexto de uma população, ainda não totalmente libertada do ruralismo. Embora tenha respirado

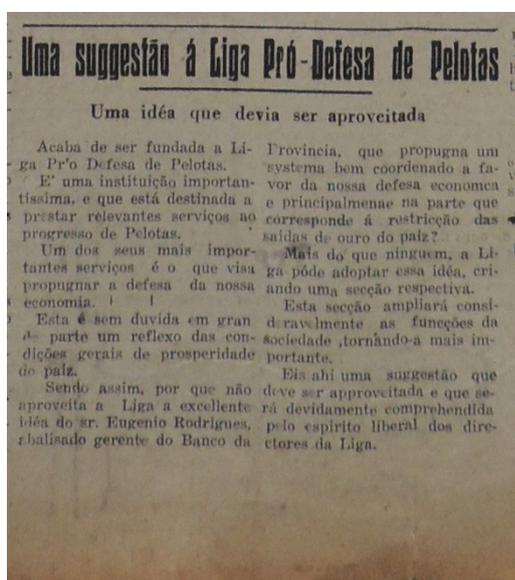
ares do liberalismo europeu, o ambiente ainda se caracterizava por um olhar temeroso sobre a mulher como corpo ativo e competitivo.

Ainda segundo Aldeman (2011, p. 935): “Contudo, esse corpo feminino ‘hipersexualizado’ do momento atual se define em termos muito diferentes do corpo representado como maternal e reprodutivo de períodos anteriores. É aparentemente um corpo ‘ativo’ edesejante, mas também um corpo altamente sujeito a novas regras e formas de vigilância”.

### 3.3 O corpo diretivo e os sócios: associativismo ou corporativismo

Tentaremos mostrar quem eram os sócios do Jóquei Clube de Pelotas no período pesquisado (1930 a 1955) e de que forma estavam inseridos na comunidade pelotense da época. Como foi possível perceber, no momento em que tratamos das atividades do Jóquei Clube de Pelotas, as ligações políticas auxiliaram a entidade em sua trajetória. Foi importante nesse sentido a formação da Liga Pró-Defesa de Pelotas. A constituição da Liga sugere uma unidade de forças para delimitar espaços de hegemonia sociopolítica. A descrição serve à constatação da influência do contexto e do trânsito político colaborativo para a construção do Hipódromo da Tablada, em 1930.

**Figura 18** - Formação da Liga Pró-Defesa de Pelotas



Fonte: Diário Popular 20/01/1931, p. 2. Reprodução da autora, 2021.

No decorrer da pesquisa, levantamos algumas questões que pretendemos responder agora, mesmo sem a pretensão de esgotar o assunto. Primeiramente, é necessário pontuar o que entendemos por associativismo nesse estudo. Entendemos por relações associativistas a união de pessoas com um objetivo comum. Usaremos aqui a descrição de Luchmann (2014), que julgamos mais adequada ao nosso objeto de pesquisa.

Nesse sentido, os avanços na construção de marcos analíticos que permitam capturar a pluralidade do fenômeno associativo implicam identificar as ambiguidades e os limites desse campo de ação social, suas desigualdades de poder e de recursos e as influências dos respectivos contextos e das relações que estabelecem com outros atores e instituições políticas, econômicas e sociais. (LUCHMANN, 2014, p. 161).

Pela definição, percebemos que o associativismo tem limites e depende de contextos para avançar. Assim, analisar o contexto ao qual estavam vinculados os sócios do Jôquei Clube de Pelotas é importante para desenvolvermos esse capítulo. Inicialmente, verificamos que não podemos descolar o termo associativismo do de sociabilidade. Na verdade, entendemos que todos os fatores analisados neste trabalho são dependentes das relações sociais verificadas na entidade. Para Agulhon (2009), uma evolução progressista da sociabilidade acaba por culminar em associações voluntárias, podendo constituir oposições à instituição familiar ou ao Estado, criando associativismos formais ou informais.

Poderíamos discorrer sobre várias questões ligadas às teorias que tratam do associativismo, mas destacaremos um dos aspectos ligados a essa definição, que é o referente ao corporativismo.

Uma vez que a representação era um elemento essencial dos sistemas políticos modernos, os regimes autoritários tenderam a criar instituições políticas nas quais a função do corporativismo foi dar legitimidade à representação "orgânica" e garantir a cooptação e o controle de seções da elite e dos interesses organizados. "Planejar concessões exige um ambiente institucional: algum fórum cujo acesso possa ser controlado, onde as demandas possam ser reveladas sem parecer atos de resistência, onde compromissos possam ser firmados sem escrutínio público indevido e onde os acordos resultantes possam ser abordados de forma legalista e divulgados como tal". (PINTO, 2014, p. 27).

Após definirmos nosso entendimento sobre associações e corporativismo, apresentaremos a equipe diretiva do Jôquei Clube de Pelotas, partindo da etapa de construção, em 1930.

Matéria de Jarbas Plínio de Melo publicada no jornal *Diário Popular* e datada do dia 10 de março de 1974 descreve a constituição da primeira diretoria do Jockey Clube de Pelotas – ainda sob a grafia de Jockey Club de Pelotas. Segundo o jornalista, no dia 22 de junho de 1930, o fato ocorreu em reunião no Clube Comercial presidida pelo coronel Pedro Osório. Ao lado do coronel, o hipólogo gaúcho Joaquim Francisco de Assis Brasil discursou e inaugurou oficialmente o Jockey Club de Pelotas.

**Figura 19** – Artigo de Jarbas Plínio de Melo sobre o Jockey Clube de Pelotas



Fonte: Diário Popular, 10/03/1974. Reprodução da autora, 2021.

Podemos aqui então discorrer, conforme apontado em capítulos anteriores, sobre o quanto foram importantes as cartas enviadas ao governo federal e, em particular, a Assis Brasil<sup>16</sup>, liderança política que proferiu o discurso de constituição da entidade. Mais uma vez, observa-se a importância da Liga Pró-Defesa de Pelotas para o Jockey Club de Pelotas.

A matéria informa que o primeiro estatuto delimitava o período de dois anos para cada equipe diretiva. Em 1938, o período passou a ser de um ano, até, finalmente, em 1948, voltar ao mandato de dois anos. Neste caso, com a ressalva de que o presidente reeleito poderia permanecer somente um ano. De acordo com a matéria, muitos da equipe diretiva atuavam anos como conselheiros, continuando sempre em postos de destaque dentro da instituição.

<sup>16</sup> Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joaquim-francisco-de-assis-brasil>. Acesso em: 20 dez. 2020.

Podemos compreender o ciclo descrito na matéria como parte da necessidade de manter os interesses sociopolíticos que garantiam os interesses da instituição. Por esse motivo, levantamos a inquietação presente no título desse capítulo com relação à característica associativista ou corporativista da entidade. Em função de suas características, da forma como se constituiu e desenvolveu suas atividades, podemos afirmar que ambas as definições são aplicáveis ao Jóquei Clube de Pelotas.

O quadro de presidentes que passaram pela entidade até 1956 permite visualizar como se constituía a direção do Jóquei Clube de Pelotas. Não foi possível apurar todo o corpo diretivo, pois, como já descrevemos, houve várias dificuldades no acesso às fontes, neste período atípico.

Com esse levantamento, tentaremos elaborar o perfil do corpo diretivo. Não vamos nos aprofundar de maneira a traçar perfis, mas podemos ter uma breve descrição do quadro deliberativo à frente da instituição e, ainda que superficialmente, de sua extração social.

**Tabela 10** – Presidentes do Jockey Club de Pelotas, ano de atuação e profissões/realizações

<b>Ano de Atuação</b>	<b>Presidentes</b>	<b>Profissão/Realizações</b>
1930-1932	Flavio de Souza	Médico
1932-1934	José Inácio do Amaral	-
1934-1936	Ariano Requião de Carvalho	Inauguração dos Pavilhões
1936-1938	Hugo Brusque	Médico
1938-1939	Ariano Requião de Carvalho	Inauguração dos Pavilhões
1940-1941	Armando Coelho Borges	Criou caixa dos Jóqueis e os concursos de jornais
1941-1942	José Brusque	Médico
1942-1943	Francisco Caruccio	Empresário da Construção
1943-1944	Victor Manoel Morrone	Orizicultor
1944-1945	Manoel Bonifácio Correa	Médico
1945-1946	Procópio Duval Gomes de Freitas	Político
1946-1947	José Julio Pereira da Silva	-
1947-1948	Albio Faria Petrucci	-
1948-1950	José Manoel Morrone	-
1950-1952	Domingues MorroneCaruccio	Empresário da Construção
1952-1954	Manoel Bonifacio Correa	Médico
1954-1956	Manoel Bonifácio Correa	Médico

Fonte: Diário Popular (diversos). Elaborada pela autora, 2021<sup>17</sup>.

<sup>17</sup> Não foi possível realizar o levantamento completo de atividades, feitos ou ocupações exatas de cada presidente dentro do recorte temporal trabalhado, devido ao acesso restrito às fontes. Os dados que apuramos foram obtidos através dos jornais, permitindomontar a tabela.

Através da Tabela 10, constata-se que a entidade, além de reunir integrantes voltados a um propósito turfístico, também se constituía de um associativismo voltado ao planejamento corporativista, conforme pontuamos no início desse capítulo. As ocupações dos integrantes da presidência, assim como seus feitos dentro da entidade, apontam para gestões em busca constante de reformulações e de avanços das atividades.

Os presidentes exercem profissões de prestígio social, facilitando as necessárias ligações em busca da expansão das atividades da entidade. Pode-se perceber também a presença de articuladores que, embora não ocupem o cargo mais elevado, participam nos bastidores da construção das sucessivas etapas da entidade.

Alguns nomes se repetem na presidência do Jockey Club de Pelotas. Podemos supor que isso ocorra devido à influência que exerciam para articulações dentro e fora dessa entidade. Lembramos que a manutenção do poder de uma elite ligada ao ruralismo era importante para a expansão das atividades turfísticas e econômicas dessa entidade.

**Figura 20** – Diretoria do Jockey Club de Pelotas, 1935



Fonte: Diário Popular 23/6/1935, p. 2, Reprodução da autora, 2021.

Um dos nomes mais significativos para o Jockey Club de Pelotas, descrito em todos os jornais pesquisados como um grande incentivador e mesmo como um grande realizador do Hipódromo da Tablada, Zeferino Costa Filho, aparece na Figura 21 a esquerda ao lado de Julinho Faria, grande turfiano e criador de cavalos, segundo o jornal, e de Renato Almeida, um dos idealizadores do Grande Prêmio Princesa do Sul.

**Figura 5** – Anúncio sobre o Grande Prêmio Princesa do Sul



Fonte: Diário Popular, 8/3/1935, p. 2. Reprodução da autora, 2021.

O coronel Zeferino Costa Filho, nunca chegou a um cargo de presidência da entidade, atuando, de acordo com nossa pesquisa, como um Conselheiro do Jockey Club de Pelotas. Conforme já descrevemos anteriormente, sua atuação foi imprescindível para toda a formação e construção do Hipódromo da Tablada. Embora nunca tenha ocupado um cargo de destaque na entidade, Zeferino Costa Filho sempre foi reconhecido na comunidade turfística como o personagem responsável pela construção deste que foi considerado um dos mais atuantes hipódromos brasileiros (Figura 21).

Todos sabem quem tenha sido o idealizador e o realizador desse empreendimento que é o nosso grandioso Hipódromo. Foi a tenacidade invencível de Zeferino Costa que deu a nossa terra esse seu legítimo orgulho. Foi seu trabalho profícuo, eficiente e tenaz, que surgiu a brilhante realidade de hoje. Justíssimo que relembremos tudo isso agora, quando nasce o melhor e mais auspicioso fruto do seu esforço. (DIÁRIO POPULAR, 08/03/1935, p. 2).

A imagem abaixo da reportagem de página inteira do *Diário Popular* exaltando o corpo diretivo da gestão de Hugo Brusque (Figura 22) mostra a pista de corridas, considerada a segunda maior do Brasil: “Possue atualmente, duas pistas de corridas sendo a interna de areia e a externa toda gramada. Pela situação topográfica do terreno são as melhores do Estado do Rio Grande do Sul e a segunda maior do Brasil” (DIÁRIO POPULAR, 27/01/1936, p. 2).

**Figura 22** – Destaque de página inteira anunciando a diretoria



Fonte: Diário Popular 27/01/1936, p. 2. Reprodução da autora, 2021.

A matéria ressalta que a primeira diretoria lidara com todo o pessimismo derrotista, mas não esmoreceu diante das dificuldades encontradas, colocando o Jóquei Clube de Pelotas em destaque no turfe no Rio Grande do Sul e no Brasil. Relata ainda a estrutura oferecida, colocando até 15 páreos clássicos para animais nacionais, e descreve que Pelotas é o maior centro de criadores de cavalos puro-sangue de carreira, exportando o produto para todo o Brasil. Por fim, descreve a figura do presidente Hugo Brusque como prestigiado e enérgico, procurando moralizar cada vez mais o “Esporte dos reis”, honrando o turfe, aumentando o número de empreendimentos, servindo de exemplo para a posteridade.

As frequentes exaltações e as descrições rebuscadas nas páginas dos jornais talvezm seja mais um indicativo da força e prestígio social que exerciam as diretorias do Jóquei Clube de Pelotas. Com frequência, os diretores eram retratados nas páginas dos jornais.

**Figura 23** – Diretoria do Jôquei Clube de Pelotas 1943



Fonte: Diário Popular 23/3/1943, p. 2. Reprodução da autora, 2021.

A legenda da Figura 23 indica que talvez não sejam apenas elogios, tratando-se do prestígio da equipe diretiva da entidade na cidade de Pelotas e quiçá na região Sul do estado.

**Figura 24** – Vitor Morrone, presidente do Jôquei Clube de Pelotas em 1943



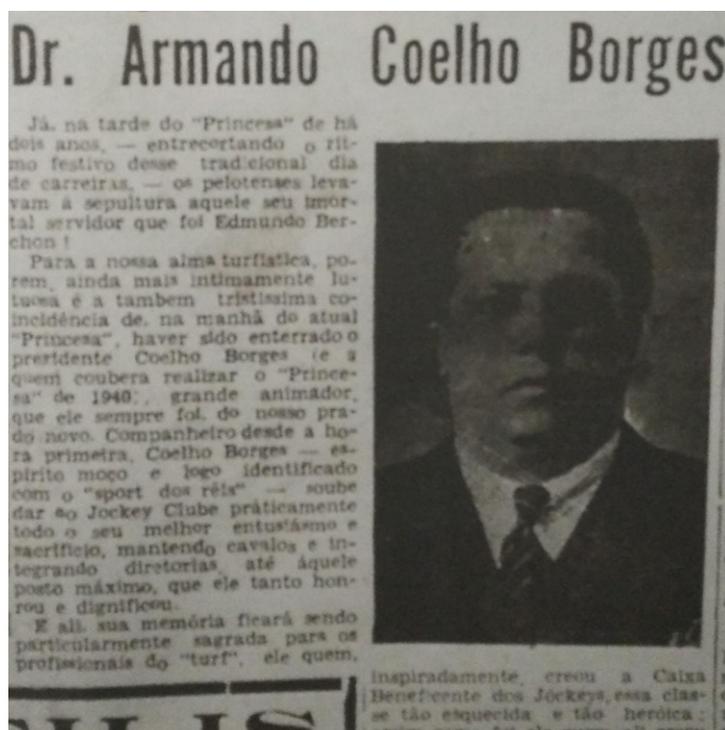
Fonte: Diário Popular, 23/3/1943, p. 2. Reprodução da autora, 2021.

A Figura 24, recorte da reportagem com a foto da equipe diretiva, destaca o presidente Vitor Morrone, com o anúncio da prova do Grande Prêmio Princesa do Sul, registrando a movimentação e agitação que o evento traria para o Hipódromo da Tablada. Ao transcreever a reportagem, também destacamos a centralidade da figura do presidente do Jôquei Clube de Pelotas, símbolo de força e poder de uma figura altiva e forte, importante para a propaganda da entidade.

Mas o período de alegrias estava por findar. O Grande Prêmio Princesa do Sul passou a carregar uma marca de superstições. A matéria reproduzida na Figura

25 trata do falecimento de uma figura significativa para o Jockey Clube de Pelotas, Armando Coelho Borges, que foi um dos presidentes do Jockey (Tabela 10), sepultado no dia do Grande Prêmio Princesa do Sul, entristecendo a data.

**Figura 25** – Morte de Armando Coelho Borges em 1944, sepultado na tarde do Grande Prêmio Princesa do Sul



Fonte: Diário Popular, 7/3/1944, p.8. Reprodução da autora, 2021.

Quando ainda todos lamentavam a morte de Coelho Borges, mais uma tragédia se abateu sobre o Jockey Clube de Pelotas. Desta vez, causando enorme perplexidade, às vésperas da comemoração do décimo quarto aniversário da entidade e próximo ao Grande Prêmio Princesa do Sul. No dia 20 de junho de 1944, desaparecem em um acidente aéreo o coronel Zeferino Costa Filho e o repórter José Ferraz Viana, então membro da direção. Uma pequena nota é então publicada no *Diário Popular*, suspendendo todas as comemorações de aniversário (Figura 26).

**Figura 26** – Nota da Diretoria suspendendo as comemorações pelo 14o aniversário do Jóquei Clube de Pelotas



Fonte: Diário Popular, 25/6/1944, p. 2. Reprodução da autora, 2021.

A trágica morte do fundador da entidade provocaria muitas homenagens ao entusiasta do turfe. Na Figura 27, reportagem destaca a passagem do coronel pela entidade e seu empenho para fundar o Jóquei Clube de Pelotas e viabilizar a construção do Hipódromo da Tablada.

**Figura 27** – Reportagem homenageando a trajetória de Zeferino Costa



Fonte: Diário Popular, 27/6/1944, p. 8. Reprodução da autora, 2021.

A reportagem traz o contexto trágico e inesperado da morte das duas importantes figuras do turfe às vésperas das comemorações de aniversário da entidade. A data ficaria marcada na história da entidade. Zeferino é descrito nas páginas dos jornais como um homem de visão, como quem reergueu o turfe pelotense após a extinção do cinquentenário Derby (localizado no Bairro Fragata) e iniciador do novo Prado.

Exaltar a figura desse idealista parece sobretudo moldar um perfil de herói a lembrar em tempos difíceis ou a exaltar em momentos de comemorações. As frases reservadas a Viana eram tímidas comparadas à exaltação feita a “Ferico”, como

carinhosamente costumavam chamar Zeferino Costa Filho. O coronel ficou marcado na história. A rua em frente ao Hipódromo da Tablada leva seu nome.

Após essas marcas trágicas na história do Jockey Clube de Pelotas, em maio de 1954 se abre um importante momento para a trajetória da entidade: a assinatura da escritura de propriedade definitiva do terreno, em cerimônia na Câmara de Vereadores de Pelotas. Conforme descrito nas páginas do jornal *Diário Popular*, o terreno esteve em aforamento por 30 anos. Porém, não foi o que constatamos. A escritura havia sido concedida em aforamento perpétuo, mas isso inviabilizaria a venda ou fatiamento do terreno em que se encontra o Hipódromo da Tablada. Na Figura 28, além de autoridades, destaque para a presença de cronistas esportivos, o que mostra a importância do ato de assinatura da escritura.

**Figura 28** – Aquisição do Terreno do Hipódromo da Tablada em 1954



Fonte: Diário Popular, 7/5/1954, p. 7. Reprodução da autora, 2021.

A partir da imagem anterior, uma nova história é contada. Uma nova etapa deverá ser investigada a partir de um olhar histórico e múltiplo, como pretendemos fazer nessa pesquisa. Não nos interessamos apenas em contar uma perspectiva, mas sim puxar variados fios que possam ser ligados em qualquer tempo ou recorte temporal.

Procuramos traçar uma perspectiva de como essa entidade se constituiu ou se entendeu, dentro de todo um contexto temporal, sendo atingida de várias formas

por acontecimentos globais ou locais, que a fizeram se repensar de maneiras diferentes, a cada período.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessas considerações finais sobre as questões formuladas acerca da trajetória do Jockey Club de Pelotas, no recorte temporal de 1930 a 1955, temos a consciência de que ainda há muito a ser desvelado. Tratamos aqui de uma perspectiva, de um possível olhar histórico, mas ainda há outros possíveis olhares e perspectivas históricas. Deixamos aqui apenas um recorte temporal, um pequeno recorte dentro de uma trajetória de mais de 100 anos de existência do Jockey Club de Pelotas, uma história não contada antes, dentro de uma totalidade narrativa histórica.

Reportamo-nos a um período histórico. Não é tarefa simples. Escolhemos para esse fim trabalhar com fontes jornalísticas, mesclando com documentos oficiais, arquivos e memórias de pessoas que foram colando pequenos fragmentos dentro de sua memória de vida.

Atravessamos algumas dificuldades, não pelo curso normal da pesquisa, mas frente a algo maior e mais devastador. Ao sairmos a campo para a coleta de dados e informações, enfrentamos uma pandemia de proporções jamais vistas dentro da sociedade moderna, a SARS COVID-19.

Esse contexto foi significativo para essa investigação. Foi impossível acessar as principais fontes da pesquisa, em um curto espaço de tempo. Nem todas as fontes estavam digitalizadas, pois os jornais encontram-se em acervo da Bibliotheca Pública Pelotense, na Biblioteca de Rio Grande e era necessário realizar outras visitas – além da que consegui fazer – ao Hipódromo da Tablada.

Mas não julgamos que nossa pesquisa tenha sido comprometida, e sim que tenha aberto um caminho para novas investigações. Como todo ineditismo, há ainda muito a se apurar e investigar.

A escolha das fontes jornalísticas se justifica por ser um dos meios de informação mais utilizados no período abrangido pela pesquisa. Através delas, e de documentos oficiais, pudemos perceber como a instituição comunicava suas atividades e se apresentava para a sociedade.

As fontes permitiram que percebêssemos como a trajetória do Jockey Club se desenvolveu em uma perspectiva coerente, mesmo que com etapas bem diferenciadas de atuação. Ao findar da pesquisa, percebemos uma evolução

perceptível das atividades, na medida em que a entidade expandia seu campo de atuação.

Com esse olhar, observa-se o que vai além da procura de um espaço mais amplo para as corridas de cavalo, mas que envolve um esforço político, uma força tarefa de amantes de um esporte que exercia certo fascínio na elite, mas também se estruturava através do universo popular, movimentando o setor de apostas, dos palpites que podiam ser entregues na redação dos jornais. De certa maneira, podemos até especular sobre formas de esquentar as apostas no dia dos concursos.

Além disso, de que outra forma teríamos a revelação da participação nos concursos de mulheres durante um período aproximado de dez anos, talvez uma preparação para as futuras joquetas da década de 1970 no Jockey Club de Pelotas? O contato com as fontes jornalísticas proporcionou surpresas que muito provavelmente nem a própria entidade tenha descrito em sua memória oficial.

Ao relatar um pouco da trajetória da entidade, não é possível ter a dimensão da grandiosidade dessa história, que tratamos de contar no decorrer desse trabalho, ao longo dois capítulos.

A expansão é visível através das mudanças de sede e no cuidado com os locais de atividades, que retratam uma trajetória pensada para a consolidação das atividades esportivas, seja no início, em 1876, espelhando-se em um modelo Inglês de Jockey Club, ou a partir de 1930, quando adota uma identidade vinculada ao nacionalismo que avançava no país.

Tornou-se um desafio responder como se deu a mudança da entidade do bairro Fragata para a região da Tablada, e em que contextos. Fomos entendendo esse processo de mudança na medida em que mergulhamos na pesquisa das fontes.

As tentativas de seguir um padrão ideal para a construção do hipódromo eram associadas à necessidade de estabelecer um espaço de poder, com seleção de associados para o Jockey Club. Ao mesmo tempo, havia a dependência da movimentação de apostas por um público mais popular, como forma de garantir as atividades da instituição.

A escolha do local não se deu somente pela viabilidade de acesso, mas também por ligações políticas e sociais, que caminharam juntas ao longo da história da entidade, no período pesquisado. Verificaram-se braços políticos tanto a nível municipal e estadual, mas também em nível federal. Isso permitiu à entidade a

concessão de alguns privilégios como a exploração de jogos de azar, a concessão por parte do governo municipal do terreno em que está instalado até os dias de hoje e a facilidade de se colocar nos espaços de centralismo de poder local.

Uma de nossas surpresas nesse trabalho se deu no momento em que a entidade, na década de 1940, abriu espaço para a participação feminina em suas provas, tirando as mulheres de um lugar meramente espectador, colocando-as como seres participativos de suas atividades. Mesmo essa participação feminina, porém, mostra limites com relação às provas de competição masculina. Mas não podemos deixar de observar esta como uma inovação importante no período. Mesmo que, até onde verificamos, tenha perdurado por apenas 10 anos, a semente foi plantada. Em 1970, a entidade passou a admitir, como aprendiz, a primeira jóquei feminina.

Apontamos como importante o papel da Liga Pelotense, dentro da entidade, a partir de 1935, momento em que aflora o apoio ao nacionalismo. A mudança da escrita do nome da entidade, de Jockey Club para Jóquei Clube, demonstra, segundo entendemos, uma manifestação de apoio à formação da aliança nacionalista pelotense.

Referente aos sócios, constatamos a participação ativa de profissionais liberais, como médicos, advogados, administradores de empresas, políticos e alguns poucos sócios ligados ao Exército. Não podemos identificar nem apurar com precisão a atuação de cada membro ligado à diretoria, em virtude do contexto pandêmico aqui colocado e das limitações de acesso ao acervo.

Mas conseguimos apontar alguns fatores que para nós são importantes. Como, por exemplo, o fato de que, embora o Jockey Club tenha se apresentado como uma iniciativa associativista de uma elite ruralista, oriunda dos áureos tempos saladeiros, criadores e incentivadores de melhoramento da raça de cavalos puro-sangue, esse associativismo passou por modificações.

A transmutação dessa elite se dá através da urbanização e do investimento dos ruralistas na educação de seus filhos. Podemos observar esse fator no número de profissionais liberais ligados à equipe diretiva, na década de 1930, quando se observa fortemente todo o braço de ligações políticas dentro dessa entidade. O que justifica o olhar mais empreendedor identificado dentro do Jockey Club de Pelotas e toda a preocupação com a propaganda e expansão das atividades.

A entidade, embora pareça fechada dentro de um ciclo específico de sociabilidade, torna-se eclética em função de sua expansão, com modificação do

perfil elitário ao popular. Em 1955, na comemoração de seu Jubileu, inaugura várias ampliações de sua sede, voltadas a atrair o público mais popular. Com isso, apresenta novas possibilidades de apostas e abre seus salões sociais a festas que incorporavam a participação de jóqueis e tratadores.

A análise de trajetória do Jockey Club de Pelotas mostra que suas etapas de expansão espelham os avanços da cidade. A trajetória dessa entidade é carregada de dualidades: a expansão das atividades do Jockey Club de Pelotas, segundo nosso olhar, se apoia nas redes sociopolíticas de sua época. Suas dificuldades se dão pelo fato de essas expansões dependerem de um contexto macroeconômico que nem todo o prestígio de seus sócios e diretores foi capaz de dar conta. Embora seja um espaço de seleção e simbolismo, as redes de sociabilidade vão se arejando, ao longo do período pesquisado, sendo produto de seu tempo.

## REFERÊNCIAS

### FONTES

JORNAL A ALVORADA. Pelotas (RS), Maio/1935.

JORNAL A OPINIÃO PÚBLICA. Pelotas (RS), Junho/1932, Junho/1933, Abril/1940.

JORNAL CORREIO MERCANTIL. Pelotas (RS), Março/1876; Julho, Setembro, Novembro, Dezembro/1877; Fevereiro, Março, Maio/1878; Março, Maio, Outubro, Novembro/1879.

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Porto Alegre (RS), n. 87, Junho/1954; Março, Abril, Junho/1955.

JORNAL DIÁRIO POPULAR. Pelotas (RS), Janeiro/1924; Janeiro/1931; Janeiro/1936; Abril/1940; Janeiro/1942; Março/1943; Março, Junho/1944; Maio/1954; Março/1974.

PELOTAS (RS). 1<sup>o</sup> Registro de Imóveis de Pelotas. **Carta de Sentença Cível da Ação de Medição e Demarcação de Terras**. Registro em: 30 de abril de 1953. Certidão registrada no livro 3-O, folha 19, sob o número 21.749.

### DOCUMENTOS EM MEIO ELETRÔNICO

A HISTÓRIA do Jockey Club do Paraná. Por Raphael Munhoz da Rocha. Disponível em: <https://www.jockeypr.com.br/wp-content/uploads/2019/01/A-HISTÓRIA-DO-JOCKEY-CLUB-DO-PARANÁ.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2020.

A VARIG foi criada para servir. **Varig Brasil**. Por Otto Meyer. Disponível em: <https://www.varig-airlines.com/pt/20.htm>. Acesso em: 25 mai 2021.

GRANDE Prêmio Princesa do Sul marca retomada do Jockey Club de Pelotas. **ClicRBS**, Porto Alegre (RS), 2011, s/p. Disponível em: [www.clicrbs.com.br](http://www.clicrbs.com.br). Acesso em: 15 dez. 2020.

JOCKEY Club será reaberto neste domingo. **ClicRBS**, 2010, s/p. Disponível em: [www.clicrbs.com.br](http://www.clicrbs.com.br). Acesso em: 15 dez. 2020.

LEÓN, Zênia de. Os Bondes em Pelotas – anovidade no Rio Grande do Sul. Pelotas (RS). **Viva o charque**. 2 mai. 2012. Disponível em: <http://www.vivaucharque.com.br/interativo/artigo22>. Acesso em: 25 jun. 2021.

PEDIDO de nova carta patente ao Jockey Club é encaminhado ao Ministério da Agricultura. **ClicRBS**, Porto Alegre (RS), 16 jun. 2016. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/pelotas/2010/06/16/pedido-de-nova-carta-patente-ao-jockey-club-e-encaminhado-ao-ministerio-da-agricultura>. Acesso em: 15 abr. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. **Prefeita visita Jockey Clube reaberto após as obras de readequação.** Pelotas (RS), 12 fev. 2020. Disponível em: <http://www.pelotas.com.br/noticia/prefeita-visita-jockey-club-reaberto-apos-as-obras-de-readequacao>. Acesso em: 9 fev. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. **Prefeitura libera a construção de novos empreendimentos no Hipódromo.** Pelotas (RS), 2019, s/p. Disponível em: <https://www.pelotas.rs.gov.br/noticia/promotoria-libera-a-construcao-de-novos-empreendimentos-no-hipodromo>. Acesso em: 20/12/2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. **Prefeitura libera licenças para instalação da Havan em Pelotas.** Pelotas (RS), 25 jun. 2019, s/p. Disponível em: [www.pelotas.rs.gov.br](http://www.pelotas.rs.gov.br). Acesso em: 20 dez. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. **PROMOTORIA Libera a construção de novos empreendimentos no hipódromo.** Pelotas (RS), 29 abr. 2019. Disponível em: [www.pelotas.rs.gov.br/noticia/promotoria-libera-a-construcao-de-novos-empreendimentos-no-hipodromo](http://www.pelotas.rs.gov.br/noticia/promotoria-libera-a-construcao-de-novos-empreendimentos-no-hipodromo). Acesso em: 3 jan. 2020.

RECUPERADA antiga sede do Jockey Club. **ClicRBS**, Porto Alegre (RS), janeiro de 2013. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2013/01/predio-historico-e-recuperado-em-pelotas>. Acesso em: 15 fev. 2020.

## BIBLIOGRAFIA

AGULHON, Maurice. La sociabilidad, la sociologia y la história (Prefácio). In: \_\_\_\_\_. **El Círculo Burgués: La sociabilidad em Francia, 1810-1848.** Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 1977.

\_\_\_\_\_. **El Círculo Burgués.** Traducción de Margarita Polo. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2009.

ADELMAN, Miriam. As mulheres no mundo equestre: forjando corporalidades e subjetividades “diferentes”. **Estudos Feministas**: revista do Instituto de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina, vol. 19, n. 3, p. 931-53, 2011. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/24327988>> Acesso em: 20 jun. 2021.

ANDREO, Igor Luis. América Latina e as histórias transnacionais, conectadas e cruzadas: a comparação ainda é pertinente para o campo historiográfico? **Revista História: Debates e Tendências**, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo (RS), vol. 17, nº 1, p. 101-110, jan./jun. 2017.

ANTUNEZ, José Leonel da Luz. **CAVG: História de um Patronato.** Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 1996.

ARIÈS, Philippe. A história das mentalidades. Tradução de Eduardo Brandão. In: LE GOFF, Jacques. **A História Nova.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BACH, Alcir Nei. **Patrimônio Agroindustrial**: Inventário das fábricas de compotas de pêssego na área urbana de Pelotas (1950-1990). 2017. 239f. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas (RS), 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.ufpel.edu.br/handle/prefix/6180?mode=full>. Acesso em: 18 agost. 2021

BANDEIRA, Ana da Rosa. **Diário Popular de Pelotas/RS**: a forma gráfica de um projeto editorial (1890-2016). 2018. 268f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS), 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufpel.edu.br/handle/prefix/6180?mode=full>. Acesso em: 18 agost. 2021

BARROS, José D'Assunção. A fonte histórica e seu lugar de produção. **Cad. Pesq. CDHIS**, Uberlândia, v. 25, n. 2, p. 407-429, jul./dez. 2012.

BASTOS, Michele Souza. **Arquitetura ausente**: o centro histórico de Pelotas, RS (1835-2011). 2013. 334f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas (RS), 2013.

BEM, Emmanuel. População. In: LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osório (Orgs.) **Dicionário de História de Pelotas**, 4. ed. Pelotas: Editora da UFPel, 2017.

BERTONCINI, Maria Priscila Dias. **Um estudo crítico e comparativo entre as ações de preservação do patrimônio edificado em Laguna/SC e Pelotas/RS, no período de 1985 a 2017**. 2019. 138f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas (RS), 2019.

BERNARDO, Maria Ana. **Sociabilidade e Distinção em Ébora no século XIX. O Circulo Eborense**. Lisboa: Cosmos, 2001.

BONTEMPO, Carla Gabriela Cavini. Imigração. In: LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osório (Orgs.) **Dicionário de História de Pelotas**. 3. ed. Pelotas: Editora da UFPel, 2017. 295 p.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Trad. Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. 2. ed. Porto Alegre (RS): Zouk, 2015. 560 p.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales**. 1929-1989. A Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: UNESP, 1991.

CAETANO, Rosendo. Evolução da tinta: o Diário Popular de Pelotas nos anos 1920. **História em Revista**, Pelotas, v. 19, p. 361-371, dez./2013.

CARVALHO, Thais Freitas de. A cidade à noite: tensões e sociabilidade no espaço público pelotense (Pelotas-RS, 1930-1939). **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 18, n. 29, 2017.

CATHARINA, Roberta Taborda. **Ordenanças urbanas e ideia de cidade: o primeiro e o segundo plano diretor de Pelotas e os temas de urbanismo do século XX**. 170f. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas (RS), 2012.

CURVELO, Marialice Rocha Guimarães Rosa. **Anemia infecciosa equina: epidemiologia e distribuição espacial no estado da Bahia**. 2014. Dissertação (Mestrado em Defesa Agropecuária) – Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (BA), 2014.

GILL, Lorena Almeida. Epidemias. In: LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osório (Orgs.). **Dicionário de História de Pelotas**. 3. ed. Pelotas: Editora da UFPel. 2017. 295 p.

GONZÁLEZ, Bernaldo de Quirós Pilar. **Civilidad y política em los Orígenes de la Nación Argentina: las sociabilidades en Buenos Aires**. 2. ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2008.

GUTIERREZ, Ester J. B. **Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense**. 2. ed. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 2001.

KITANI, Enzo; BERTAZOLLI, Gabriel. Jockey Club do Paraná: do surgimento aos dias atuais. **Revista Núcleo de Estudos Paranaenses** (Dossiê Oligarquias do Nordeste no Brasil), Curitiba, v. 5, n. 2, dez./2019.

LEÓN, Zênia de. **OS BONDES em Pelotas - a novidade no Rio Grande do Sul. Viva o Charque. Pelotas (RS)**, 2 de maio de 2012. Disponível em: <<http://www.vivaucharque.com.br/interativo/artigo22>> Acesso em: 25 jun. 2021.

LIMA, Aline Mendes. Escola Técnica. In: LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osório (Orgs.). **Dicionário de História de Pelotas**. 3. ed. Pelotas: Editora da UFPel, 2017. 295 p.

LIMA, Clodoaldo Griep de. **É preciso falar sobre a verdadeira preservação do Jockey Club**. 26 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.diariopopular.com.br/opiniaio/e-preciso-falar-sobre-a-verdadeira-preservacao-do-jockey-club-140742/> Acesso em: 26 jan. 2021.

LONER, Beatriz; AQUINI, Daniel. Economia. In: LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osório (Orgs.). **Dicionário de História de Pelotas**. 3. ed. Pelotas: Editora da UFPel, 2017. 295 p.

LONER, Beatriz Ana. **Classe Operária: Mobilização e organização em Pelotas:**

1888-1937. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS), 1999. Vol. 1.

LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osorio (Orgs.) **Dicionário de História de Pelotas**. 3. ed. Pelotas: Editora da UFPel, 2017. 295 p.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2. ed., 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2005.

LUCHMANN, Lígia Helena Hahn. Abordagens teóricas sobre o associativismo e seus efeitos democráticos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 29, n. 85, 2014.

MAIA, Rene Guilherme. **Jockey Club do Rio Grande do Sul: patrimônio moderno e requalificação urbana**. 145f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS), 2012.

MARTINS, Jefferson Teles. O “Novo Nacionalismo” no Pós-Primeira Guerra no pensamento de Alcides Maia, Fernando Luis Osório e Jorge Salis Goulart. In: **XI Salão de Iniciação Científica – PUCRS**, p. 808-813, 2010.

MELO, Vitor Andrade de. Um hipódromo suburbano: a experiência do Club de Corridas Santa Cruz (Rio de Janeiro – 1912/1918). **Revista Topoi**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 40, p. 157-184, jan./abr. 2019.

HEINZ, Flávio M. **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

MESSEDER, Alexandre. **A língua e a nacionalidade**. Rio de Janeiro: Gráfica Apollo, 1935.

MESQUITA, Natiele; SCHIAVON, Carmem. Movimento negro no ensino de história: o jornal A Alvorada como uma possibilidade de concretização da lei 10.639/03. **Revista Latino-Americana de História** (Edição Especial PPGH-UNISINOS), São Leopoldo (RS), vol. 2, n. 6, ago./2013.

MIRANDA, Cássia. Iluminação. In: LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osório (Orgs.). **Dicionário de História de Pelotas**. 3. ed. Pelotas: Editora da UFPel, 2017. 295 p.

MÜLLER, Dalila. **“Feliz a população que tantas diversões e comodidades goza”**: Espaços de Sociabilidade em Pelotas (1840-1870). 2010. 399 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo (RS), 2010.

NOVAIS, Fernando Antonio; SILVA, Rogério Forastieri da. **Historiografia; metodologia da história; ciências sociais**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NOVAIS, Fernando; SILVA, Rogério. **Nova história em perspectiva. Propostas e desdobramentos**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

OLIVEIRA, Elisabete Porto de. **Viagem na memória do Fragata**: estudo sobre a história e cultura de um “bairro cidade”. 2007. 92f. Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural: Conservação de Artefatos) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas (RS), 2007.

PEREIRA, Ester Liberato. **Configurações sócio-históricas da equitação no Rio Grande do Sul**: uma investigação das redes de interdependência nas práticas esportivas equestres. 2016. 254f. Tese (Doutorado em Ciência do Desenvolvimento Humano) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS), 2016.

PEREIRA, Ester Liberato; SILVA, Carolina Fernandes da; MAZO, Janice Zarpellon. O turfe em Porto Alegre/Rio Grande do Sul: aspectos históricos de uma prática cultural esportiva. **EFDeportes.com**, Revista Digital. Buenos Aires, año 15, n. 150, Noviembre de 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/> 2010, p. 1). Acesso em: 15/07/2021

PINTO, António Costa. O corporativismo nas ditaduras da época do Fascismo. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 30, n. 52, p.17-49, 2014.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

RAMOS, Tibério Vargas. Diário de Notícias vivia o apogeu em 1952. In: **Memória Famecos**, Núcleo de Comunicação e Memória Institucional, 2015. Disponível em: <http://projetos.eusoufamecos.net/memoria/diario-de-noticias-vivia-o-apogeu-em-1952/>. Acesso em: 12 nov. 2020.

RETZLAFF, Kevin. **Banqueiros e coronéis**: um estudo sobre as relações políticas e econômicas das elites locais e o Banco Pelotense (1906-1931). Dissertação (Mestrado em História) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

RODRIGUES, Ana Carla Ferreira; SANTOS, Carlos Alberto Ávila. Pelotas: o sobrado da esquina das ruas Sete de Setembro e Felix da Cunha. **XVII Seminário de História da Arte**. Universidade Federal de Pelotas, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/40>. Acesso em: 11 abr. 2020.

SANTOS, Henrique Machado dos; FLORES, Daniel. O documento arquivístico digital enquanto fonte de pesquisa. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Revista da Escola de Ciência da Informação da UFMG, Belo Horizonte, v. 21, n. 4, p.121-137, out./dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/jvYzBMtkQmx88jrNNd8rRVR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2019.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; GIGLIO, Sérgio Settani. **O papel da memória na construção da identidade organizacional: a Sociedade Jockey Club (1868-1932)**. Rio de Janeiro: Record, v. 10, n. 1, jan./jun. 2017. p. 1-21.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. Resistência à monopolização do entretenimento: carreiras em cancha reta e nos prados gaúchos na segunda metade do século XIX e início do XX. In: XIV Encontro Estadual de História – ANPUH-RS, 2018, Porto Alegre (RS). **Anais [...]**. Porto Alegre: PUC/RS, 2018. Disponível em: [http://www.eeh2018.anpuh-rs.org.br/resources/anais/8/1531079859\\_ARQUIVO\\_AnnpuhRS2018JoaoMCMSantos.pdf](http://www.eeh2018.anpuh-rs.org.br/resources/anais/8/1531079859_ARQUIVO_AnnpuhRS2018JoaoMCMSantos.pdf). Acesso em: 21 fev. 2021.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; VARGAS, Jonas; REMEDI, José Martinho Rodrigues. “Uma reunião de carreiras de cavalos”: lazer, esporte e os paradoxos da modernidade no Rio Grande do Sul, séculos XIX e XX. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 45, p. 682-704, set./dez. 2020. Disponível em: [www.revistatopoi.org](http://www.revistatopoi.org). Acesso em: 23 jun. 2021.

SANTOS, Patrícia Duarte. Jockey Club de Pelotas: a preservação como fonte histórica. In: XVII Congresso de Iniciação Científica (CIC/UFPel). X Encontro de Pós-Graduação (ENPOS/UFPel), 2008, Pelotas (RS). **Anais [...]**. Pelotas: UFPel, 2008. Disponível em: [https://www2.ufpel.edu.br/cic/2008/cd/pages/pdf/LA/LA\\_00908.pdf](https://www2.ufpel.edu.br/cic/2008/cd/pages/pdf/LA/LA_00908.pdf). Acesso em: 15 mar.2021

SOARES, Paulo. Saneamento. In: LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osório (Org.). **Dicionário de História de Pelotas**. 3. ed. Pelotas: Editora da UFPel, 2017. 295 p.

TAMBARA, Elomar Calegaro; QUADROS, Claudemir de; BASTOS, Maria Helena Câmara. A educação (1930-80). In: GERTZ, Rene; BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Orgs.). **República. Da revolução de 1930 à ditadura militar (1930-1985)**. Passo Fundo (RS): Méritos, vol. 4, 2007. p. 315-333.

TEIXEIRA, Larissa Plamer. Sociabilidade nos Hotéis Pelotenses: o Hotel Aliança nos séculos XIX e XX. In: **12º Fórum Internacional de Turismo do Iguassu**. Foz do Iguaçu (PR), 2018. Disponível em: <http://festivaldascataratas.com/forum-turismo/anais/2018/historia-cultura/sociabilidade-nos-hoteis-pelotenses-o-hotel-alianca-nos-seculos-xix-e-xx.pdf> Acesso em: 18 jun. 2019.

TOGNOLI, Natália Bolfarini. **A contribuição epistemológica canadense para a construção da arquivística contemporânea**. 2010. 120 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília (SP), 2010.

VARGAS, Jonas M. **“Os barões do charque e suas fortunas”**. Um estudo sobre as elites regionais brasileiras a partir de uma análise dos charqueadores de Pelotas (Rio Grande do Sul, Século XIX). São Leopoldo: Oikos, 2016. 340 p.

VARGAS, Mariluci Cardoso de. Transportes. In: LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osório (Orgs.). **Dicionário de História de Pelotas**. 3. ed. Pelotas: Editora da UFPel, 2017. 295 p.

VICENTE, Magda de Abreu. **O Patronato Agrícola Visconde da Graça em Pelotas/RS (1923-1934):** gênese e práticas educativas. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas (RS), 2010.

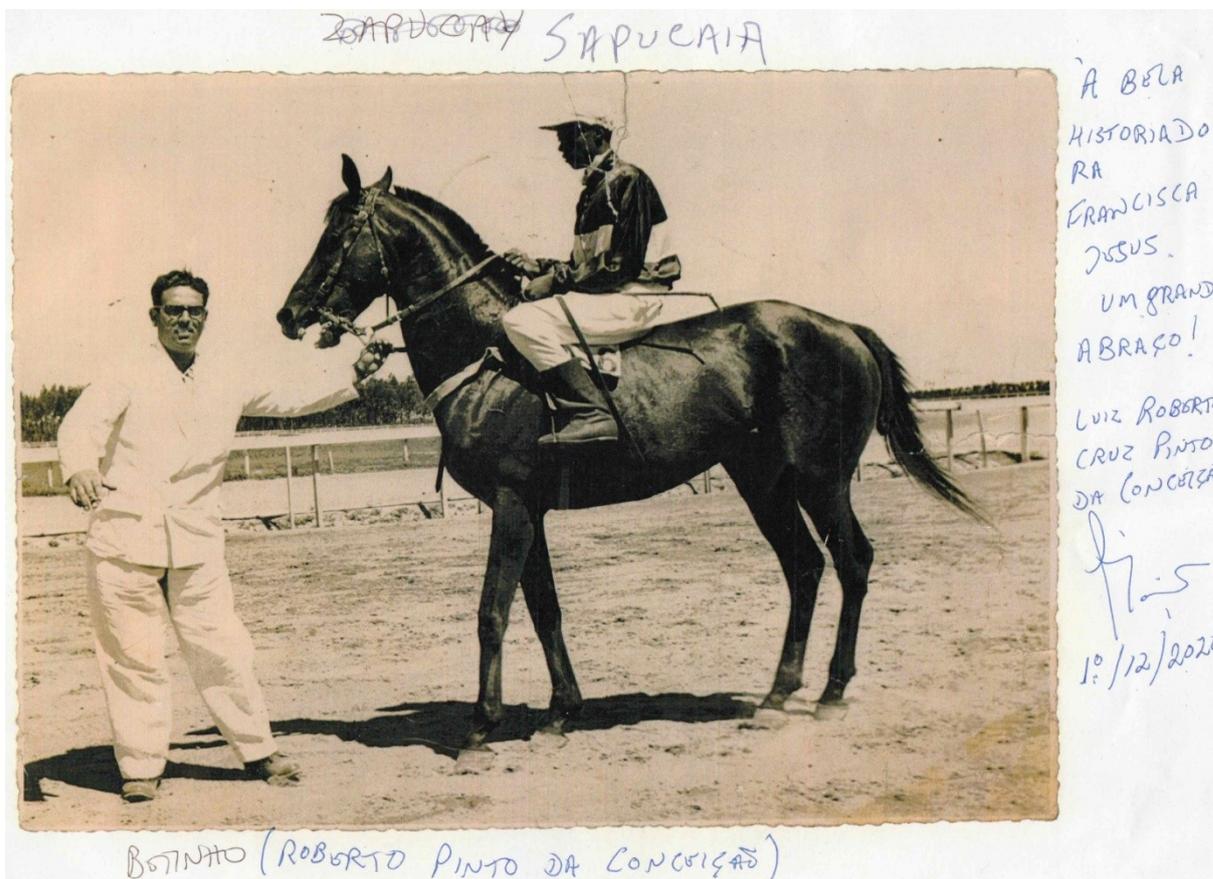
WILLIAMS, Raymond. A imprensa e a cultura popular: uma perspectiva histórica. **Projeto História**. São Paulo, n. 35, p. 15, dez/2007.

WITTMANN, Maria Cristina Gonçalves. **Trilhos urbanos**. 2006. 68f. Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural Conservação de Artefatos) – Pós-Graduação em Artes, Instituto de Artes e Design, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas (RS), 2006.

ZANELLA, Bianca. Irregularidades ameaçam o funcionamento do Jockey Club de Pelotas. **ClicRBS**, Porto Alegre, 28 dez. 2009. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/pelotas/2009/12/28/irregularidades-ameacam-o-funcionamento-do-jockey-club-de-pelotas/>. Acesso em: 19 fev. 2021.

## **ANEXOS**

**Anexo 1** – Dedicatória de Luiz Roberto Pinto Cruz da Conceição, filho de Betinho Conceição, turfmen que na década de 1950 se dedicou ao Jockey Clube de Pelotas. Hoje pesquisa de modo informal as histórias dos grandes páreos do Hipódromo da Tablada. Acervo pessoal de Luiz Roberto Pinto Cruz da Conceição.



Anexo 2 – Folheto com propaganda da 18ª Corrida Oficial – 26/5/1935. Acervo pessoal de Luiz Roberto Pinto Cruz da Conceição.

# JOCKEY CLUB DE PELOTAS

## SRS. FAZENDEIROS

Salvem os seus animais com o emprego dos remédios veterinários dos "Laboratórios Raul Leite".

**Kuros:** - Injetável contra todas as doenças infecciosas dos animais.

**Placos:** - Crème cicatrizante, contra cortes, feridas, etc.

**Kratos:** - Super-fortificante em pó para animais.

**Polivitaminos:** - Vitaminas irradiadas (do óleo de fígado de bacalhão).

**Vitos:** - Contra a diarreia dos bezerros, potros, etc.

**Cresos:** - Específico para bicheiras e feridas.

**Vacina c/ a raiva:** - Ação preventiva.

VACINAS CONTRA O CARBUNCULO HEMATICO E CONTRA O CARBUNCULO SINTOMATICO.

DOMINGO, 26 DE Maio DE 1935

18ª CORRIDA OFFICIAL

A'S 12 1/2 HORAS

PROGRAMMA



## ENTRADAS

Entrada especial com direito ao ensilhamento.. 2\$000  
 Geral ..... 1\$000

Senhoras gratis

## SRS. TURFISTAS

Protejam os seus animais com os medicamentos veterinários dos "Laboratórios Raul Leite".

**Sedos:** - Crème revulsivo para as inflamações das juntas; **Artros:** - Injetável contra o reumatismo, e inflamações articulares, agudamento, artrites etc.; **Ionus:** - Fortificante injetável para animais; **Sedocólos:** - Específico injetável contra as cólicas dos cavalos; **Coagulase:** - Injetável contra as hemorragias dos animais; **Toxoide tetânico:** - Preventivo do tétano; **Vermifugo para cavalos:** - Contra os vermes dos equinos; **Vacina contra o garrotilho e a pneumonia equina:** - Preventiva e curativa; **Vacina contra a poliartrite e o aborto das eguas:** - Preventivo e curativo.

Por especial gentileza da Light, a partir do meio dia, sairão turmas de bondes para o Prado, directamente.

CORTESIA DE SEU DINARTE

**Anexo 3 – Folheto 1: Divulgação dos concorrentes aos páreos no Jockey Club de Pelotas – 1950. Acervo pessoal de Luiz Roberto Pinto Cruz da Conceição.**

PÁREOS	ANIMAIS	Pesos	C. Fila	PELOS	G. Sangue	FILIAÇÕES	CÓRES	INSCRITORES
<b>1.º</b> <b>«Haras Natal»</b> 1.200 mts. – A's 13,15 Pr. Cr\$ 3.500,00, e 700,00	1-1 Vindicador	53	1	Alazão	P. S.	Impacto	Grenat cinto preto	Stud Uruguaina
	2-2 Fugitivo	53	2	Alazão	• •	Airoso	Azul, branco e enedo.	Stud Santa Bárbara
	3(3) Tangedor	53	4	Cast. esc.	• •	New Year	Branco, diag e cast azul	Stud Universal
	4(4) Universo	53	6	Alazão	• •	General Brilhante	Grenat faixa amarela	Stud Alfredo
	5(5) Rangedor	56	5	Zaino	• •	Ranger	Encarnado, ferraduras e mgs. brancas	Stud Tuffy
	6(6) Tosca	53	3	Castanho	• •	Perseus	Ciclamen	
VENCEDORES ( 1.º .....		Div. ( Simples .....		PLACAS ( .....		Tempo : .....		
( 2.º .....		( Dupla .....						
<b>2.º</b> <b>«Julito»</b> (Polar-Star e Julita II) (Sem descarga) 1.200 mts. – A's 13,45 Pr. Cr\$ 3.000,00, e 600,00	1-1 Picante	56	3	Cast. esc.	P. S.	Envite	Rosa faixa verde	Stud Progresso
	2-2 Rockmoy	50	1	Alazão	• •	Protodentio	Marren ferraduras vermelhas	Stud Amarelinho
	3(3) Surucucú	50	6	Alazão	15/16	Origan	Azul, branco e enedo.	Stud Santa Bárbara
	4(4) Big	50	4	Tordilho	P. S.	Buenrevés	Verde diagonal ouro e mgs. encda.	Stud La Várzea
	5(5) Bombo	56	5	Alazão	3/4	Bombardier	Branco mangas pretas	Stud Marôa
	6(6) Abará	50	2	Alazão	15/16	Farrapo	Branco mangas azuis	Stud Tutuna
VENCEDORES ( 1.º .....		Div. ( Simples .....		PLACAS ( .....		Tempo : .....		
( 2.º .....		( Dupla .....						
<b>3.º</b> <b>«Bombardier»</b> (Amsterdam e Blair Royal) (Tríplice Pequeno) 1.200 mts. – A's 14,25 Pr. Cr\$ 3.000,00, 600,00 e 300,00	1(1) Rufi	56	2	Castanho	1/2	Marroeiro	Maravilha mangas ouro	Stud Casulo
	2(2) Rocinante	53	4	Alazão	1/2	Soliman	Encda. branco e quad. e mgs. encda.	Stud Martilero
	3(3) Alada	53	1	Castanho	1/2	Alcazar	Ouro estrelas encda.	Stud Juarez
	4(4) Tamborete	56	6	Cast. esc.	P. S.	Cabôelo	Bordeaux estrela oca.	Stud Tr's. Garotas
	5(5) Peral	56	5	Alazão	1/2	Copetón	Celate, faixa e largão. brancas	Stud Isabela
	6(6) Serra Morena	53	7	Cast. esc.	P. S.	Amoroso	Celeste cruz ouro	Stud São Luiz
	7(7) Holão	50	8	Tostado	• •	Hollyhoek	Azul mangas brancas	Stud Jaguarao Grande
	8(8) Silver Mar	50	9	Cast. esc.	1/2	Silver Pin	Vermelho faixa amarela e verde	Stud Silver Sun
	9(9) Ibaré	53	3	Alazão	P. S.	Hoover	Branco	Stud Faz
	10(10) Rustico	53	10	Alazão	• •	Trial	Ciclamen	Stud Tuffy
	11(11) Aegná	56	11	Alazão	1/2	Queñi	Amido constelação branca	Stud Dos Rapazes
VENCEDORES ( 1.º .....		Div. ( Simples .....		PLACAS ( .....		Tempo : .....		
( 2.º .....		( Dupla .....						
<b>4.º</b> <b>«Offensor»</b> (The Painter e Our Queen) (Sem descarga) 1.000 mts. – A's 14,55 Pr. Cr\$ 4.000,00 e 800,00	1-1 Silver Fox	56	1	Testado	1/2	Silver Pin	Marren ferraduras verm.	Stud Amarelinho
	2-2 Oração	54	2	Tordilho	P. S.	Origan	Verde mangas brancas	Stud Populino
	3-3 Sparkembreke	56	4	Alazão	• •	Milagre	Branco mangas azuis	Stud O. R. G.
	4(4) Benito	56	3	Cast. esc.	1/2	Bien-Visto	Encdo. diagonal verde	Stud J. V.
	5(5) Mistério	56	5	Castanho	3/4	Rolon	Azul mangas brancas	Stud Lourenço
VENCEDORES ( 1.º .....		Div. ( Simples .....		PLACAS ( .....		Tempo : .....		
( 2.º .....		( Dupla .....						

O concurso simples popular (Cr\$ 3,00), têm início no 1.º páreo e encerra-se ás **11,00 horas** na sede-social.

Páreos dos triplices-simples 3.º, 4.º e 5.º (Pequeno Cr\$ 2,00) e 6.º, 7.º e 8.º (Grande Cr\$ 10,00) respetivamente.

**Anexo 4 – Folheto 2: Divulgação dos concorrentes aos páreos no Jockey Club de Pelotas - 1950**

PÁREOS	ANIMAIS	Fozos	C. Pilo	PELOS	G. Sangue	FILIAÇÕES	CARRS	INSCRITORES	
<b>5.º</b> «Grande Prêmio "Julio Faria Filho" 1.000 mts. — A's 15,35 Prêmios Cr\$ 10.000,00, e Cr\$2.000,00	1-1	Dalla	56	5	Castanho	3/4	Dogai	Marinho	J. Maria Moreira & Cia. Irmãos Anderson G. Carricó & H. Keesman José Morrone Carricó Germano Bohns Santos & Azevedo
	2-2	Montezuvio	53	3	Tordilho	1/2	Moquete	Amarelo, gola, tx. e pombos brancos	
	3	Olmo	50	1	Alazão	3/4	Rinocete	Amarelo castanho branco	
	4	Mirska	48	4	Tordilho	3/4	New Year	Marron, cruz, Wallá e noga, cinza	
	4	Faroleda	48	2	Castanho	P.S.	Farolito	Ouro mangas verdes	
6	Ringotá	48	6	Cast. esc.	1/2	Rinocete	Amal, gola e mangas amarela		
VENCEDORES ( 1.º .....		Div. ( Simples .....		PLACÉS ( .....		Tempo : .....			
<b>6.º</b> «Siete y Medio (Ile Sancy e Eva, ex-ivresse) 1.300 mts. — A's 16,15 (Triplíce Gde. e Duplo) Pr. Cr\$ 3.500,00, 700,00 e 350,00	1	Anidro	56	8	Castanho	3/4	Agil	Cara, gola e pombos azuis	Stud Dédé Goudelaria Estrêla Stud La Várzea Stud Progresso Stud Sta. Joaquina Stud Elno Star Luzzardi & Esandar Stud São Bento Stud Guaraxaim
	2	Chaqueiro	53	2	Cast. esc.	P.S.	Cauteloso	Marinho	
	3	Platense	56	5	Cast. esc.	P.S.	Simpático	Verde, diag, ouro e rpg, encicat.	
	4	Canário	56	6	Castanho	1/2	Sinfônico	Rosa faixa verde	
	5	Porriro	50	3	Alazão	P.S.	Origan	Branco mangas verdes	
6	Metiozo	56	3	Cast. esc.	" "	Gringaso	Branco, noga, encicat, estrela azul		
7	Sapuão	56	7	Castanho	1/2	Lépio	Azul mangas brancas		
8	Bom Amigo	53	1	Castanho	1/2	Bien Visto	Great esteras brancas		
9	Idêntico	56	4	Cast. esc.	1/2	His Highness	Amal, cruz branca e noga-brta.		
VENCEDORES ( 1.º .....		Div. ( Simples .....		PLACÉS ( .....		Tempo : .....			
<b>7.º</b> «Duggan» (Siete y Medio e Her. ricote) 1.600 mts. — A's 18,55 Pr. Cr\$ 5.000,00, 1.000,00 e 500,00	1-1	Marquês	50	5	Cast. esc.	P.S.	Marquito	Encicat de esteras brancas	Stud Roales Stud Verdiana Stud Almoréa Stud Yatay Stud Mirim Stud Canaletto Stud Pelotas
	2	Wave Crest	50	1	Castanho	" "	Gran Corso	Verde, gola, cruz branca	
	3	Corsário Negro	53	4	Cast. esc.	" "	Convert	Ouro diagonal azul	
	4	Lochie!	50	6	Alazão	" "	Parlanchin	Marinho ferraduras vermelhas	
	5	Cná Preto	50	3	Cast. esc.	1/2	El Tony	Branco esteras encotas.	
6	Satanás	56	5	Castanho	P.S.	Canaletto	Marinho listra brancas		
7	Onimazrona	50	7	Alazão	1/2	Popoff	Azul faixa amarela		
VENCEDORES ( 1.º .....		Div. ( Simples .....		PLACÉS ( .....		Tempo : .....			
<b>8.º</b> «Bentancour» (Offensor e Bellona II) 1.200 mts. — A's 17,35 Pr. Cr\$ 3.000,00, 800,00 e 300,00	1	Hamburgo	50	7	Castanho	P.S.	Pay Pay	Rosa faixa verde	Stud Progresso Stud Esperança Stud São Gonçalo Stud Amarelhinho Stud Arbolito Stud Don Angel Stud Palmar Stud Armbrí Stud Gavião
	2	Zungueliro	50	1	Castanho	15/16	Zuncho	Roxo mangas laranja	
	3	Rocante	50	3	Castanho	1/2	Rêco-vêco	Branco, gola, cruz e pombos azuis	
	4	Rocknay	50	4	Alazão	P.S.	Protendente	Marron ferraduras vermelhas	
	5	Pimpollito	50	2	Tordilho	6/8	Alorçado	Branco, gola e tx. verde	
6	Beleño	50	5	Castanho	P.S.	Bodeguero	Galopio, gola e listras brancas		
7	Giboia	50	6	Alazão	" "	Ayacucho	Verde diagonal brca, gram		
8	Alcaçuz	59	8	Castanho	1/2	Alcaçuz	Beijo		
9	Gavião	50	9	Tostado	15/16	Don Angel	Preto faixa branca		
VENCEDORES ( 1.º .....		Div. ( Simples .....		PLACÉS ( .....		Tempo : .....			

Pareos do triplice-duplo (Cr\$ 3,00) ; 6.º, 7.º e 8.º. O jogo do triplice-duplo encerra-se com as apostas do 5.º páreo.

**Anexo 5 – Informativo com Banca Julgadora de Páreos no Jockey Club de Pelotas – 1950. Acervo pessoal de Luiz Roberto Pinto Cruz da Conceição.**

**INFORMAÇÕES**

*Juízes de chegada:* Dr. Ariano de Carvalho, Anibal da Costa Leite, Dr. Procópio Duval Gomes de Freitas, Francisco Julio de Melo, Luiz Schuch, José Manuel Morrone e Bertholdo Fetter.

*Comissão de corridas:* Cyro Araujo Echabe, Vitor Manoel Morrone, Sílio Schuch, Dirceu Rosa Delamare e Roberto-José de Souza Kaufmann

*Suplentes:* Dr. José-Facundo de Oliveira e Aimé Ferreira Brito.

*Starters:* Vitor Manoel Morrone, Dirceu Rosa Delamare e Dr. M. Bonifácio Corrêa.

*Diretores de ensilhamento e pesagem:* Cap. Hélio da Silva Miranda Manoel Lopes Mota.

*Diretores de apostas:* Dr. Orlando Rego Magalhães e Francisco de Paula Martins.

*Diretor do jogo de remates:* Germano-Oswaldo L. Nusbaunn.

*Diretor do jogo de acumuladas:* Dr. Naum S. Keiserman.

*Diretores de Concursos populares:* Alfredo Rodrigues Guimarães e Francisco de Paula Martins.

*Diretores de arquibancadas e portões:* Júlio A. Altarach, Augusto de Melo Teixeira e Celso Carvalho.

*Veterinário oficial:* Dr. José-Adolfo Lourenço Lisboa.

*Cronometrista:* Dr. Procópio Duval Gomes de Freitas.

**NOTAS**

Só depois de arreada a bandeira vermelha, do mastro da casa de julgamento, será considerada válida a carreira, para todos os efeitos. O animal indócil que impossibilitar a largada, escoado o tempo regulamentar, ficará inteiramente sujeito às ordens do "Starter".

A Comissão de Corridas reserva-se o direito de desclassificar o animal cujo jóquei tenha cometido infração, que autorize tal medida.

Desclassificado um animal, as apostas nele feitas, perdem para todos os efeitos. É da alçada da Diretoria alterar a ordem dos páreos.

Os bilhetes de apostas são válidos até cinco (5) dias depois de efetuada a carreira. Não serão pagos os bilhetes rasgados.

Erro, ou equívoco, praticado por qualquer empregado ou autoridade do Jockey-Club de Pelotas, no exercício de suas funções, não sujeita este a qualquer indenização.

**ATENÇÃO**

A quem não quiser submeter-se às decisões da Diretoria, roga-se não comprar bilhetes de apostas.

**BONIFICAÇÕES DAS ACUMULADAS**

Os prêmios a serem abonados às Acumuladas vencedoras, tanto para as de VENCEDOR como as de DUPLAS, serão:

ACUMULADAS de 2 páreos 15% — ACUMULADAS de 3 páreos 40%  
ACUMULADAS de 4 páreos 60% — ACUMULADAS de 5 páreos 80%

Anexo 6 – Divulgação da 26ª Reunião: Programa Oficial do Grande Prêmio Júlio Faria Filho - 2/7/1950. Acervo pessoal de Luiz Roberto Pinto Cruz da Conceição.

**Jockey Club de Pelotas**

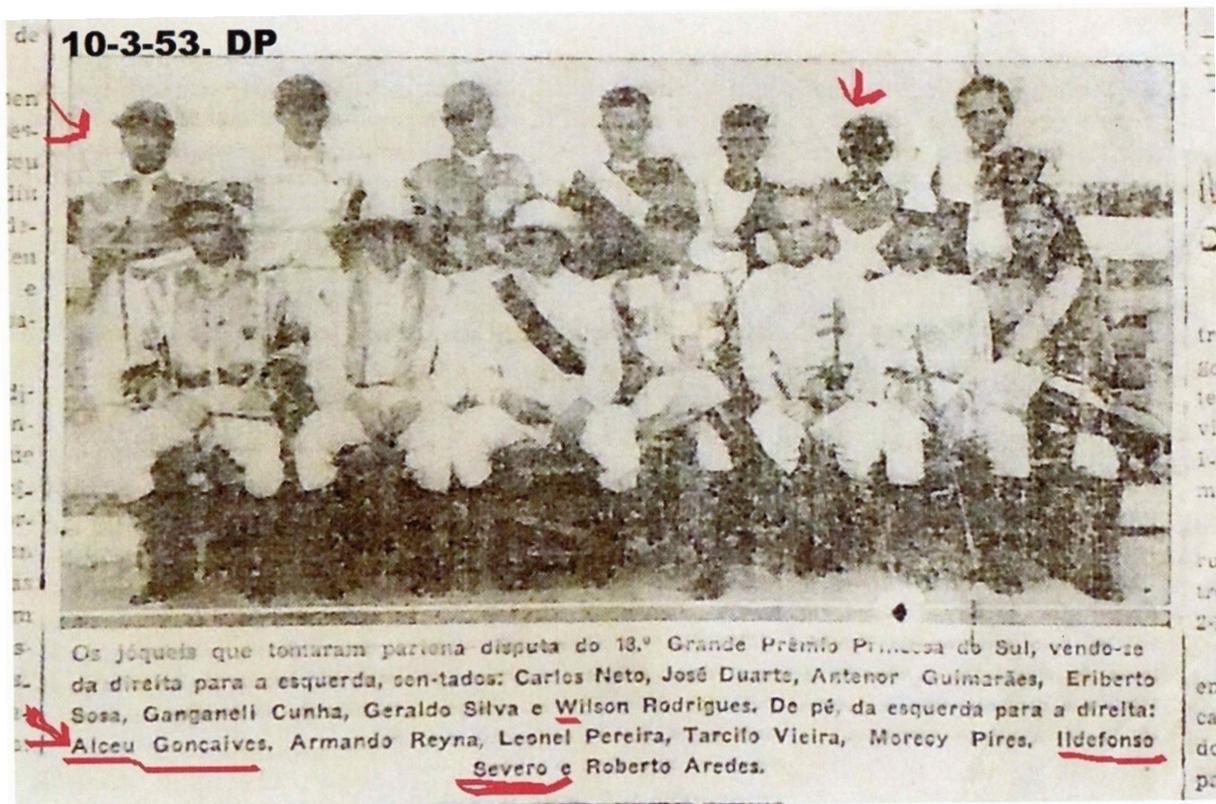


**PROGRÂMA OFÍCIAL PARA A 26.ª REUNIÃO,**  
com a realização do Grande Prêmio "Júlio Faria Filho"  
a efetuar-se domingo, 2 de julho de 1950

**INÍCIO A'S 12,15 HORAS**

Behanque & Cia.  
**Faça a sua ACUMULADA**  
CORTESIA DE SEU DINARTE

Anexo 7 – Foto oficial dos jôqueis que disputaram o 18º Grande Prêmio Princesa do Sul – Jornal Diário Popular, 10/3/1953



**Anexo 8 – Carta de Sentença com aquisição do terreno original do Hipódromo da Tablada pela Câmara Municipal de Pelotas - 30/4/1953**

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL - ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL



MARIO PAZUTTI MEZZARI - OFICIAL

**CERTIDÃO**

Certifico que conforme o Livro 3-O, na folha 19, sob número 21.749, em 30 de abril de 1953, consta o registro de uma Carta de Sentença Cível da Ação de medição e demarcação de terras pertencentes ao logradouro público de Pelotas, passada em 03 de novembro de 1853, escrivão Francisco José Ferreira Lagoas, sendo adquirente: **CÂMARA MUNICIPAL DE PELOTAS**, referente ao imóvel seguinte: **AS TERRAS** do logradouro público da cidade de Pelotas, o qual foi estabelecido no ano de 1.821 no centro de planície que separa os Arroios de Pelotas e Santa Barbara e bota águas para ambos os arroios por um declive imperceptível e foram medidas e demarcadas judicialmente nos anos de 1.851 e 1.852 pelo piloto José Maria Ribas, conforme declaração seguinte: partindo do marco primário o qual esta colocado no lugar mencionado nos autos da medição, e seguindo pela linha e braços notadas nos mesmos autos, se encontra num valo, o qual se estende paralelamente com uma estrada; aquele marco linha e valo divide com terreno de José Vieira Vianna com o terreno do logradouro, ficando aquele para o noroeste e este para sueste; da borda do sobredito valo que borda a referida estrada, seguindo o mesmo rumo e nove braços, como consta do processo, cuja distância foi por cima da mesma estrada; levantou-se o segundo marco, o qual ficou na borda de um outro valo, cuja linha e marco divide pelo noroeste o terreno de Francisco José de Salles, ficando para o sueste o terreno de Héreo Sebastião Dias de Oliveira e para o sul o terreno do logradouro, ainda por valo e marco confronta com Sebastião Dias de Oliveira, ficando o logradouro para sul e oeste e aquele para o norte e leste; ainda por valo e marco divide com o mesmo Sebastião Dias de Oliveira, cujo terreno fica para o norte e o logradouro para o sul; também por valo e marco divide a noroeste com o citado confrontante; entre o 5º e o 6º marco fica a estrada do Monte Bonito, sendo que o 6º marco divide ao norte com terras do tenente Coronel Elizeu Antunes Maciel, também por valo, e o 7º marco divide ao norte e oeste com o mesmo tenente coronel Elizeu Antunes Maciel, com o qual também divide a oeste, por valo até o 8º marco e também até o 9º marco, onde também divide com a Estrada das Tropas; pela Estrada das Tropas divide a noroeste com terras de Joaquim José Cardoso até o 10º marco; com a mesmo confrontante, a sudoeste até o 11º marco; desde até o 14º marco divide ao norte com terras do Dr. Antonio José Gonçalves Chaves; dai até o 15º marco divide a oeste com terras de João Batista de Oliveira; dai o 16º marco divide a oeste com terras de Manoel Silveira de Avila, com o qual

... segue no verso...

Rua Anchieta, 2122 - sala 801 - Pelotas/RS - CEP: 96.015-420 - Fone/Fax: (53) 3225 8867

E-mail: certidao@mezzari.com.br

**Anexo 9 – Lei n. 485 autoriza a alienação do imóvel do Hipódromo da Tablada para o Jockey Club - 15/12/1953**

**LEI Nº 485**

Autoriza a alienação do imóvel.

O DOUTOR MÁRIO D. MENEGHETTI, Prefeito de Pelotas.

Faço saber que a Câmara Municipal decretou e eu sanciono e promulgo a seguinte lei:

Art. 1º - É o Poder Executivo autorizado a alienar, pelo preço de cinquenta cruzeiros (Cr\$ 50.000,00), ao Jokey Club de Pelotas, a área de terreno onde o mesmo acha-se situado, medindo 28 Ha. 69a 42ca de superfície e com as seguintes confrontações: ao norte-nordeste numa extensão em linha reta de 412 metros, com terrenos do Município, ocupados pelo Departamento da Aeronáutica Civil, a leste, numa extensão em linha reta de 760 metros, com terrenos do Município e frente à estrada chamada do Logradouro Público; ao sul, também por uma linha reta de 491,80, com frente à Avenida Contorno; finalmente, ao noroeste, por uma linha quebrada, medindo 758,50 metros e frente à rua Zeferino Costa.

Art. 2º - As despesas decorrentes da transação de que trata esta lei correrão conta do adquirente.

Art. 3º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE PELOTAS, EM 15 DE DEZEMBRO 1953.

Dr. Mário D. Meneghetti  
Prefeito

Registre-se e publique-se

Respondendo pelo Expediente da  
Diretoria Geral

Anexo 10 – Escritura Pública do Hipódromo da Tablada – 28/4/1954

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL - ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL



MARIO PAZUTTI MEZZARI - OFICIAL

CERTIDÃO

Certifico que conforme o Livro 3-P folha 64 sob número 23.285, de 15 de maio de 1954, consta o registro de uma escritura pública de compra e venda, lavrada em 28 de abril de 1954, tabelião José Luiz Caputo, pelo valor de Cr\$50.000,00, sendo transmitente: Prefeitura Municipal de Pelotas, representada pelo Prefeito Dr. Mario David Meneghetti, brasileiro, médico, nesta cidade, autorizado pela Lei nº 485 de 15/12/1953 e adquirente: **JOCKEY CLUB DE PELOTAS**, representado pelo Presidente Dr. Manoel Bonifácio Corrêa, médico e pelo Tesoureiro Victor Manoel Morrone, orizicultor, ambos brasileiros, casados, nesta cidade, proprietários, referente ao imóvel seguinte: **A ÁREA DE TERRENO**, onde o adquirente (Jockey Club de Pelotas) acha-se situado, medindo vinte e oito hectares, sessenta e nove ares e quarenta e dois centiares (**28ha.69a.42ca.**) de superfície e com as seguintes confrontações: ao norte-nordeste numa extensão em linha reta de quatrocentos e doze metros (412m00) com terrenos do município, ocupado pelo Departamento de Aeronáutica Civil, a leste numa extensão em linha reta de setecentos e sessenta metros (760m00), com terrenos do município e frente a estrada chamada Logradouro Público; ao sul também por uma linha reta de quatrocentos e noventa e um metros e oitenta centímetros (491m80) com frente a Avenida Contorno; finalmente a noroeste por uma linha quebrada medindo setecentos e cinquenta e oito metros e cinquenta centímetros (758m50) e frente a Rua Zeferino Costa.-

REGISTRO ANTERIOR: Livro 3-O, folha 19, sob nº 21.749 deste Serviço Registral.-

REGISTRO POSTERIOR: (Alienações, Promessa de Alienações e etc...)

**Matrícula número 41.242**, em data de 03 de setembro de 1996, foi aberta a matrícula nº 41.242, referente a área acima descrita em virtude de registro penhora. Posteriormente a referida área foi desmembrada, conforme consta das matrículas números 42.128 a 42.134, deste Serviço Registral.-

O referido é verdade e dou fé.-

Pelotas, dezessete (17) de novembro de dois mil e vinte (2020).-

  
**Silvio Luis Silva Andrade**  
Escrevente Autorizado

Cert. Transcrição 23.285 Livro 3P Folha 64 - 1 pg: R\$9,20  
(0428.00.1900001.99554 = R\$1,90)  
Busca(s): R\$19,00 (0428.00.1900001.99554 = R\$3,80)  
Proc. eletrônico de dados: R\$5,00 (0428.00.1900001.99554 = R\$1,40)  
**TOTAL: R\$40,30** Cod. 308642



A consulta estará disponível em até 24h  
no site do Tribunal de Justiça do RS  
<http://go.tjrs.jus.br/selodigital/consulta>  
Chave de autenticidade para consulta  
**099234 53 2020 00067220 73**

Rua Anchieta, 2122 - sala 801 - Pelotas/RS - CEP: 96.015-420 - Fone/Fax: (53) 3225 8867  
E-mail: [certidao@mezzari.com.br](mailto:certidao@mezzari.com.br)

## TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, Francisca Mesquita Jesus, matrícula nº19104060 declaro para todos os fins que o texto em forma de ( x ) Dissertação de mestrado ou ( ) Tese de Doutorado, intitulado **JÓQUEI CLUBE DE PELOTAS: ASSOCIATIVISMO, SOCIABILIDADES E CIVISMO – 1930 A 1955**, é resultado da pesquisa realizada e de minha integral autoria. Assumo inteira e total responsabilidade, sujeitando-me às penas do Código Penal (“Art. 184. Violar direitos de autor e os que lhe são conexos”).

Pelotas, 27 de Novembro de 2021.

Francisca Mesquita Jesus

---

**ASSINATURA**